

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE ENFERMAGEM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

**THAÍS MARANHÃO DE SÁ E CARVALHO**

**COMO NOS TORNAMOS O QUE SOMOS:  
MEMORIAIS ACADÊMICOS EM ENSAIO ÉTICO-ESTÉTICO**



Imagem 1: *O Sedutor*. Adriana Varejão (2004).

**PORTO ALEGRE, RS  
PANDEMIA (ANO 2), 01 OUTUBRO DE 2021**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE ENFERMAGEM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

THAÍS MARANHÃO DE SÁ E CARVALHO

**COMO NOS TORNAMOS O QUE SOMOS:**  
MEMORIAIS ACADÊMICOS EM ENSAIO ÉTICO-ESTÉTICO

PORTO ALEGRE, RS  
PANDEMIA (ANO 2), 01 DE OUTUBRO DE 2021

THAÍS MARANHÃO DE SÁ E CARVALHO

**COMO NOS TORNAMOS O QUE SOMOS:  
MEMORIAIS ACADÊMICOS EM ENSAIO ÉTICO-ESTÉTICO**

Tese elaborada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Área de Concentração: Cuidado em Enfermagem e Saúde

Linha de Pesquisa: Tecnologias do cuidado em enfermagem e saúde

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Henriqueta Luce Kruse

PORTO ALEGRE, RS  
PANDEMIA (ANO 2), SETEMBRO DE 2021

## CIP - Catalogação na Publicação

Maranhão , Thais

Como nós tornamos o que somos: memoriais acadêmicos em ensaio ético-estético / Thais Maranhão . -- 2021.  
134 f.

Orientador: Maria Henriqueta Luce Kruse.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Memoriais. 2. Filosofia da Enfermagem. 3. Ensaio. 4. Ético-estético. 5. Foucault. I. Luce Kruse, Maria Henriqueta, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

THAÍS MARANHÃO DE SÁ E CARVALHO

**COMO NOS TORNAMOS O QUE SOMOS:**  
MEMORIAIS ACADÊMICOS EM ENSAIO ÉTICO-ESTÉTICO

Tese APROVADA como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 1 de outubro de 2021

**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Maria Henriqueta Luce Kruse  
Presidente - PPGENF/UFRGS



Prof. Dr. Jorge Manuel Nunes Ramos do Ó  
Membro - Universidade de Lisboa/ Instituto de Educação



Profa. Dra. Flávia Regina Souza Ramos  
Membro - Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade do Estado do Amazonas.



Profa. Dra. Rosa Maria Bueno Fischer  
Membro - PPGEDU/UFRGS



Profa. Dra. Cristianne Maria Famer Rocha  
Membro - PPGENF/UFRGS

À tia Frames Sá (*In memoriam*)

## AGRADECIMENTOS



Imagem 2: *Emaranhados*. Thaís Maranhão (2017).

Certo dia, não faz muito tempo, deparei-me com uma grande e robusta árvore, de galhos secos e emaranhados. Em seguida, avistei um par de sapatos ali pendurado. Sapatos, amarrados em galhos por seus cadarços, em pares. Muitos, vários, múltiplos pares de sapatos atados na tal da árvore. O estranhamento era tanto que poderia passar horas observando cada detalhe. Percebi que ali os sapatos ganham vida e se fingem de frutos. Suas sementes não caem ao chão: povoam os pensamentos.

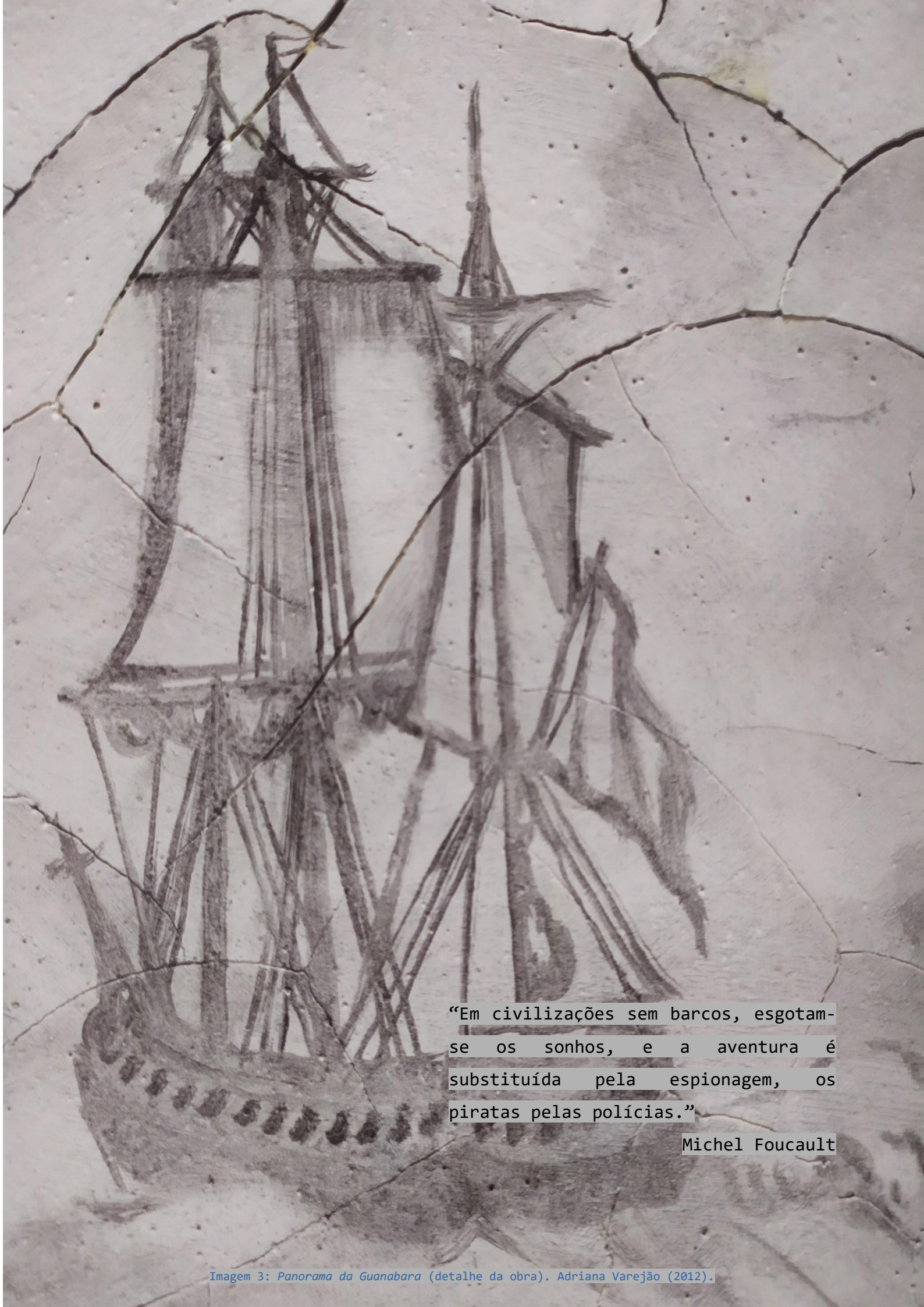
Com esta lembrança, faço meus agradecimentos. Se hoje consigo ver redigido este manuscrito é por entender que não há produção que seja fruto de um único indivíduo. Ao meu jeito, busquei agradecer, referenciar, homenagear, citar os vários frutos que, em mim, tornaram-se germinadas sementes.

Em termos acadêmicos, não vejo melhor agradecimento do que a citação, a explícita referência, a produção de lembranças digitadas. Como apresentado a seguir, trabalhei apenas com os agrados, com as afinidades, com os bons encontros, com quem de cuja companhia gostei, seja no texto, seja no rodapé, seja nas referências. A maior felicidade foi a de viver povoada por sementes de pensamentos e colocá-las à disposição.

Aos amores, familiares e amizades, o agradecimento segue cotidiano.

Ubuntu





“Em civilizações sem barcos, esgotam-se os sonhos, e a aventura é substituída pela espionagem, os piratas pelas polícias.”

Michel Foucault



## RESUMO

**Introdução.** Os memoriais são documentos que, “a próprio punho”, versam sobre a vida acadêmica, os méritos, as conquistas, entre outros motivos de orgulho de quem se propôs ocupar o topo da carreira universitária. Na náufraga rota da tese, os memoriais adquiriram a preciosidade que os documentos arquivados guardam a respeito de nós mesmos, enquanto sujeitos modernos. Mais do que acúmulo de histórias individuais e/ou coletivas dispostas ao longo do tempo, os memoriais apresentam um olhar sobre o espaço, sobre mares abertos de possibilidades investigativas. Diante de interrogações acerca de como nos tornamos o que somos em práticas de relatos de si, opta-se por fugir de explicações gerais, universais, típicas da pedagogia moderna e constrói-se uma tese sob o signo da inventividade. Esta, teve como objetivos constituir visibilidade para a prática do escrever acerca de si e problematizar como nos tornamos o que somos, a partir da interrogação: Como nos constituímos como sujeitos na prática da escrita acadêmica? **Metodologia.** Ensaio ético-estético sob perspectiva dos estudos foucaultianos, da intertextualidade com autores/as nas áreas de Filosofia, Educação, Artes, Ciências Humanas, além da Enfermagem, imbrincados com a arte contemporânea de Adriana Varejão. Utilizou-se 16 memoriais de docentes titulares da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da instituição (nº 19396619.9.0000.5347). Os autores e autoras dos memoriais validaram os excertos a partir da leitura da tese na íntegra. Como **resultados e discussão**, foram elaboradas quatro incisões (tópicos) que versam sobre a constituição de sujeitos autobiográficos, sujeito autores, sujeitos que fabricam verdades sobre si e sujeitos ético-estéticos. Nas análises é problematizada a formação de identidades profissionais, a produção de verdades sobre si na forma de narrativas autobiográficas e que vão produzir sujeitos de conhecimento como manifestação da produção de poder na relação do sujeito consigo mesmo. Os memoriais acadêmicos são vistos como práticas de constituição de sujeitos que dizem a verdade sobre si mesmo, que operam na produção de regimes de verdade e poder sobre si e produzem modos de subjetivação, que se articulam a outros regimes de verdade, como as regras institucionais-jurídicas, modos de produção acadêmicas, princípios morais e de conduta. Na atitude ético-estética, os indivíduos são interpelados por marcas, incômodos que vibram em si, a partir da relação com o outro, na prática da escuta, na sensibilidade ao sofrimento humano nos espaços institucionais, que vão lhes constituindo como sujeitos ético-estéticos. As escritas de memoriais podem ser vistas como exercícios espirituais que carregam a potência prática de formar, mais do que a de informar. Prática de estética da existência na qual sujeitos tornam-se o que são, quando se manifestam como objetos de sua própria obra. As **considerações finais** dedicam-se às

reflexões da própria pesquisadora acerca das heranças que a constituíram na trajetória dos estudos na Enfermagem e aponta para a importância de reflexões sobre como temos nos constituído como sujeitos e o preço da fabricação de nossas verdades.

**Palavras-chave:** Memoriais; Filosofia da Enfermagem; Ensaio; História da Enfermagem; Foucault.

## ABSTRACT

**Introduction.** The memorials are documents that, “in their own hand”, deal with academic life, merits, achievements, among other reasons for pride of those who set out to occupy the top of the university career. In the shipwrecked route of the thesis, the memorials acquired the preciousness that the archived documents keep about us, as modern subjects. More than an accumulation of individual and/or collective stories arranged over time, the memorials present a look at space, at open seas of investigative possibilities. Faced with questions about how we become what we are in self-reporting practices, one chooses to avoid general, universal explanations, typical of modern pedagogy, and builds a thesis under the sign of inventiveness. This one had as objectives to constitute visibility for the practice of writing about oneself and to problematize how we become what we are, from the question: How do we constitute ourselves as subjects in the practice of academic writing? **Methodology.** Ethical-aesthetic essay from the perspective of Foucault's studies, intertextuality with authors in the areas of Philosophy, Education, Arts, Human Sciences, in addition to Nursing, intertwined with the contemporary art of Adriana Varejão. We used 16 memorials from professors at the School of Nursing at the Federal University of Rio Grande do Sul, which were approved by the institution's Research Ethics Committee (No. 19396619.9.0000.5347). The authors of the memorials validated the excerpts taken from the memorials. As **results and discussion**, four incisions (topics) were elaborated that deal with the constitution of autobiographical subjects, subject authors, subjects that manufacture truths about themselves and ethical-aesthetic subjects. In the analyses, the formation of professional identities, the production of truths about oneself in the form of autobiographical narratives, which will produce subjects of knowledge as a manifestation of the production of power in the subject's relationship with himself are problematized. Academic memorials are seen as practices of constitution of subjects who tell the truth about themselves, which operate in the production of regimes of truth and power over themselves and produce modes of subjectivation, which are articulated with other regimes of truth, such as institutional rules-legal, academic production methods, moral and conduct principles. In the ethical-aesthetic attitude, individuals are questioned by marks, discomforts that vibrate in themselves, from the relationship with the other, in the practice of listening, in the sensitivity to human suffering in institutional spaces, which constitute them as ethical-aesthetic subjects. The writings of memorials can be seen as spiritual exercises that carry the practical power of forming rather than informing. A practice of aesthetics of existence in which subjects become what they are, when they manifest themselves as objects of their own work. The **final considerations** are dedicated to

the researcher's own reflections on the heritages that constituted her in the trajectory of Nursing studies and point to the importance of reflections on how we have constituted ourselves as subjects and the price of manufacturing our truths.

**Keywords:** Memorials; Philosophy of Nursing; Essay; History of Nursing; Foucault.

## RESUMEN

**Introducción.** Los memoriales son documentos que, “de su propia mano”, abordan la vida académica, los méritos, los logros, entre otros motivos de orgullo de quienes se propusieron ocupar lo más alto de la carrera universitaria. En la ruta naufragada de la tesis, los memoriales adquirieron la preciosidad que guardan los documentos archivados sobre nosotros, como sujetos modernos. Más que una acumulación de historias individuales y colectivas organizadas a lo largo del tiempo, los memoriales presentan una mirada al espacio, a mares abiertos de posibilidades de investigación. Ante las preguntas sobre cómo nos convertimos en lo que somos en las prácticas de auto informe, se opta por evitar las explicaciones generales, universales, propias de la pedagogía moderna, y construye una tesis bajo el signo de la inventiva. Éste tenía como objetivos constituir visibilidad para la práctica de escribir sobre uno mismo y problematizar cómo nos convertimos en lo que somos, a partir de la pregunta: ¿Cómo nos constituimos como sujetos en la práctica de la escritura académica?

**Metodología.** Ensayo ético-estético desde la perspectiva de los estudios de Foucault, intertextualidad con autores en las áreas de Filosofía, Educación, Artes, Ciencias Humanas, además de Enfermería, entrelazados con el arte contemporáneo de Adriana Varejão. Se utilizaron 16 memoriales de profesores de la Escuela de Enfermería de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul, los cuales fueron aprobados por el Comité de Ética en Investigación de la institución (No. 19396619.9.0000.5347). Los autores y autores de los memoriales validaron los extractos tomados de los memoriales. Como **resultado y discusión** se elaboraron cuatro incisiones (tópicos) que abordan la constitución de sujetos autobiográficos, sujetos autores, sujetos que fabrican verdades sobre sí mismos y sujetos ético-estéticos. En los análisis se problematiza la formación de identidades profesionales, la producción de verdades sobre uno mismo en forma de narrativas autobiográficas, que producirán sujetos de conocimiento como manifestación de la producción de poder en la relación del sujeto consigo mismo. Los memoriales académicos son vistos como prácticas de constitución de sujetos que dicen la verdad sobre sí mismos, que operan en la producción de regímenes de verdad y poder sobre sí mismos y producen modos de subjetivación, que se articulan con otros regímenes de verdad, como las reglas institucionales - legales, métodos de producción académica, principios morales y de conducta. En la actitud ético-estética, los individuos son cuestionados por marcas, malestares que vibran en sí mismos, de la relación con el otro, en la práctica de la escucha, en la sensibilidad al sufrimiento humano en los espacios institucionales, que los constituyen como sujetos ético-estéticos. Los escritos de memoriales pueden verse como ejercicios espirituales que tienen el poder práctico de formar en lugar de informar. Una práctica de estética de la existencia en la que los sujetos se



convierten en lo que son, cuando se manifiestan como objetos de su propia obra. Las **consideraciones finales** están dedicadas a las reflexiones de la propia investigadora sobre los patrimonios que la constituyeron en la trayectoria de los estudios de Enfermería y señalan la importancia de las reflexiones sobre cómo nos hemos constituido como sujetos y el precio de fabricar nuestras verdades.

**Palavras-chave:** Memoriales; Filosofia de la enfermeira; Ensayo; Historia de la Enfermería; Foucault.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: <i>O sedutor</i> . Adriana Varejão (2004) .....	1
Imagem 2: <i>Emaranhados</i> . Thaís Maranhão (2017) .....	7
Imagem 3: <i>Panorama da Guanabara</i> (detalhe da obra). Adriana Varejão (2012) .....	8
Imagem 4: <i>Varal</i> . Adriana Varejão (1993) .....	18
Imagem 5: <i>Naufrágio da Nau da Cia. das Índias</i> . Adriana Varejão (1992) .....	19
Imagem 6: <i>Varejão acadêmico - Musas</i> . Adriana Varejão (1997) .....	31
Imagem 7: <i>Azulejaria de cozinha com caças variadas</i> . Adriana Varejão (1995) .....	49
Imagem 8: <i>Figura de convite I</i> . Adriana Varejão (1997) .....	52
Imagem 9: Colagem. <i>Figura de convite I</i> . Theodor de Bry e Adriana Varejão. Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	54
Imagem 10: <i>Laparotomia exploratória I</i> . Adriana Varejão (1996) .....	63
Imagem 11: <i>Duplo Reflexo do Outro (díptico)</i> . Adriana Varejão (1999) .....	68
Imagem 12: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Varal</i> (Adriana Varejão, 1993). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	69
Imagem 13: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Duplo reflexo díptico do outro</i> (Adriana Varejão, 1999). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	71
Imagem 14: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Figura de convite I</i> (Adriana Varejão, 1997). Elaborada pela pesquisadora (2021).....	71
Imagem 15: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Varejão acadêmico - Musas</i> (Adriana Varejão, 1997). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	72
Imagem 16: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Panorama de Guanabara</i> (Adriana Varejão, 2012). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	75
Imagem 17: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Duplo reflexo do outro (díptico)</i> (Adriana Varejão, 1999). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	76
Imagem 18: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Varal</i> (Adriana Varejão, 2018). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	77

Imagem 19: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Big Polvo Color wheels</i> (Adriana Varejão, 2018). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	80
Imagem 20: <i>O iluminado</i> . Adriana Varejão (1998) .....	81
Imagem 21: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>O iluminado</i> (Adriana Varejão, 1998). Elaborada pela pesquisadora (2021).....	83
Imagem 22: <i>Testemunhas Oculares X, Y, Z (1-3)</i> . Adriana Varejão (1997) .....	87
Imagem 23: <i>Testemunhas oculares X, Y, Z (2-3 e 3-3)</i> . Adriana Varejão (1997) .....	90
Imagem 24: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Testemunhas oculares X, Y, Z</i> (Adriana Varejão, 1997). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	91
Imagem 25: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Testemunhas oculares X, Y, Z</i> (Adriana Varejão, 1997). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	92
Imagem 26: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Celacanto provoca maremoto</i> (Adriana Varejão, 2004). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	93
Imagem 27: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Laparotomia exploratória 1</i> (Adriana Varejão, 1996). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	94
Imagem 28: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Tintas polvo. Polvo Portraits</i> (Adriana Varejão, 1993). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	95
Imagem 29: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Panorama da Guanabara</i> (Adriana Varejão, 2012). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	97
Imagem 30: <i>Testemunhas oculares</i> . Portrait. Adriana Varejão (1993) ...	100
Imagem 31: <i>Tintas polvo. Polvo portraits, I, II, III</i> (Classic Series). Adriana Varejão (1993) .....	101
Imagem 32: <i>Tintas polvo</i> . Adriana Varejão (1993) .....	103
Imagem 33: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Extirpação do mal por incisura</i> (Adriana Varejão, 1997). Elaborada pela pesquisadora (1994) .....	104
Imagem 34: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Extirpação do mal por revulsão</i> (Adriana Varejão, 1994). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	105
Imagem 35: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Carnívoras</i> (Adriana Varejão, 2012). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	105

Imagem 36: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Extirpação do mal por revulsão</i> (Adriana Varejão, 1994). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	109
Imagem 37: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra <i>Irezumi em ponta de diamante</i> (Adriana Varejão, 1994). Elaborada pela pesquisadora (2021) .....	110
Imagem 38: <i>Extirpação do mal por overdose</i> . Adriana Varejão (1994) ...	112
Imagem 39: <i>O predileto</i> . Adriana Varejão (2005) .....	118

## SUMÁRIO



Imagem 4: Varal. Adriana Varejão (1993).

<b>CAPÍTULO I – CONVITE AO NAUFRÁGIO</b> .....	19
<b>CAPÍTULO II – MUSAS ACADÊMICAS: NOTAS INSTITUCIONAIS, JURÍDICAS E ÉTICAS</b> .....	31
MEMORIAIS SOB OS AZULEJOS JURÍDICO-INSTITUCIONAIS .....	38
MEMORIAIS SOB CORTES VIVOS ÉTICOS-INSTITUCIONAIS .....	44
<b>CAPÍTULO III – AZULEJARIA DE COZINHA COM CAÇAS VARIADAS</b> .....	49
A AZULEJARIA PICTÓRICA DE ADRIANA VAREJÃO .....	52
A EMERGÊNCIA DO ENSAIO ÉTICO-ESTÉTICO .....	56
<b>CAPÍTULO IV – LAPAROTOMIA EXPLORATÓRIA: O QUE PODE UM MEMORIAL NA CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS?</b> .....	63
INCISÃO I – DUPLO REFLEXO DO OUTRO (DÍPTICO): SUJEITOS AUTOBIOGRÁFICOS .....	68
INCISÃO II – O ILUMINADO: SUJEITO AUTOR .....	81
INCISÃO III – TESTEMUNHAS OCULARES: SUJEITOS QUE DIZEM A VERDADE .....	87
INCISÃO IV – TINTAS POLVO: CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS ÉTICO-ESTÉTICOS .....	101
<b>CAPÍTULO V – EXTIRPAÇÃO DO MAL POR OVERDOSE: CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	112
<b>PREDILETAS: REFERÊNCIAS</b> .....	118
<b>APÊNDICE A – LISTA DE MEMORIAIS DE PROFESSORES TITULARES DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (2000 a 2020)</b> .....	128
<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	129
<b>ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA</b> .....	131



## CAPÍTULO I - CONVITE AO NAUFRÁGIO



Imagem 5: *Naufrágio da Nau da Cia. das Índias*. Adriana Varejão (1992).

“Como escrever senão sobre aquilo que não se sabe ou se sabe mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade do nosso saber, na extremidade que separa o nosso saber e a nossa ignorância e que transforma um no outro. É só deste modo que somos determinados a escrever. Suprir a ignorância é deixar a escrita para depois, ou melhor, torná-la impossível. Talvez tenhamos aí, entre a escrita e a ignorância, uma relação ainda mais ameaçadora que a relação geralmente apontada entre a escrita e a morte, entre a escrita e o silêncio. Falamos, pois, de ciência, mas de uma maneira que, infelizmente, sentimos não ser científica.”<sup>1</sup>

Gilles Deleuze ([1968] 2020, p.15-16)

Escolhi a obra *Naufrágio da Nau da Cia. das Índias*<sup>2</sup> (1992) (Imagem 3), da artista contemporânea brasileira Adriana Varejão<sup>3</sup>, para abrir este primeiro capítulo da tese. A pintura em forma de mosaico feito de porcelanas e louças quebradas, em cor azul fundo do mar, inicia como um convite ao naufrágio, isto é, um convite à aventura que se coloca entre o navegar de um ponto a outro e a possibilidade de sua não concretização, o que implica algum risco – inclusive o de naufragar.

Neste caso, não conseguir produzir uma tese acadêmica; o que me remete a Michel Foucault ([1984] 2004, p.288)<sup>4</sup>, quando se refere à experiência de suas escritas afirmando que “quando se sabe de antemão onde se quer chegar, falta uma dimensão da experiência, a que consiste precisamente em escrever um livro correndo o risco de não chegar ao fim”. Nas palavras de Clarice Lispector ([1968] 2018, p.143-144), seria como dizer que “escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível,

- 
- 1 Embora a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) de 2021 normatize fonte e tamanho de letra diferente do utilizado neste manuscrito, entendo como opção ético-estética a escolha por outra fonte. Esta teve como finalidade/inspiração contribuir visualmente para a proposta apresentada, na qual busquei uma montagem estética para operar um simulacro datilográfico, e com isto, abrir possibilidade para o estranhamento e reflexão acerca do uso (ou flexões) de certas regras acadêmicas, que inicia já na capa da tese, sem prejuízo da uniformização e/ou proporção com as fontes recomendadas.
  - 2 Utiliza-se aqui itálicos para destacar nome de obras (livros, pinturas, etc.) e palavras de origem estrangeira, bem como para ressaltar conceitos/frases de autores cujo destaque faz referência a alguma citação, devidamente referenciada.
  - 3 Adriana Varejão (1964) é uma artista plástica brasileira. Conhecida internacionalmente por sua arte contemporânea que reivindica um barroco latino-americano, interroga raízes culturais e “recupera com rigor subversivo a dimensão de ferida desse conflito subterrâneo cavado pelo choque de culturas que é o Brasil” (SANTOS, 2018, p.23). Em suas palavras (VAREJÃO, 2005, s/p), “(...) minha narrativa não pertence a um tempo ou lugar, ela se caracteriza pela descontinuidade. Ela é tecido de histórias. Histórias do corpo, da arquitetura, do Brasil, da tatuagem, da cerâmica, dos azulejos antigos portugueses, ou dos modernos e vulgares, dos mapas, dos livros, da pintura...”. Em setembro de 2017, uma de suas obras, *Cena do Interior II* (1994) foi alvo de críticas, em conjunto com toda a exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, organizada pela Fundação Santander Cultural, em Porto Alegre. A curadoria da mostra abordava questões de gênero, diversidade sexual, violência, entre outros temas na qual a moral ganha relevo. Um mês após polêmica com setores conservadores da sociedade portoalegrense, a exposição foi encerrada antecipadamente, o que causou debates e polêmicas em torno da arte contemporânea e da sinalização do início de uma série de censuras que atualmente ainda vemos acontecer. O Santander Cultural foi atuado pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul, com pagamento de multa ou promoção de exposições na mesma temática. Este acontecimento ocorreu no mesmo período de meu ingresso no doutorado e da manifestação de Ato pela Liberdade de Expressão Artística e contra a LGBTTfobia, o qual presenciei. Para a escrita sobre a artista, utilizou-se a leitura das seguintes referências: Paulo Herkenhoff (2005, 2001), Heloísa Mendonça (2017), Louise Neri (2001), David Santos (2018) e da própria Adriana Varejão (2005).
  - 4 Em obras escritas em séculos anteriores ao atual, optou-se por duplo registro, de modo a explicitar a data de publicação (em colchetes) e data da edição utilizada. Ademais, optou-se também por referenciar o primeiro nome acompanhado de sobrenome na primeira citação dos(as) autores(as).

é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria vago e sufocador”. Assim, chamo de naufraga essa escrita que se coloca na busca do entender, do experienciar, do modificar-se, de escrever na *extremidade do nosso próprio saber*, no ponto que se passa entre a ignorância e o saber, em sua dimensão ameaçadora, como aponta Gilles Deleuze ([1968] 2020) na epígrafe.

Em situações como a de um naufrágio, sentimos de modo intenso a experiência que é tentar sobreviver e, ao mesmo tempo, sentir a espaço-temporalidade finita que se apresenta. Naqueles momentos finais de desaparecimento da embarcação, na visualização de cenas de modo relâmpago, questiona-se sobre o que aconteceu, o que se passou, sobre o que fui e o que me passou. Associo o naufrágio à experiência da escrita de tese, qual seja:

Uma experiência é qualquer coisa de que se sai transformado. Se eu tivesse de escrever um livro para comunicar o que já penso, antes de começar a escrevê-lo não teria jamais a coragem de empreendê-lo. Só o escrevo porque não sei ainda, exatamente o que pensar sobre essa coisa em que tanto gostaria de pensar (...).

Sou um experimentador, e não um teórico. Chamo de teórico aquele que constrói um sistema global, seja de dedução, seja de análise, e o aplica de maneira uniforme a campos diferentes. Não é o meu caso. Sou um experimentador no sentido em que escrevo para mudar a mim mesmo e não mais pensar na mesma coisa de antes (FOUCAULT, [1980] 2012, p.290-291).

Os que já viveram os prazeres, os medos e as instigantes insatisfações relacionadas aos processos de escrita acadêmica, sabem quão trabalhoso é construir e elaborar uma investigação que visa não apenas a aquisição de conhecimentos, mas a experiência e a transformação de si e do que se sabe, como nos aponta Foucault, para quem a escrita é uma prática de pensar de outro modo. Após quase 5 anos<sup>5</sup>, a tarefa de conseguir escrever como se chegou a pensar o que se pensa, ou ainda, de que modo se constituiu esse naufragar, é como tentar juntar os cacos de porcelana recolhidos ao longo do caminho e propor sentidos em forma de mosaico, como na obra *Naufrágio da Nau da Cia. das Índias* (1992).

Nesta navegação não houve linearidade: busquei o desvio da conhecida linha reta euclidiana, da distância mais curta entre dois pontos, traço ícone da Modernidade, como nos aponta Tim Ingold<sup>6</sup> em seu estudo sobre a breve história das linhas (INGOLD, 2016). Deste modo, entendo que as rotas foram desenhadas em linhas de devir (INGOLD, 2010), ou como no traço do artista Paul Klee<sup>7</sup>, que leva a linha para passear (KLEE,

5 Em função da pandemia de Coronavírus (SARS-CoV-2, início anos 2020), os prazos e as bolsas de doutorado foram prorrogados por seis meses.

6 Tim Ingold é um antropólogo britânico que estuda a ciência moderna. Ele questiona a dicotomia entre natureza e cultura, e se coloca em um paradigma denominado antropologia ecológica. Deste modo, critica a ciência moderna fundada sobre a primazia da razão como campo autônomo e autossuficiente. Para esta tese, interessa a metáfora da linha reta como símbolo de um campo racional que não interage ou refuta interação com a experiência do traçado. Para a escrita sobre o pesquisador, utilizou-se a leitura das seguintes referências: Ingold (2010) e Ingold (2016).

7 Paul Klee (1879-1940) foi um pintor suíço com estilo associado ao expressionismo, cubismo e surrealismo. É conhecido pelo seu estudo das cores e formas. Seus cadernos de anotação foram publicados em inglês com o nome *Paul Klee Notebooks*. Conheci o artista por meio da leitura de trechos de seus diários, publicados em português pela editora Martins Fontes (KLEE, [1879-1940] 1990).

[1879-1940] 1990). A rota entre o projeto apresentado na seleção, antes do ingresso ao doutorado e o que se apresenta nestas páginas foi sendo desenvolvida nos mares abertos do pensar, mas turbulentos do viver.

*Como nos constituímos como sujeitos na prática da escrita acadêmica?*<sup>8</sup> Eis uma questão, tomada emprestada de Rosa Fischer<sup>9</sup> (2005). Recém-ingressa no Doutorado em Enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, passei a questionar acerca dos modos de escrita acadêmica e, também, da relação entre escrita, criação e produção de si. No texto “A arte de assinar o que se lê” (FISCHER, 2005, p.119), encontrei-me com a preocupação da autora, que questiona: “Com que cuidado fazemos anotações sobre o que lemos? Com que vibração estabelecemos relações entre autores, obras, conceitos e o nosso ‘objeto de desejo’, nosso problema de pesquisa?”

Fischer (2005) apresenta a experiência da escrita de tese como um modo de apropriação de um conjunto de elementos e critica práticas utilitárias, de aplicações imediatistas das fontes utilizadas de modo a reproduzir o já dito, já lido, já ouvido, que remetem ao sentimento da falta de paixão dos criadores para com seus textos. Em suas palavras:

Talvez o que seja mais difícil, num tempo em que tudo, mesmo as leituras que fazemos, está marcado pela louca velocidade de consumo, seja escapar aos estudos rasos, às interpretações ligeiras, às leituras quase exclusivamente pragmáticas. Certamente estas existem, acabam por fazer parte do conjunto de atividades realizadas no decorrer de uma pesquisa, no tempo da construção de um objeto investigativo e da elaboração de um texto acadêmico. Mas a escrita será tanto mais marcada por vida e pulsação quanto mais puder dar conta, honestamente, de um mínimo de sólidas referências de herança intelectual, referências que aparecerão no texto como parte constitutiva de uma experiência intransferível do pesquisador com as figuras (autores, obras) que lhe povoam a trajetória acadêmica, profissional e pessoal, que lhe conferiram e conferem inclusive um modo de pertencimento a uma época, a um dado ambiente intelectual (...) (FISCHER, 2005, p. 124).

Ao transitar pela Escola de Enfermagem, entre corredores, salas de aula e representação discente na pós-graduação, ouvi queixas de colegas sobre insatisfações, dificuldades, sofrimento, bloqueios e até tédio na obrigação de escrever. Por vezes, sentimentos atribuídos ao pouco manejo das escolhas sobre as próprias pesquisas, como também a certos protocolos e orientações metodológicas de manuais aos quais precisavam se adequar para serem aceitos, ora por suas orientadoras, ora pelas revistas científicas, ora por si mesmos. Desse modo, olhar para as próprias escritas e conseguir vibrar com elas tornou-se motivo de atenção nesta navegação.

---

8 Utiliza-se aqui itálicos para destacar nome de obras (livros, pinturas, etc.) e palavras de origem estrangeira, bem como para ressaltar conceitos/frases de autores cujo destaque faz referência a alguma citação, devidamente referenciada.

9 Rosa Bueno Fischer é professora no Programa de Pós-graduação em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ao ingressar no doutorado, entre março e junho de 2017, cursei seu seminário avançado *Poéticas de processos criativos: nas artes, na educação*, onde era proposto “problematizar, no sentido foucaultiano, algumas práticas na pesquisa em educação, com foco no tema da permeabilidade entre vida, arte, filosofia e ciência” (FISCHER, 2017, p.1). Cursei outras disciplinas com esta professora sobre Foucault que tiveram grande importância em meus estudos.

Na mesma espaço-temporalidade, em Seminário intitulado *Por uma escrita inventiva na universidade* do professor português Jorge Ramos do Ó<sup>10</sup>, pude compreender elementos de ressonância com as afirmações de Rosa Fischer na crítica à velocidade de consumo e de estudos rasos. Segundo este professor:

O publicar a todo o custo pressiona os estudantes a dar por acabado o que mal começaram a tomar posse, condena-os a repetir velhas fórmulas, caminhos já batidos e a disfarçar, o melhor possível, essa triste prática mimética; e assim se aprofunda no nosso tempo, com aparente sofisticação técnica, uma clivagem absoluta entre o desejo de criar e o acto mesmo da criação (RAMOS DO Ó, 2019, p.34).

Diante de limitações para vivenciar a experiência da criação, experienciamos a cisão entre o desejo de criar e a própria prática de criação, quando somos incentivadas a ofertar produtos diferenciados, teses inovadoras, e, ao mesmo tempo, exercitamos a “massificação de um poder epistemológico que consiste em administrar aos alunos e extrair deles um saber já devidamente controlado” (RAMOS DO Ó, 2019, p.277). Na escola moderna utiliza-se a disciplina para ordenar, resumir, uniformizar os conhecimentos. Produzimos e utilizamos livros que os expõem de modo sistemático, sequencial, resumido, para que alunos e alunas os memorizem e copiem.

Formada em Enfermagem e Obstetrícia em uma instituição de ensino pública e, posteriormente, com trajetórias de trabalho assistencial e de estudo na área de saúde coletiva e saúde pública<sup>11</sup>, passei a questionar minha trajetória de escrita, minha constituição como pesquisadora, docente e enfermeira. Selecionei autores que gostaria de ler, de incorporar ao pensar e ao agir. Busquei um modo prazeroso de produzir a tese para tentar me esquivar da uniformização do modelo escolar moderno. Compreendo que, mais importante do que apresentar o produto de uma pesquisa, o interesse no doutorado era o de constituir uma experiência prazerosa, alegre, consubstanciada,

---

10 Jorge Manuel Ramos do Ó é doutor em História da Educação e professor no Instituto de Educação na Universidade de Lisboa. Atualmente investiga pedagogia do ensino superior e promove Seminário que articula leitura e escrita sob o signo da inventividade. Cursei dois seminários com este professor na ocasião de duas vindas deste a Porto Alegre, em 2017 e 2018, na Faculdade de Educação da UFRGS. Após esse encontro, desejei acompanhar seu trabalho no Seminário de Investigação e Orientação no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, organizado por ele. Ao final do 3º ano de doutorado, entre setembro de 2019 a janeiro de 2020, pude viver essa experiência de intercâmbio escolar e cultural, tendo a oportunidade de tê-lo como orientador em período de Doutorado Sanduíche, em Lisboa. Felizmente, em função da pandemia, pude regressar ao seminário no ano de 2021, em sua versão *online*. A partir de Jorge Ramos do Ó, entrei em contato com autores e/ou escritos de Foucault, Deleuze, Agamben, Espinosa, Nietzsche, Blanchot, Benjamin.

11 Parte da descrição no Currículo Lattes (abril/2021): Mestre em Saúde Coletiva na UFRGS - área de Educação e Cultura da Saúde. Ex-residente da Escola de Saúde Pública/Murialdo/Atenção Básica. Especialista em práticas pedagógicas em serviços de saúde, assim como em políticas públicas de saúde e gestão participativa. Experiência como preceptora da Residência Integrada em Saúde pela ESP/RS e como docente do curso de Enfermagem na Universidade Feevale. Graduada em Enfermagem na Universidade de Brasília. Candanga, com moradia em Porto Alegre há 15 anos e um filho gaúcho, angoleira (capoeira). Atuo profissionalmente na interface entre atenção básica e saúde coletiva, saúde mental e educação, e educação permanente em saúde, tendo experiências em áreas assistenciais (atenção básica), gerenciais (SUS), docência em enfermagem, controle social/participação popular, movimento estudantil e sindical e, mais recentemente, em orientação, pesquisa e tutoria.



modificadora, inventiva e ociosa<sup>12</sup>, na qual não cesso de me retroalimentar sobre a temática da escrita na constituição de sujeitos.

Os seminários de Rosa Fischer e de Jorge Ramos do Ó, além de disciplinas e orientações no encontro com minha orientadora Maria Henriqueta Luce Kruse, levaram-me para autores como Michel Foucault, Jacques Derrida, Jorge Larrosa e Gilles Deleuze. Todavia, a leitura desses levaram a muitos outros e outras e, até mesmo, a buscar outros espaços. Viajei além-mar para frequentar, por alguns meses, o seminário do professor Jorge Ramos do Ó na Universidade de Lisboa. Foi o gosto pela prática da escrita de si, em Foucault, que me cativou e impeliu para as rotas de leituras nas áreas de Filosofia, Educação, Humanidades e Artes, além da Enfermagem.

No texto “A escrita de si” de Foucault ([1983] 2004, p.144), são apresentadas experiências de escrita no período da Antiguidade grega, onde a prática de escrita de si mantinha relação com um exercício pessoal, como um treinamento de reflexão sobre o próprio pensamento, sobre as próprias verdades. Remetendo a Plutarco<sup>13</sup>, Foucault destaca que a escrita exerce “uma função etopoiética: ela é operadora da transformação da verdade em éthos”. Como exemplos, ele apresenta dois tipos de escritas utilizadas nos séculos I e II, conhecidas ainda hoje – os *hupomnêmata* (cadernetas que servem para lembretes, anotações, diário) e correspondência (texto enviado a outro). Nas palavras de Foucault, em referência ao filósofo estoico Epicteto, diz:

Guardamos, pois, nossos pensamentos. Para guardá-los à nossa disposição, é preciso colocá-los por escrito, é preciso deles fazer a leitura para nós mesmos. É preciso que estes pensamentos sejam “o objeto de tuas conversas contigo mesmo ou com outro: ‘podes vir em minha ajuda nesta circunstância?’” (...) Portanto, escrevemos após a leitura a fim de podermos reler, reler para nós mesmos e assim incorporarmos o discurso verdadeiro que ouvimos da boca de um outro ou que lemos sob o nome de um outro. Uso para nós; mas certamente a escrita é também um uso que serve para os outros. Esquecia-me de lhes dizer que as anotações que devemos fazer sobre as leituras, ou sobre as conversas que tivemos, ou sobre as aulas a que assistimos, em grego denominam-se precisamente *hypomnêmata*, isto é, são suportes de lembranças. São anotações de lembranças com que precisamente poderemos, graças à leitura ou a exercícios de memória, rememorar as coisas ditas (FOUCAULT, [1981-1982] 2010, p.321-322).

Seria possível encontrar, na literatura acadêmica da Enfermagem, escritos que remetessem às práticas de exercícios de si, isto é, práticas de escrita que acionassem, ao mesmo tempo, reflexão não apenas ao leitor, mas também, e principalmente, modificação em quem escreve? Esta questão estava sempre a me

---

12 A afeição ao ócio é algo antigo em minhas lembranças. Ganhou forças quando ouvi uma frase, repetida como mantra, por um professor de redação no ensino médio. Repetia ele: “o ócio é a ave onírica que choca os ovos da existência”. Vinte anos após, nos estudos de doutorado, reencontrei-me com esta frase, cuja referência encontrei em Walter Benjamin. Ó... quanta alegria nesse reencontro. Na tradução da Editora Brasiliense (BENJAMIN, [1982-1940] 1987, p.204,205), um modo mais simples de compreensão “O tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta. Seus ninhos – as atividades intimamente associadas ao tédio – já se extinguíram na cidade e estão em vias de extinção no campo. Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes”.

13 Filósofo grego da cidade de Atenas (46-126 d.c.).

acompanhar. Na rota de escrita de si na enfermagem, minha embarcação esbarrou<sup>14</sup> e naufragou junto aos memoriais acadêmicos.

Os memoriais acadêmicos são documentos. Escritos por professoras e professores, são elaborados com a finalidade de concurso ou promoção de carreira para Professor Titular. “De próprio punho”, versam sobre a vida acadêmica, os méritos, as conquistas, entre outros motivos de orgulho de quem se propôs alcançar o topo da carreira universitária pública brasileira.

No encontro com memoriais da Escola da Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na companhia de uma *comunidade de autores*, na expressão que li em Jorge Ramos do Ó (2019), passei a refletir sobre como nos tornamos o que somos neste lugar. De que modo escrevemos sobre como nos constituímos como professor titular?

Em meio à sensação náufraga, tendo que beber água salgada, aos pequenos goles, redigi um projeto para qualificação, no qual vi os memoriais como documentos preciosos, arquivos físicos e digitais, comprimidos no espaço-tempo, que guardam histórias a respeito de nós mesmos, como sujeitos modernos. São interessantes relatos de si que são guardados, como em museus, bibliotecas, fundo do oceano ou, neste caso, na Secretaria Acadêmica da instituição de ensino, em arquivos de papelão e *megabytes* de arquivos digitais.

Assim como os navios e embarcações, os memoriais velejam de referência em referência, de acontecimento em acontecimento, de ilha em ilha, onde, em cada porto, relatam preciosos tesouros que, segundo suas autoras, são dignos de nota.

Perceberemos também que o navio tem sido, na nossa civilização, desde o século dezesseis até aos nossos dias, o maior instrumento de desenvolvimento econômico (ao qual não me referi aqui), e simultaneamente o grande escape da imaginação. O navio é a heterotopia por excelência. Em civilizações sem barcos, esgotam-se os sonhos, e a aventura é substituída pela espionagem, os piratas pelas polícias (FOUCAULT, [1967] 2013, p.7).

Visto desse modo, mais do que acúmulo de histórias individuais e/ou coletivas dispostas ao longo do tempo, os memoriais nos apresentam também um olhar sobre o espaço, sobre o oceano, esse mar aberto de possibilidades. Os memoriais condensam em um único lugar, o do manuscrito, espaços nos quais indivíduos circularam, como por exemplo, a Escola de Enfermagem da UFRGS, o Hospital de Clínicas de Porto Alegre, a Reitoria da Universidade, as Redes de Atenção à Saúde, entre outros. Apresentam diferentes cidades e países, nos quais são referenciadas outras instituições de ensino

---

14 Na busca de possibilidades de escrita de si na universidade, em conversa com a Prof. Cristianne Famer, fui apresentada à escrita tipo memorial em dois livros publicados pelo Programa de Desenvolvimento Rural da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (KATO; LIMA; CASTRO, 2018a, 2018b). Esta professora, formada em publicidade e jornalismo, tem sido uma incentivadora de minhas investigações há mais de quinze anos. Vejo em sua docência uma prática de “para-raio” de acervo dos mais variados tipos, além de difusora de saberes. Atualmente, a professora atua como docente no Programa de Pós-graduação na Faculdade de Educação da UFRGS, assim como no Programa de Pós-graduação em Enfermagem da mesma instituição.

e de serviços. Vê-se, ainda, espaços como moradias, escolas, igrejas, parques e instituições de trabalho que, ao longo dos relatos, vão se entrelaçando.

Diante de interrogações acerca de como nos tornamos o que somos em práticas de relatos de si, tentei fugir de explicações gerais, universais, típicas da pedagogia moderna em que “não se propõe obter novos conhecimentos, mas apenas expor um saber já adquirido e que para esse efeito é imperativo reordenar e hierarquizar”, que domina nosso sistema de ensino (RAMOS DO Ó, 2019, p.280). De outro modo, busquei constituir a tese sob o *signo da inventividade* e, assim, me apropriar da “constelação de possibilidades que se abrem quando pensamos a leitura como estando a serviço da criação escrita, como se uma ou outra pudessem ser a mesma coisa” (RAMOS DO Ó, 2019, p.273). Ler com lápis na mão, recortar citações e, assim como Montaigne<sup>15</sup>, buscar a “liberdade necessária para explorar textos públicos e deles fazer um uso privado” (Ibidem, p.273).

Proponho nesta tese ensaiar ética-esteticamente sobre processos de subjetivação e constituição de sujeitos, a partir da análise do *foco de experiência* da prática da escrita acadêmica de docentes titulares da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EENF/UFRGS), na especificidade dos documentos conhecidos por Memoriais, Memoriais Descritivos ou Memoriais Acadêmicos.

Com *foco de experiência* refiro-me à identificação das “formas de saber possível, as matrizes normativas de comportamento para os indivíduos e modos de existência virtuais para sujeitos possíveis” (FOUCAULT, [1982-83] 2010, p.5). Olhar para a experiência de escrita dos memoriais acadêmicos possibilitou transitar entre conhecidos temas foucaultianos, como a tríade sujeito-verdade-poder. Tomei os memoriais como modos de constituição de sujeitos, na relação que estes estabelecem consigo mesmos e com outros, a partir da prática do relato de si, em relação a certas regras e saberes produzidos neste tipo de escrita.

De certo modo, a escrita do memorial é uma composição que envolve não apenas fatos e descrições, mas também a abertura para os sonhos e a imaginação acerca de nós próprias, em nossas relações com o que escrevemos sobre nós mesmas. Espécie de autorretrato, elaborado em um espaço-tempo específico da trajetória profissional, como se tratasse da imagem-instante ímpar como a chegada ao cume de uma montanha.

Os memoriais são elaborados por meio de escrita que envolve habilidades, exercícios, reflexões, trabalhos, reescritas e organização. Atribuo visibilidade a esta prática, aprendida nos espaços escolares, inclusive na escola de enfermagem

---

15 Conheci Michel Montaigne primeiro por Ramos do Ó (2019) e, posteriormente, por curiosa leitura de seus *Ensaio*s ([1595] 2000). Segundo Ramos do Ó (2019, p.270), “Não é difícil sustentar que a compulsão em anotar e em transcrever terá estado na origem dos Ensaio)s. Montaigne tinha o hábito de redigir notas nas margens dos livros que lia. No acervo composto pelas várias edições dos Ensaio)s é possível identificarem-se 1254 citações (860 em verso e 394 em prosa). A evolução que a prática da incorporação foi sofrendo ao longo dos anos permite perceber que a citação nele se foi afastando da identificação mimética, passando a desempenhar uma função propulsora e de tipo dialógico. Os seus textos evidenciam uma especificidade e uma constância na arte de citar”.

moderna, e que segue presente no cotidiano da profissão de enfermeiras, sejam elas docentes ou não. Prática exercitada no período escolar e moldada conforme a formação acadêmica da época, em trabalhos, monografias, relatórios de estágio, provas, entre outros. Escrita que acompanhará a trajetória de um indivíduo e constituirá certos modos de ser sujeito, em publicação de artigos, redação de pareceres, capítulos de livros, ou na prática docente-assistencial, nas evoluções em prontuários, anotações de enfermagem em cadernos de programas de saúde, em dizeres de cartazes em paredes institucionais; ou, ainda, na escrita de políticas públicas, minutas, resoluções, protocolos, entre outros modos de escrever que enfermeiras e docentes cotidianamente exercitam.

Trata-se aqui, nesta tese, de pensar a escrita como prática, como ofício, que tem sido organizada ou, de certa forma, governada, em determinados contextos e épocas, ensinada no ambiente acadêmico de modo a compor e ensinar saberes que constituem sujeitos, de diferentes modos.

Para esta navegação produzi um ensaio, associando-me a um campo de escrita que se coloca próximo ao exercício filosófico da problematização e da crítica, da escrita-experimento, da curiosidade e da inquietação e, inclusive, a aposta na potência da experiência náufraga. Assim, destaco que, embora tenha utilizado certo *corpus* para as reflexões (memoriais), produzido um método para análise e dialogado para aprovação da investigação em comitê de ética, trata-se de uma pesquisa *que infelizmente sinto não ser científica*, como aponta Deleuze na epígrafe, embora aconteça na pós-graduação na área da saúde, um lugar de produção discursiva acadêmica.

Se compreendo que o exercício da escrita nos produz enquanto sujeitos, o modo pelo qual me conduzo para produzir saberes nesta tese também me constitui como pesquisadora, docente, enfermeira, autora, entre outros possíveis modos de existência. Nesse aspecto, aproximo o *ensaio* à palavra *ética*, aqui entendida como modo de ser. O ensaio enquanto escrita é um modo de ser. Modo que se constitui enquanto forma – a da provisoriedade, do jogo entre afirmação e dúvida, da crítica, da imprevisibilidade, e que é permeado por uma postura *ética*, a da ensaísta, ao buscar uma escrita que realize um “trabalho crítico do próprio pensamento” (FOUCAULT, [1984] 2017, p.14) e a transformação do que se sabe e de si.

Quanto à *estética*, busco por possíveis relações entre arte de viver e de se constituir a partir do ofício da escrita, com experimentação, imaginação, beleza, dor, medo, vísceras e prazer. Diante da possibilidade de tese como composição, entendo o trabalho acadêmico no rigor ético-estético-político como aponta Suely Rolnik (1993, p.6-7), em seu próprio memorial acadêmico:

O rigor aqui é mais da ordem de uma posição ontológica do que metodológica, intelectual ou erudita: é um rigor ético/estético/político. Ético porque não se trata do rigor de um conjunto de regras tomadas como um valor em si (um

método), nem de um sistema de verdades tomadas como valor em si (um campo de saber): ambos são de ordem moral. O que estou definindo como ético é o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o dever a partir dessas diferenças. As verdades que se criam com este tipo de rigor, assim como as regras que se adotou para criá-las, só tem valor enquanto conduzidas e exigidas pelas marcas. Estético porque este não é o rigor do domínio de um campo já dado (campo de saber), mas sim o da criação de um campo, criação que encarna as marcas no corpo do pensamento, como numa obra de arte. Político porque este rigor é o de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do dever.

Na reflexão de Rolnik (1993), o trabalho do pensamento, próprio da prática acadêmica, tem relação com as marcas que provoca em nós, em suas violências e desassossegos. Estas produzem memórias em nossos corpos, por vezes visíveis, de modo a se manifestarem no corpo do pensamento e da escrita. A partir da autora, entendo que o trabalho do pensamento é uma espécie de tentativa de criar, a partir das marcas que agem em nós, modos de navegar.

Os capítulos desta tese foram escritos como rotas exploratórias de mares abertos por esse navio naufrago, utilizando camadas sobrepostas de conhecimentos que fissuram e mostram vida em sua espessura. Pretendi navegar a partir de uma questão ampla – *Como nos constituímos como sujeitos na prática da escrita acadêmica?* – na qual o processo envolveu recolhas de imagens, palavras, ideias, sentimentos e tudo o que pudesse ser utilizado para elaborar essa questão com jeito de horizonte, para absorver e assimilar as leituras, os encontros e tentar produzir composições que me levem cada vez mais longe do ponto de partida.

A possibilidade de tecer escrita sobre constituição de sujeitos em leituras de memoriais na enfermagem possibilitou o exercício de revisitar heranças e histórias, de problematizá-las. Cortar a carne de outros, cortar na própria carne e expor as vísceras desse encontro. A cada capítulo, uma tentativa de *colocar-se na vertical de si mesmo* (FOUCAULT, [1968] 2016), sair dessa experiência transformada, na qual a escrita de tese é, ao mesmo tempo, produto e produtora dessa experiência que “arranca o sujeito de si e o impede de se repetir, levando-o o mais próximo possível de algo até então impossível de ser vivido nas linhas identitárias nele já estabelecidas até o momento de irrupção da experiência” (MIZOGUCHI, 2015, p.202).

A título de curiosidade, para a capa da tese escolhi a obra *O sedutor*, de Adriana Varejão (imagem 1). Nesta obra encontramos um espaço interior, silencioso, parte iluminado, para cuja interioridade conseguimos olhar sem ver exterioridade, como se estivéssemos já dentro do espaço obsessivamente arquitetado. A partir do “corte fotográfico” da pintura “é como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que dá a ver” (VAREJÃO, 2009, p.274) e que produz efeitos de ativação da memória ou imaginação. A iluminação funciona como diferentes acontecimentos na mesma tela, com projeções de claridade e escuridão. A sensação produzida por esta obra lembra-me a de estar em mar aberto, à deriva, onde deseja-se um porto ou vê-se

grandes miragens. Momentos em que não sabemos para onde ir, o que fazer, como dar seguimento à investigação em curso. Sentimento que, ofertado a quem lê, adquire o aspecto de não saber o que acontecerá ao longo da escrita, mas que busca produzir efeito de sedução que leva ao interior da obra de Varejão e à navegação da tese. Destaco, ainda, que o nome da tela reproduzida (Imagem 1) é *O sedutor*, embora na profundidade perdida da tela não seja possível vermos sujeitos. Entendo que esta ausência pode funcionar como sua aparição, em possíveis vestígios de presença. E assim, com esta imagem e título de tese, componho na capa vestígios de modos possíveis de tornarmo-nos o que somos, neste ensaio ético-estético, a partir de memoriais acadêmicos na Enfermagem.

Junto aos azulejos pictóricos de *Varal* (1993) (Imagem 3), expus sumariamente os títulos dos capítulos com sua respectiva paginação. Nesta imagem que remonta ao modo “açougue” de apresentação de peças, com partes de corpo em referência aos desenhos de Theodor de Bry<sup>16</sup>, fatiei os capítulos de modo que na leitura se possa escolher qual parte ler, por qual parte começar o alimento aos olhos. Em outra leitura desta mesma imagem, me encontro também com um sumário que age em referência à prática de ex-votos que, segundo Lilia Moritz Schwarcz, é “uma prática popular que expõe o membro ferido com a intenção de pedir pela cura do mesmo, ou agradecer por uma dádiva recebida” (SCHWARCZ; VAREJÃO, 2014, p.111). Como modo de agradecer a “força da promessa” realizada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal (CAPES), por meio da concessão de bolsa de estudos de doutoramento, exponho em meu sumário a realização de meus ex-votos, isto é, dos capítulos alcançados.

No capítulo II, com a obra *Varejão Acadêmico – Musas* (1997) (Imagem 5), são apresentadas reflexões acerca de formas de saber e matrizes normativas sobre memoriais acadêmicos. Pelos azulejos frios de aparatos jurídicos-institucionais e em cortes vivos éticos da carne desses documentos, apresento sua produtividade fragmentada e sangrante enquanto lugar possível de navegar na busca da constituição de sujeitos.

No capítulo III, junto à *Azulejaria de cozinha com caças variadas* (1995) (Imagem 6) discorro sobre modos de apropriação, de investigação, de cortes e de criação que se utiliza nesta escrita. Em Varejão, os azulejos funcionam como citações, como linguagem. Neste capítulo, as citações, os fragmentos, são modos de coletar histórias e transformá-las em outras a partir do modo ensaio ético-estético.

No capítulo IV, faço uso da reprodução da obra *Laparotomia Exploratória I* (1996) (Imagem 9), entre outras, para apresentar uma perspectiva crítica do olhar de quem procurou usar a própria pele, tornar as palavras dos memoriais parte do corpo para apresentar, em quem lê, a sensação de uma escrita experimento, mastigada e extravasada, por vezes de maneira visceral, como nas obras de Varejão. Em diversos cortes, nomeados

---

16 Esta relação de citação de Adriana Varejão a Theodor de Bry será apresentada no tópico ‘A azulejaria pictórica de Adriana Varejão’, no capítulo III.

como incisões, são abertas frestas para possíveis leituras desses documentos, aberturas vivas de interrogações que não pretendem cicatrizar.

No capítulo V, a obra *Extirpação do mal por overdose* (Imagem 19) surge como desfecho para a tese, como considerações finais que, na urgência de encerramento de processo de investigação, buscam aproveitar as últimas doses, em páginas.

Ao longo de todo o texto, notas de rodapé auxiliam no efeito das inferências às referências utilizadas. Em alguns momentos pode soar como excessivo, e talvez o seja mesmo, como uma tinta que abarrota a tela de saturação de cor e forma, como resultado de diversos possíveis desdobramentos, articulações, camadas extras que não cessam de ser escritas a cada momento de reescrita, até a entrega da tese. São rodapés que podem funcionar como botes salva-vidas para quem quiser pular ou diversificar a experiência do naufrágio.

**CAPÍTULO II - MUSAS ACADÊMICAS: NOTAS INSTITUCIONAIS,  
JURÍDICAS E ÉTICAS**



Imagem 6: *Varejão acadêmico - Musas*. Adriana Varejão (1997).



“Ali onde não é mais possível falar, descobre-se o encanto secreto, difícil, um pouco perigoso de escrever.”  
 Michel Foucault ([1968] 2016, p. 39)

Lembro que os memoriais dos quais fiz uso e leitura para compor ensaio ético-estético são documentos escritos por docentes de universidades públicas e versam sobre relatos de si – neste caso, acerca da carreira acadêmica – aliados, muitas vezes, a componentes biográficos, isto é, relacionados a aspectos de suas vidas. Entendo que os memoriais articulam o desafio da impossibilidade do falar, ou seja, expõem os azulejos frios dos regimes de verdade que, neste caso, relaciono aos saberes acadêmicos sobre a docência na Escola de Enfermagem e aos dispositivos jurídico-institucionais que delimitam este tipo de documento. Além disto, os memoriais expõem os belos perigos do escrever, ou seja, o encanto secreto da composição ético-política que este modo de escrita pode ofertar na relação dos sujeitos consigo mesmos.

Constituídos de modo fragmentado, expondo visibilidades parciais em cortes que mostram vida, como em *Varejão acadêmico – Musas* (1997), este capítulo apresenta modos de olhar para os memoriais que dialogam com a perspectiva de “devolver sua densidade e sua espessura àquilo que costumamos experimentar como transparência” (FOUCAULT, [1968] 2016, p.69).

Os memoriais se constituem num modo de escrita acadêmica que, segundo Maria da Conceição Passegi (2010), Sandra Câmara (2012) e Tereza Rego (2014), são de grande tradição no ensino superior e se relacionam intimamente com a criação da universidade brasileira, na década de 1930, embora tenham maior expressão, em volume, a partir deste século, principalmente após o ano de 2013. Sabe-se que a ampliação do acesso ao nível de carreira da classe professor titular, para a qual é exigida a elaboração de memoriais, é decorrente de mudança na legislação federal (Lei nº 12.863, de 2013). Segundo o memorial de Carlos Vieira (2017), tal mudança foi resultado de reivindicação do movimento sindical docente, conquista de greve de professores das universidades federais. Anteriormente, as possibilidades de promoção de carreira eram reduzidas e envolviam perda de direitos trabalhistas e/ou remuneração, já que eram consideradas uma nova entrada na carreira docente.

De modo um pouco diferente de Vieira (2017), Câmara (2012) apresenta que os memoriais, nas três primeiras décadas do século XX, entre 1930-1950, surgiram na Universidade de São Paulo e na Universidade Federal da Bahia, com concentração na área da Saúde (Medicina Veterinária e Medicina), tendo sido escritos por homens, para os cargos de professor catedrático e livre docente. Já nas décadas de 1960 e 1970, há uma ampliação dos cargos, inexistentes nas décadas anteriores, como o de professor adjunto, associado e titular. A autora lembra que o cargo de professor titular substituiu o de professor catedrático, que era anteriormente o ápice da

carreira docente. Já o concurso para livre-docente na USP permanece até os dias atuais nesta instituição. Neste período, entre 1960-1970, Câmara (2012) localizou apenas dois memoriais de docentes mulheres. O período entre 1980 e 2000 foi chamado pela autora como de “expansão e diversificação dos memoriais”. Neste período foi constatada a participação maciça das mulheres, sendo a área das Ciências Humanas a que teve o maior número de documentos. Não fizeram parte do acervo da pesquisadora memoriais de professores escritos a partir dos anos 2000. Além disso, a investigação desta autora teve como foco as Universidades mais antigas brasileiras, sendo composta pela USP, UFBA, UFRJ e UFRN, sendo esta última instituição da pesquisadora.

Em minhas buscas por memoriais defendidos em Escolas de Enfermagem, notei que esses começaram a aparecer a partir da década de 1960, com o memorial de Glête de Alcântara, em 1963, na Universidade de São Paulo<sup>17</sup>. Em pesquisas realizadas nos acervos das bibliotecas das Universidades Federais do Rio de Janeiro, Bahia, Santa Catarina, Maranhão e Rio Grande do Sul, nos anos de 2019 e 2021<sup>18</sup>, foi possível constatar que os memoriais possuem diferentes classificações bibliográficas (materiais ou tipo) como folhetos, livros, artigos e documentos diversos, o que dificulta a busca e indexação. Realizar pesquisa histórica de modo a localizar esses materiais ainda se faz difícil nas universidades federais, sobretudo aqueles memoriais defendidos em Escolas de Enfermagem. Constatei que são raros os memoriais que se encontram nos acervos das bibliotecas, sendo que nenhum foi produzido nas Escolas de Enfermagem dessas universidades, à exceção da Universidade de São Paulo, de âmbito estadual.

No acervo bibliotecário da USP é possível consulta à listagem dos memoriais de modo público, podendo ser solicitada a reprodução (xerox) ou digitalização dos documentos na Biblioteca Setorial da Escola de Enfermagem, localizados em sua reserva especial. Em investigação nessa biblioteca, constatei que todos os memoriais das professoras titulares desta instituição estão disponíveis para consulta local<sup>19</sup>. Estes datam desde a década de 1960-1970, onde localizei os memoriais de professoras como Glête de Alcântara (1963), Wanda de Aguiar Horta (1975 e 1976), Taka Oguisso (1977), Maria Cecília Puntel de Almeida (1992), Emiko Yoshikawa Egry (1996), entre outras figuras de destaque acadêmico da Enfermagem brasileira que atuaram nessa universidade.

---

17 Conforme pesquisa realizada nos acervos de bibliotecas de universidades públicas brasileiras, nas quais buscou-se memoriais de docentes nas Escolas de Enfermagem, nos acervos das bibliotecas das Universidades de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

18 As referidas Universidades foram locais por onde transitei, geograficamente, ao longo dos cinco anos de doutorado. Nesses locais, a presença física teria possibilitado o acesso a esses materiais, caso estivessem disponíveis. Optei por não registrar buscas sistemáticas em função do escasso material.

19 Para conhecer este material, em fevereiro de 2019 busquei o conjunto de memoriais e selecionei cinco deles, com cerca de 600 páginas ao todo: Memorial de Emiko Yoshikawa Egry (1996), Memorial de Maria Cecília Puntel de Almeida (1992), Memorial de Wanda de Aguiar Horta (1977) e (1975), e Memorial de Glête de Alcântara (1963).

Cabe comentar, ainda, sobre o quão curioso foi perceber que existem poucos memoriais acadêmicos disponíveis no acervo das bibliotecas da UFRGS. Em pesquisa realizada nos anos de 2019 e 2021, quando procurei localizar memoriais docentes, dos 68 disponíveis, 61 deles foram escritos por docentes da Medicina. Como é possível que os memoriais de docentes titulares do curso médico estejam disponíveis em volume expressivo e em demais áreas da UFRGS não se encontre, por vezes, um memorial sequer? Ao ler as normativas específicas para a promoção no curso de Medicina, notei regras semelhantes aos processos seletivos de áreas como Educação ou Enfermagem, isto é, não há obrigação explícita sobre a disponibilização pública dos memoriais de docentes da Medicina na biblioteca. Apesar de meu espanto com essa constatação, tal prática corrobora com os achados de Câmara (2012), que sugere que este tipo de documento, no Brasil, inicia sua aparição a partir dos cursos de Medicina e Medicina Veterinária na UFBA e USP.

Para os curiosos que se perguntam sobre os outros sete memoriais localizados no acervo da UFRGS, estes são das áreas da Educação, História, Ciência Política, Farmácia e Enfermagem. No acervo, havia majoritariamente memoriais de docentes da UFRGS, mas também de docentes de outras universidades, como da Universidade de São Paulo (Enfermagem) e Universidade Federal Fluminense (História).

Na rota de navegação para aquisição de memoriais de docentes da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, após busca via internet, fui pessoalmente à Biblioteca da Escola de Enfermagem da UFRGS. Lá, confirmei esta primeira constatação: esses documentos não são públicos e nem estão disponíveis no acervo. Tal fato causou-me estranheza. Por que tais documentos não são públicos? Por que não estão nas bibliotecas? De que modo sua inacessibilidade pública pode nos fazer pensar? Desinteresse por esse tipo de documento? Interdição jurídica-institucional? Nem o bibliotecário de plantão sabia me responder.

Ao refletir sobre essas questões, encontrei em Teresa Rego (2014) questionamento semelhante; embora se constituam como fonte fecunda para diversos estudos, tais materiais têm sido pouco explorados e, com isso, a produção de pesquisas utilizando estes documentos é escassa. Entre os motivos a autora coloca o caráter não público desses documentos, assim como defende sua disponibilização nas bibliotecas. Para Câmara (2012), esses documentos podem ser considerados semi-públicos, por sua característica em relação à disponibilidade.

Em estudo sobre a “constituição identitária, educação, memória e suas relações com as narrativas autobiográficas”, Rego (2014) analisou memoriais de pesquisadores(as) brasileiros(as), de duas gerações, ligados aos estudos educacionais. A autora cita entre os motivos para a escolha desses documentos a possibilidade de “conhecer o ponto de vista crítico e metateórico do pesquisador ao analisar seu próprio percurso de formação e produção acadêmica”, de maneira a

explicitar “aspectos que a leitura direta de textos dispersos dos pensadores nem sempre revela” (REGO, 2014, p.783). A autora escreve que os memoriais podem ajudar a conhecer traços importantes relacionados à vida nas universidades, além da questão da formação, percurso, carreiras, linhas de pesquisas dos docentes de nível superior, em “um dos raros espaços acadêmicos em que o pesquisador está de algum modo autorizado a estabelecer relações entre as dimensões cognitivas e afetivas” (REGO, 2014, p.796) e, portanto, pode comentar aspectos da vida em interface com trajetórias profissionais e intelectuais. Nesse sentido, Rego (2014) acrescenta que as criações artísticas ou científicas não são processos mecânicos, desligados da vida de quem cria, de suas preocupações filosóficas, do clima histórico da época e do lugar onde este se situa. Além disso, os memoriais não falam apenas de um indivíduo mas, de certa forma, das aspirações de uma geração que habita a vida acadêmica.

A partir do estudo de Teresa Rego (2014), lembro do pensamento de Foucault ([1980] 2012 p. 306] acerca da diferença entre o que ele considerava “saber” e “conhecer”:

Viso, com “saber”, a um processo pelo qual o sujeito sofre uma modificação por aquilo mesmo que ele conhece, ou antes, por ocasião do trabalho que efetua para conhecer. É o que permite, ao mesmo tempo, modificar o sujeito e conhecer o objeto. É conhecimento o trabalho que permite multiplicar os objetos conhecíveis, desenvolver sua inteligibilidade, compreender sua racionalidade, mas mantendo a fixidez do sujeito que pesquisa.

Entendo a justificativa da importância dos memoriais expressa por Rego (ibidem) algo da ordem do que Foucault ([1980] 2012) chama de saber e de conhecimento. Isto porque uma professora, ao escrever seu memorial, tem a possibilidade de analisar seu percurso e compreender que trabalho tem efetuado sobre si e sobre suas pesquisas, ensinamentos e trajetória, para saber os limites do que tem a possibilidade de saber e, com isto, operar uma transformação de si e de seu pensamento. Assim, seria possível ver nos memoriais formação de saberes acerca dos sujeitos que se constituem como docentes titulares na Enfermagem em determinada época e lugar. Na mesma justificativa, para atribuir importância aos memoriais é explicitado pela autora o que Foucault (ibidem) poderia chamar de conhecimento, isto é, a possibilidade de análise de sua produção acadêmica sem colocar em questão o sujeito que a produz.

Em consonância ao que apresenta Rego (2014), no ano de 2018, foram publicados em livro, no formato eletrônico, um conjunto de seis memoriais defendidos no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Os dois volumes do livro *Memórias e trajetórias acadêmicas: o rural como objeto de reflexão e vida* (KATO; LIMA; SCARPELINE, 2018)<sup>20</sup> mostram a trajetória de docentes na construção desse programa de pós-graduação, em cujos memoriais escrevem

---

<sup>20</sup> A publicação pela editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) marca a comemoração de 40 anos do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ).

acerca de seus esforços na consolidação do programa, versam sobre as pesquisas desenvolvidas, mesclado a elementos familiares e de vida. Para isto, os organizadores utilizaram os textos dos memoriais de docentes titulares que pudessem valorizar a memória do programa, assim como inspirar a comunidade acadêmica.

Antes dessa publicação, no estudo de Sandra Câmara (2012) é possível encontrar outras referências de livros com funções semelhantes, como o da coletânea coordenada por Maria da Conceição Passegi e Tatyana Mabel Nobre Barbosa (2011a; 2011b) intitulada *Memorial acadêmico*, composta por dois volumes e 9 memórias. Tenho por certo que em uma busca estilo “garimpo”<sup>21</sup> seria possível localizar outras produções semelhantes, isto é, de coletâneas de memoriais publicados em livro. Todavia, esse tipo de pesquisa bibliográfica não fez parte da rota desta navegação, uma vez que não foi localizado nenhum referente à área da Enfermagem.

No que se refere à produção de dissertações ou teses, no catálogo da CAPES, em maio de 2019 e 2021, localizei 1278 resultados para “memorial”. Na área de conhecimento ou em referência à Enfermagem, nenhuma pesquisa acerca desta temática ou utilizando estes materiais foram encontradas, e somente uma tese versou sobre memoriais acadêmicos de docentes titulares, na área da Educação. Esta, intitulada *Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no ensino superior no Brasil*, foi defendida por Sandra Cristinne Xavier da Câmara (2012b), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação de Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passegi. Como já exposto, esta tese e a produção da pesquisadora e co-orientadora tem sido utilizada como referência em estudos e escritos sobre e de memoriais.

Em periódicos científicos é notória a referência e citações aos estudos de Rego (2014) e/ou Câmara (2012) quando autores buscam definir um memorial acadêmico, ou ainda, contextualizar “a escrita autobiográfica como expressão específica da esfera cultural da universidade brasileira, destacando aspectos relativos às mudanças de concepção de sua estrutura como gênero acadêmico ao longo de quase um século” (CÂMARA, 2012, p.19). Para além da tese, a autora publicou um capítulo sobre os memoriais como tradição acadêmica em livro que agrupou pesquisas e estudos de cooperação acadêmica entre a Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde desenvolveram a “Pesquisa (auto)biográfica: docência, formação e profissionalização”, tendo contado com financiamento da CAPES.

---

21 Em artigo publicado por mim, decorrente de dissertação de mestrado, intitulado “Garimpo bibliográfico”, realizei pesquisa exaustiva em fontes consideradas cinzentas ou ainda esparsas na Internet. Por ter desenvolvido tal exercício de escrita no mestrado, para o doutorado a opção foi a de investir no ensaio e na utilização das fontes localizadas a partir de leitura interessada, sem adotar método cartesiano de revisão. Fiz aqui apenas um sobrevoo acerca de memoriais e produções sobre memoriais que podem ser úteis para a argumentação/reflexão proposta. MARANHÃO, Thais. Vivências e estágios na realidade do Sistema Único de Saúde: um “garimpo” bibliográfico. R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.7, n.4, 2013, p.1-14. Doi: 10.3395/reciis.v7i4.862pt. Disponível em: <https://www.reciiis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/529>

A partir da leitura deste livro e da pesquisa de dissertações e teses foi possível perceber que existem pesquisas acerca de memoriais acadêmicos, embora este nome não seja exclusivo para memoriais de professores titulares. Vi uma série de estudos que analisam memoriais para ingresso em programa de pós-graduação<sup>22</sup>, memoriais acadêmicos para seleções, ou ainda, utilizados como dispositivos educativos, chamados memoriais de formação (CAMARA, 2012a, 2012b). As autoras Câmara e Passegi (2013, p.35) subdividem os memoriais autobiográficos em dois tipos: o memorial acadêmico “para designar as escritas de si elaboradas por professores e pesquisadores para fins de concurso público, ingresso ou ascensão funcional na carreira docente ou outras funções em instituições de ensino superior e de pesquisa”; e o memorial de formação “para designar os que são escritos durante o processo de formação inicial ou continuada, e concebido como trabalho de conclusão de curso no ensino superior, realizado, geralmente, em grupo e acompanhado por um professor orientador.”

Ao vasculhar páginas onde há artigos acadêmicos, como Scielo e Google Acadêmico, a partir de “memorial”, no primeiro constatei a referida escassez: de 45 registros, apenas 6 tratavam de memoriais de professores titulares. Destes, 4 eram memoriais publicados como artigos (publicados na *Educar em Revista*), na área de educação e, 1 (um) referente à área da Antropologia. Somente um registro pertencia à análise, e não a uma escrita memorial. Este, já referido, é a pesquisa de Teresa Rego (2014). Já no Google Acadêmico há uma vastidão de registros, em torno de 25 mil. Por não buscar realizar avaliações sistemáticas, em uma leitura de sobrevoo nas primeiras 30 páginas da busca, contendo cerca de 300 registros de datas mais recentes, sua grande maioria referia-se a link para acesso aos memoriais de professores titulares de diversas instituições e áreas, localizados em repositórios diversos. Considero que o interessante dessa busca, realizada quase às vésperas da entrega desta tese, foi a localização de pesquisas mais recentes que utilizam memoriais como documentos analíticos. Exponho, de modo breve, o que considero ter chamado mais a atenção na leitura destes.

Na produção de Mariana Luz Pessoa de Barros (2014) foi analisado o modo de constituição da escrita de memoriais acadêmicos produzidos na Faculdade de Letras e no Instituto de Biociências da USP, a partir dos anos 70 até meados de 2014. Seu destaque analítico apresenta efeitos de singularidade e a dimensão do prazer, ambos incorporados como exigência nos memoriais mais recentes e que possuem efeitos sobre

---

22 Ao ler este livro, foi interessante lembrar que, ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, pertencente à Escola de Enfermagem da UFRGS, eu tenha exercido essa prática de escrita como parte do processo seletivo, no qual foi solicitado, na segunda etapa da seleção ao mestrado, um memorial, além de currículo e entrevista. No Programa de Pós-graduação em Enfermagem, no qual curso este doutorado, os memoriais são produzidos para promoção de professor titular.

o éthos de sujeitos, aqui compreendidos como estilo, modo de ser e de se fazer reconhecer.

Já na pesquisa de Gabriela Belo da Silva e Mônica Inês de Castro Netto (2020, p.109), as autoras dialogam com a questão da formação do éthos em memoriais de professores titulares da Universidade Federal do Goiás, utilizando-se de referencial filosófico aristotélico para mostrar que os éthos de pesquisadores titulares apontam para sujeitos “compromissados não apenas com a carreira, com a instituição e com a pesquisa científica, mas também com sua própria história de vida”. Nesta pesquisa, éthos é compreendido como imagem de si pelo discurso.

O capítulo de livro escrito por Bernadete de L. R. Bezerra e Rémi Fernand Lavergne (2014) realiza uma narrativa com inspiração etnográfica acerca de um episódio de concurso para professor titular na área de Antropologia da educação, no qual havia dois concorrentes, um corpo docente interessado na disputa e o processo institucional-jurídico é analisado.

Na perspectiva de se colocar na vertical de si mesmo e estranhar práticas naturalizadas, caberia perguntar: por que a escrita de memoriais é um dos requisitos para promoção na carreira docente? Se, na vida contemporânea, sabemos que as produções acadêmicas e as atividades exercidas em gestão, extensão, docência são transformadas em quantidade, com intuito de avaliar se há condições para conseguir promoção na carreira, por que haveria ainda esse estímulo institucional a certa produção autobiográfica de docentes? Não bastaria apenas mostrar o volume de produção e de atividades? Uma cópia documentada do currículo da Plataforma Lattes? De que maneira passamos a pensar que a escrita sobre si deveria constituir outra camada para promoção docente? Como passamos a atribuir importância à escrita própria sobre nós mesmas, a ponto de passarmos a considerar/reivindicar tal escrita como tradição no ensino superior brasileiro público? O que os memoriais acrescentam, valorizam, estetizam, normalizam e questionam acerca de certos indivíduos que habitam a vida universitária? Entendo que são questionamentos e curiosidades mais amplos do que o foco desta pesquisa, mas que, na medida que aparecem no pensamento, podem servir como elementos meta-analíticos da própria escrita, ao mostrar certo lugar de questionamento da pesquisadora.

#### MEMORIAIS SOB OS AZULEJOS JURÍDICO-INSTITUCIONAIS

De volta aos rumos dos memoriais acadêmicos da Escola de Enfermagem, após surpresa quanto sua invisibilidade pública, ainda em 2018, fui consultar pessoalmente os funcionários da Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD) da UFRGS, órgão colegiado vinculado à Reitoria da Universidade e responsável pela formulação e acompanhamento da política de pessoal docente na instituição. Lá fui informada da

Portaria nº 5986 de 07/07/2017<sup>23</sup>. Impressa diante de meus olhos e entregue por um dos professores da Comissão, que me disse não concordar com a referida Portaria por esta definir a não disponibilização pública de tais documentos. Hoje, os memoriais só se tornam públicos por iniciativa docente em publicar ou disponibilizar em acervo. A referida portaria determina que processos vinculados à Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGESP) passam ao grau de acesso restrito e sigiloso.

Em uma cena inusitada, primeiro a sensação de desconforto com a notícia e, posteriormente, a abertura de um sorriso ao ver, nessa interdição jurídica, a possibilidade de documentos serem transformados em monumentos, como aprendi com Foucault. Senti que a cortina de fumaça que encobria tais documentos era sinal de fogo, e isso muito me animou.

A escrita é erigida a partir de si mesma, não tanto para dizer, para mostrar ou para ensinar alguma coisa, mas para estar ali. Essa escrita é atualmente, de certa forma, o próprio monumento do ser da linguagem. No que diz respeito a minha experiência vivida, confesso que não é de modo algum assim que, para mim, a escrita se apresentou. Sempre tive para com a escrita uma desconfiança quase moral (FOUCAULT, [1968] 2016, p.36).

Os memoriais vistos como alguma coisa que “está ali”, toma a forma do que Foucault nomeou como discurso. Essa é “alguma coisa” à qual se pode olhar como se olha para um monumento, para observar suas técnicas, sistemas de relações, com sua consistência própria, espessura, densidade e funcionamento (FOUCAULT, [1968] 2016). Nesse sentido, olho para os memoriais para, em vez de vê-los reconstituírem seus “segredos imanentes”, apreender

(...) o texto como um conjunto de elementos (palavras, metáforas, formas literárias, conjunto de narrativas) entre os quais é possível fazer surgir relações absolutamente novas, na medida em que eles não foram determinados pelo projeto do escritor, mas apenas tornados possíveis pela própria obra como tal. As relações formais que assim se descobrem não estavam presentes na cabeça de ninguém; elas não constituem o conteúdo latente dos enunciados, seu segredo indiscreto; são uma construção, mas uma construção precisa desde que as relações assim descritas possam ser atribuídas realmente aos materiais tratados. Aprendemos a colocar as palavras dos homens [e mulheres]<sup>24</sup> em relações ainda não formuladas, ditas por nós pela primeira vez, e, no entanto, objetivamente exatas (FOUCAULT, [1967] 2005, p.69).

Na ordem institucional-jurídica, os memoriais são requisitos obrigatórios para a promoção<sup>25</sup> na carreira docente em universidades públicas para atingir o último patamar

23 Publicada à época da gestão do ex-Reitor Rui Vicente Oppermann e que, embora tenha sido reeleito em 2020 pela comunidade acadêmica, não foi empossado pela Presidência da República do Brasil. Ao saber desta portaria, recordei-me de experiência sobre debate acerca do que seria uma universidade democrática, em meados dos anos 2000, onde ex-reitor da Universidade de Brasília, Cristóvam Buarque discursava que universidade democrática era aquela que formava para atender aos interesses da sociedade, com o olhar voltado para a desigualdade social (BUARQUE, 2008). Atualmente, preocupamo-nos com uma herança da ditadura, a qual nos atravessa juridicamente e politicamente no acesso a documentos, assim como nas escolhas da gestão acadêmica universitária brasileira. A portaria nº 5986 não comenta por quantos anos os documentos serão sigilosos.

24 Embora compreenda que Foucault utilize “homem” para designar certo indivíduo, autor, e até sujeito, nos tempos atuais, compreendo a necessidade de atualizar e acrescentar as mulheres como produtoras de discursos, embora saibamos da disparidade de gênero. Hoje compreendo ser difícil ler uma citação como a referida sem acrescentar mentalmente, neste caso, a palavra “mulheres”. Dito isto, resolvi profanar e colocar no texto essa voz que se sobressai em mim, toda vez que leio este excerto. Utilizo colchetes para sinalizar que este trecho não é próprio do autor.

25 À exceção de quatro docentes que o processo seletivo teve formato de concurso.



da carreira – Classe E –, que confere o grau de Professor Titular<sup>26</sup>, produzindo acréscimo substancial na remuneração. Os memoriais compõem um conjunto de documentos necessários para esta promoção, junto à comprovação do título de Doutor (mediante certificado autenticado de título e ata de defesa de tese) e a aprovação em processo de avaliação de desempenho, no caso das universidades federais (elaborado a partir de instrumento que quantifica as atividades e produção docente).

Os memoriais são entregues junto a outros documentos ao departamento da área para ser protocolado em seleção, conforme edital público. Os materiais são lidos e avaliados por banca constituída por professores da instituição e de outras universidades. Caso o docente esteja apto à promoção de carreira, é agendado momento solene de defesa desta promoção, em sessão pública, na qual o memorial é lido e/ou defendido, marcando este ritual acadêmico. Há indicador referente ao tempo para defesa do memorial, circunscrito a 50 minutos de apresentação, seguido de arguição/manifestação da banca avaliadora de 10 minutos para cada membro, com a possibilidade de direito de resposta do candidato, de mesmo tempo.

Atualmente, os memoriais das universidades federais estão normatizados pela Lei nº 12.772/2012 (que dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos do Magistério Federal), e por regimentos internos das universidades. No que se refere às regras sobre o que deve constar nessas escritas, a Lei Federal 12.772/2012 regula que devem ser consideradas atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante. No caso da UFRGS, a Decisão Normativa nº 232/2014, do Conselho Universitário determina que o memorial deve apresentar obrigatoriamente referência à dedicação ao ensino, à pesquisa e/ou extensão, além de descrever tais atividades. O modo como deve ser explicitado, assim como número de páginas, ou outras regras de escrita não são determinados em lei, nem em normativa do Conselho.

Após informar aos leitores em que rumo jurídico-institucional encontram-se os memoriais, volto à bela tese de Sandra Câmara (2012), que apresenta intensa busca de memoriais em algumas instituições e faculdades brasileiras, em lugares quase inalcançáveis – seus “elos perdidos”. Conforme já dito, a autora defende que os memoriais acadêmicos, que ela nomeia como autobiográficos, são uma tradição acadêmica no ensino superior no Brasil. A autora fez uma pesquisa bibliográfica documental na

---

26 Juridicamente, não existe carreira de “professora”, no feminino, embora haja professoras universitárias. Destaco a atualidade desse lembrete em conexão com discussões de gênero trazidas pelos movimentos de pessoas transexuais, em que a diferenciação entre sexo e gênero se torna central. Lembro ainda que, ao receber título de mestrado nesta instituição, o certificado já consta Mestre como possibilidade de linguagem em sua versão de flexão de gênero. Outra recordação acerca do uso do feminino na linguagem é a que li em Padilha, Borenstein e Santos (2015), na qual afirmam que, antes da entrada de homens na profissão de Enfermagem, utilizava-se a denominação *enfermeira* para se referir à profissão. Com a gradual participação de homens em cargos de chefia e direção em instituições de saúde, passou-se a utilizar o termo “enfermeiro”.

qual reivindica que, desde a década de 1930, os memoriais acadêmicos fizeram parte de um modo de institucionalização da promoção na carreira acadêmica.

Retomo partes de sua tese em diálogo com textos de Foucault para refletir sobre dispositivo jurídico-institucional, pois entendo que os memoriais inauguram certo modo dos sujeitos se constituírem como docentes titulares nas universidades públicas.

Uma das afirmações da pesquisa de Câmara (2012) foi quanto ao primeiro registro de memorial na literatura acadêmica brasileira, apresentado em 1938 pelo professor Adriano de Azevedo Pondé da Universidade Federal da Bahia, candidato ao cargo de Catedrático no curso de Medicina. Outra constatação de Câmara (2012) foi a de que na Universidade de São Paulo (USP), embora o curso de Direito tenha sido criado em 1827 e a USP em 1934, os memoriais só foram considerados exigência a partir de 1971, quando nos concursos para Livre Docência, professor Adjunto e professor Assistente substituiu-se a Prova de Títulos pelos memoriais. Segundo a autora, antes de 1971 os documentos que apresentavam a alcunha de “memorial” eram os “livro-caixa da contabilidade da faculdade”. Câmara (2012) registra que a tradição dos memoriais com teor autobiográfico é proveniente da área da Medicina e não do Direito. Outra afirmação é a do memorial como tradição na universidade, apreendida a partir da leitura de Edivaldo Machado Boaventura (1995)<sup>27</sup>.

Vejo aqui o nascimento das reivindicações de que os memoriais constituem uma tradição para quem almeja a promoção de carreira para professor titular. Esta afirmação será trazida à cena da universidade em diversas escritas de memoriais, sendo perpetuada também em estudos acerca destes como modo de afirmação da importância da escrita que está a se fazer, para além da exigência jurídica-institucional.

É interessante notar que a referida afirmação de tradição é proveniente de um memorial aparentemente sem importância, isto é, do candidato a professor do ano de 1994, Edivaldo Machado Boaventura (1995), cuja eleição não foi bem-sucedida. Com isto, lembro-me de ter lido em Foucault ([1967] 2005, p.75) que “antigamente, para aquele que escrevia, o problema era se destacar do anonimato de todos; hoje é chegar a apagar seu nome próprio e vir alojar sua voz nesse grande murmúrio anônimo dos discursos que se mantêm”. Apesar dos memoriais terem seus primeiros registros coincidentes com a criação de algumas universidades federais e que tenham ganhado espaço em todas elas com a legislação de 2012, sua condição de existência como tradição ocorre recentemente, a partir dos anos 2000, com a propagação de estudos acerca desse tipo de material.

---

27 O documento referido por Câmara (2012) foi o memorial do candidato (não eleito) a Pesquisador no ano de 1994, do referido professor Boaventura.

Ao ver tantas vezes citada certa tradição da prática de memoriais justapostas à da criação das universidades, passei a me perguntar: Tradição para quem? Do quê? De que modos? Não seria, antes, o contrário? Isto é, a escrita de memoriais é que constitui a “tradição” de uma prática de individualização no interior da universidade, a qual constitui sujeitos titulares de determinados modos?

Entendo que, vistos como tradição, os memoriais se mostram como mecanismo produtor de culturas institucionais que forjam sujeitos professores titulares. Cabe reparar que os memoriais não são documentos escritos por todos, ou ainda, por qualquer um, como poderia ser um artigo científico. Também não é um documento escrito a qualquer momento, como poderia ser um livro. Que heranças perpetuamos nesse espaço-tempo memorialístico? Quais são os limites e as formas do que é possível falar? Para quem orientamos nossas escritas? Que modos de existência reivindicamos em nossos memoriais?

É relevante destacar que, embora fale dos memoriais como unidade discursiva, isto é, como se tratasse de um conjunto de textos com certas características, regulados por determinadas normas, e por ora identificados na literatura inclusive como tradição na universidade, cabe fazer a ressalva de que interessa a esta investigação refletir e problematizar diferenças, dispersões, modos de produção de sujeitos professores titulares da Escola de Enfermagem da UFRGS. Não os entendo como algo único. Se descrevo suas características comuns é para tentar alcançar suas particularidades, suas produtividades, suas operações em modos de ser possíveis.

No texto “As malhas do poder” ([1981] 1982), Foucault nos apresenta a reflexão de que os mecanismos de poder podem ser vistos como tecnologias, diferentemente de vê-los do ponto de vista jurídico. A proposta é que olhemos para o poder sem privilegiar o poder do Estado, isto é, de seus mecanismos jurídicos que conservam e entendem o poder como fato jurídico (herança burguesa de Rousseau), ou ainda, como se víssemos nos azulejos frios de Varejão o poder da ordem na qual repousam corpos-musas. Assim, “empobrecemos a questão do poder quando a colocamos unicamente em termos de legislação, ou de Constituição, ou em termos só de Estado, ou de aparelho de Estado” (FOUCAULT, [1977] 2010, p.119).

Vale lembrar que para Foucault o poder é algo que produz, isto é, mecanismo “pela qual chegamos a controlar no corpo social até os elementos mais tênues pelos quais chegamos a atingir os próprios átomos sociais, isto é, os indivíduos”. Assim, “não se trata de dizer que as relações de poder somente podem fazer uma coisa, que é coagir e obrigar” (FOUCAULT, [1978] 2004, p.45). “O poder é, de outro modo, mais complicado, mais espesso e difuso do que um conjunto de leis ou um aparelho de Estado” (FOUCAULT, [1977] 2010, p.119). No texto “Sujeito e Poder”, Foucault ([1982] 2013, p.287) nos diz que “só há poder exercido por ‘uns’ sobre os ‘outros’; o poder só existe em ato, mesmo que, é claro, se inscreva num campo de possibilidades esparso que se apoia sobre estruturas permanentes”. Nesse sentido, ele dirá que “o exercício

do poder consiste em ‘conduzir condutas’ e em ordenar a probabilidade. O poder, no fundo, é menos da ordem do afrontamento entre dois adversários, ou do vínculo de um com relação ao outro, do que da ordem do ‘governo’” (ibidem, p.292).

Como proposta para ver a produtividade das relações de poder, Foucault propõe vermos os mecanismos de poder como “invenções de tecnologias políticas” e, com elas, nossos modos de operar mecanismos de poder. Nessa direção, ele vai elencar dois tipos de tecnologias políticas inventadas nos séculos XVII-XVIII: a disciplina e a biopolítica. A disciplina, vista como uma tecnologia política, é uma forma de exercício de poder que tem por objeto o corpo e por objetivo a normalização (CASTRO, 2016, p.110). “Como vigiar alguém, como controlar sua conduta, seu comportamento, suas aptidões, como intensificar seu rendimento, como multiplicar suas capacidades, como colocá-lo no ponto em que ele será mais útil” (FOUCAULT, [1981] 1982, p. 36) é o que o autor denomina disciplina.

A partir das *malhas do poder*, seria possível olhar para os memoriais como uma tecnologia política, disciplinar, aperfeiçoada incessantemente. Inclusive, é no campo da Educação que Foucault vê aparecer métodos disciplinares “onde os indivíduos são individualizados dentro da multiplicidade” (FOUCAULT, [1981] 1982, p.36). A prática de produção de memoriais visa, entre outras possibilidades, organizar um modo de individualização, isto é, produzir sujeitos professores titulares. Nessa direção, o aparato jurídico dá sustentação à prática tecnológica disciplinar, o que Foucault chamou de “tecnologia individualizante do poder”. Ao sujeito professor titular cabe mostrar-se para que seja aprovado/reconhecido para assumir o referido cargo. É nessa produção de si, na produção de saberes acerca de si a partir de certos instrumentos conceituais, de horizontes teóricos, que é possível ver a escrita de memorial como tecnologia de poder na instituição escolar universitária. Esta tecnologia tem como objeto os corpos dos indivíduos, de modo a torná-los produtivos academicamente e, a cada dia, tornar não apenas o seu trabalho, mas também suas vidas, produtivas.

O memorial se mostra como tecnologia na qual o professor deve discorrer sobre sua experiência, conhecimento, exercício ético e prazer, demonstrando um certo modo de ser que possibilita o acesso ao topo da carreira. Se, de um mestrando se espera a produção de uma dissertação e de um doutorando a escrita de uma tese, ao professor titular cabe mostrar a si, sua trajetória, como usou o seu tempo, os títulos que acumulou, o que funda os saberes sobre este sujeito.

Retomo aqui as rotas do naufrágio, nas quais busquei refletir sobre o foco de experiência da escrita de memoriais como prática de constituição de sujeitos. Entendo que esta reflexão acerca de relações de saber-poder tem como efeito produzir matrizes normativas de comportamento para os indivíduos, isto é, modos de governo de si e dos outros que, nos casos vistos em memoriais, serão narrados pelos próprios, de modo que estes sujeitos vivenciam e conduzem-se neste tempo-espaco de trajetória acadêmica. Os

memoriais, em vez de vistos como blocos únicos, podem ser pensados como paradoxos da liberdade e de modos de existências possíveis no lugar de professor titular.

#### MEMORIAIS SOB CORTES VIVOS ÉTICO-INSTITUCIONAIS

Em função da interdição jurídica mencionada e, além da inacessibilidade aos documentos semi-públicos, após o exame de qualificação do projeto desta tese foi necessário submeter a investigação ao Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS (CEP/UFRGS), CAEE nº 19396619.9.0000.5347. Assim, obter as escritas de docentes titulares da Universidade Federal do Rio Grande do Sul exigiu tanto a “permissão” do projeto investigativo por comitê, como também das próprias docentes, em dois momentos: na autorização para adquirir os memoriais e na validação do uso dos fragmentos já no contexto da tese.

A partir dos anos 2000, quando ocorreu a mudança nas regras de progressão ou promoção na carreira docente, a Escola de Enfermagem da UFRGS teve 16 professoras que atingiram o topo da carreira, chegando a Professor Titular até 2020. Destas, quatro realizaram concurso para o cargo, no ano de 2012, e 14 foram promovidas entre os anos 2014 e 2020, a partir da Lei 12.863, de 2013. Tal diferença entre o modo de seleção me foi suscitada à lembrança por uma das professoras titulares, com quem tive o prazer de conversar pessoalmente em momento de assinatura de TCLE<sup>28</sup>.

Quadro 1: Professores Titulares (concurados) da Escola de Enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000 a 2020).

<b>APROVADOS EM CONCURSO PARA PROFESSOR TITULAR NA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL</b>	
<b>NOME</b>	<b>ANO</b>
AGNES OLSCHOWSKY	2012
JACÓ FERNANDO SCHNEIDER	2012
ANA LUCIA DE LORENZI BONILHA	2012
MARIA DA GRAÇA OLIVEIRA CROSSETTI	2012

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

<sup>28</sup> Registro aqui meu agradecimento à professora Ana Lucia de Lorenzi Bonilha, que foi uma das primeiras professoras a me receber e aceitar participar desta pesquisa. Assim como à professora Maria da Graça Corso da Motta, que disponibilizou seu memorial ainda antes da solicitação em Comitê de Ética, e que contribuiu com a pesquisa de prévia de campo.

Quadro 2: Professores Titulares (promovidos) da Escola de Enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000 a 2020).

<b>PROMOVIDOS A CLASSE “E” (PROFESSOR TITULAR) NA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL</b>	
<b>NOME</b>	<b>ANO</b>
LIANA LAUTERT	2014
MARIA ALICE DIAS DA SILVA LIMA	2014
MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA	2014
MARIA HENRIQUETA LUCE KRUSE	2015
RICARDO BURG CECCIM	2015
EVA NERI RUBIM PEDRO ( <i>In memorian</i> )	2016
CLARICE MARIA DALL’AGNOL	2017
DORA LÚCIA LEIDENS CORRÊA DE OLIVEIRA	2017
ÊRICA ROSALBA MALLMANN DUARTE	2018
TATIANA ENGEL GERHARDT	2018
MIRIAM DE ABREU ALMEIDA	2019
SÔNIA BEATRIZ COCARO DE SOUZA	2020

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O modo de obtenção dos memoriais foi feito por contato direto com as professoras titulares da Escola de Enfermagem<sup>29</sup>, por meio de e-mail, contato telefônico, mensagem por WhatsApp e/ou presencialmente. Todas autorizaram o uso de seus memoriais para este estudo junto à Secretaria Acadêmica da instituição de ensino por via de expressão e assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B). O memorial da professora Eva Neri Rubim Pedro foi cedido por sua filha devido ao falecimento da docente.

Destaco que, em momento de conversa com docentes, dois professores destacaram que, embora tenham tido suas progressões de carreira na Escola de Enfermagem, e tenham até realizado graduação em Enfermagem, estes não se enquadravam como “enfermeiros docentes”, cujo termo foi apresentado em TCLE. No momento de consentimento, os dois estavam como docentes do curso de Bacharel em Saúde Coletiva, cuja oferta e vínculo institucional é do âmbito da Escola de Enfermagem. Por isso, foi avaliado que seus memoriais estavam dentro dos critérios de inclusão do estudo.

Com o intuito de zelar pelos recortes éticos considerados importantes em nossa instituição de pesquisa, houve sugestão do CEP/UFRGS de modificação na proposta original do Termo de Consentimento no sentido de que os participantes validassem os

29 Embora utilize o gênero feminino neste texto, é importante destacar que, entre os memoriais, 2 foram escritos por professores que entendo serem do gênero masculino. Destaco que, até o momento, a questão de afirmação de gênero não é apresentada de modo explícito em afirmações nos memoriais, algo como: “sou do gênero..”, e que este aspecto é percebido na leitura dos arquivos a partir do uso de palavras no masculino ou feminino ao se referirem a si mesmos.

trechos e fragmentos dos memoriais no contexto das análises. Outra modificação no TCLE, e que ocorreu após aprovação no CEP/UFRGS, foi a substituição de “enfermeiras docentes” por “docentes titulares da Escola de Enfermagem, realizado a partir do pedido de dois participantes, em momento de assinatura do TCLE. Por considerar os memoriais como documentos históricos, já defendidos publicamente, reforcei às professoras e professores o posicionamento acerca da importância do não anonimato nesta pesquisa, e com isso, a identificação de autoria dos excertos. No momento de assinatura de TCLE todas/os concordaram com estes termos.

O processo de validação ocorreu entre os dias 20 de agosto e 05 de setembro de 2021. Foi realizado contato com as/os participantes, via e-mail e/ou WhatsApp, no qual, junto com uma mensagem de saudação e orientação, foi enviada a tese às/aos docentes, tendo sido estipulado o prazo entre 10 a 15 dias para suas manifestações. O manuscrito da tese foi enviado na íntegra, de modo a facilitar a compreensão quanto ao contexto que os fragmentos foram inseridos e analisados.

Ao final da etapa de validação, todos os participantes concordaram com o uso dos fragmentos, no modo como eles foram apresentados na tese, mediante a manifestação escrita por meio de mensagens, por e-mail, WhatsApp e ligação telefônica. Esta etapa oportunizou tanto o contato dos participantes com o manuscrito da tese como também, belos e interessantes retornos à pesquisadora sobre a leitura que fora realizada, tendo sido um momento importante de trocas entre pesquisadora e participantes.

Embora a pesquisa seja referente a documentos, que poderiam ser vistos como obras das quais citamos autores e recortamos partes de citação referenciando os créditos, o tratamento dado a esta tese foi como se ela tratasse de pesquisas direta com pessoas ou, ainda, de documentos sigilosos. Isso tudo nos coloca em uma linha tênue entre usos próprios e impróprios. Lugar entre carne e azulejos, como nos lembra Varejão. Destaco que a sensação ao ter acesso e poder manipular estes manuscritos foi o de cortar uma carne, ainda viva, onde deve-se calcular eticamente onde realizar as incisões de modo a evitar sangramentos ou dilaceramentos demasiados, pois se trata de relação com esse corpo vivo.

As questões éticas dialogam com a escolha de seguir a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1988, sobre os direitos autorais, respeito à ideia e à autoria, apresentação dos dados com fonte nitidamente apresentada, assim como a resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016, que trata de pesquisa na área das Ciências Humanas e Sociais, com destaque para o Art 9º, que versa sobre os direitos dos participantes, onde o inciso V refere-se ao direito de decidir acerca da divulgação de nome próprio, assim como em decidir sobre quais informações, dentre as fornecidas, podem ser disponibilizadas de forma pública.

Ainda sobre possibilidades de considerações ético-institucionais acerca da investigação em curso, saliento que a proposta foi apresentada em outros meios

acadêmicos além da sessão de qualificação da tese e Comitê de Ética, como a Comissão de Pesquisa (COMPESQ) da Escola de Enfermagem, onde não houve sugestões de modificação da pesquisa e apresentação pública em Seminário de Linha de Pesquisa Tecnologias do cuidado em enfermagem e saúde, do qual participaram colegas da pós-graduação e docentes da Escola, sendo algumas docentes titulares, onde foram oportunizados esclarecimentos sobre suas participações mediante autorização do uso dos memoriais para ensaio ético-estético.

A opção de analisar memoriais de docentes titulares da Escola de Enfermagem envolveu riscos e perigos. Relaciono o processo de composição de ensaio ao aprendizado do que li no autor de *História da Sexualidade 2* (FOUCAULT, [1984] 2017, p. 12), em que este preocupava-se que, ao abordar documentos mal conhecidos por ele (textos da Antiguidade), “corria o risco de submetê-los, sem me dar conta, a formas de análise ou a modos de questionamentos que, vindo de outros lugares, não lhes convinham”, assim como, o de se perder, o de naufragar com as questões que se quer colocar, nesse processo de familiarização com os textos.

Outra possibilidade de perigo foi a de trabalhar com documentos de pessoas ainda vivas, algumas ainda atuantes na instituição onde busco minha titulação. Segundo Maria da Conceição Passeggi (2011), este é antes de tudo, um espaço-tempo de tensões contraditórias: o da injunção de falar de si e o da sedução de se reinventar pela narrativa. Na perspectiva de operar nestas tensões, refleti sobre uma prática de constituição do sujeito, no espaço-tempo de avaliação à promoção ao topo da carreira de professor universitário, onde são destacados motivos de orgulho, conquistas, entre outras lembranças dignas de serem registradas publicamente aos seus pares, onde vemos nascer o sujeito professor titular, sua utilidade, produtividade e modo de governar a si.

Ao utilizar referencial foucaultiano, fez-se necessário olhar para a escrita, para a linguagem, para os discursos. Para Foucault ([1968] 2016, p. 44), trata-se de interrogar sobre “o modo de aparição e de funcionamento do discurso real, sobre as coisas que foram efetivamente ditas”; isto é, “trata-se de uma análise das coisas ditas na medida em que são coisas”. Desta maneira, senti o perigo de recortar e compor os memoriais. Algo próximo ao que Foucault chamou de *exercitar um olhar para o avesso da tapeçaria* (FOUCAULT, [1968] 2016). A partir da escrita, do percorrer o corpo do outro, fazer incisões, levantar filamentos e tentar mostrar lógicas no anverso das tapeçarias, torcendo para que estes não gritem ao sentirem suas partes expostas, sangrantes e apresentados em outra ordem ou lógica, como na obra *Musas* de Varejão (1997).

Compreendo que escrever usando tais documentos constituiu uma escolha ético-política. Foi necessário avaliar os riscos, os perigos, as relações de poder e saber que cercam tais documentos e mover-me eticamente. Apostar na escolha de musas, trechos de heranças sobre como nos produzimos como sujeitos docentes titulares, ao olhar de



outros e ao nosso próprio, quando provocados, em resposta ao processo institucional e aos nossos próprios desejos, à promoção na carreira docente, e diferenciação entre os próprios pares.

O memorial é uma escrita na qual o indivíduo é convocado a produzir-se como sujeito. Sujeito docente titular, sujeito pesquisadora, sujeito extensionista, sujeito enfermeira, sujeito autor, sujeito autobiográfico, sujeito ético, sujeito escolar, entre outras tantas possibilidades. Sujeito como “forma e invenção dadas por intermédio de limites externos que funcionam como modelos dominantes de existência e experiência, como possibilidade controlada de atuação e cadeias de sentido traçadas conforme expectativa objetiva posta” sobre este (CARVALHO, 2014, p.112).

Vale enfatizar que procuro navegar no sentido de sujeito que aprendi em Foucault, onde este não é dado a priori, não sendo sinônimo de pessoa ou indivíduo, nem essência, nem identidade. A palavra “sujeito” se refere mais a uma função, uma atribuição, que é histórica, e vinculada às formas de saber e conjunto de condutas que, de diversos modos, vão moldando o modo de ser dos sujeitos (CANDIOTTO, 2016).

O processo de constituição de sujeitos nesta tese buscou mostrar o sujeito como objeto em construção para si mesmo, sem desconsiderar os limites externos envolvidos, lembrando Foucault quando diz que “é preciso sempre o trabalho sobre os nossos limites”. Limites traçados por nós próprias, ao pintarmos azulejos jurídico-institucionais e cortes ético-políticos. Nesse processo de constituição de sujeitos, trabalhar sobre os limites é trabalhar sobre nós mesmos enquanto sujeitos, que podem ou não operar em suas margens, em suas rotas, e se abrir ao inesperado, ao desvio, à prática de liberdade.

### CAPÍTULO III - AZULEJARIA DE COZINHA COM CAÇAS VARIADAS



Imagem 7: Azulejaria de cozinha com caças variadas. Adriana Varejão (1995).

“O ponto está em problematizar sempre, em desenvolver o gesto do questionamento e colocar o tom no seu próprio objecto. Cada um se descobre a acumular camadas sedimentares, a tentar harmonizar a dimensão especulativa, que a sua pergunta de partida exprime; a perceber que há um armazém e um depósito de sentido que é preciso ir sempre alimentando, sequenciando e encadeando. Todos são desafiados a adentar-se no acto da criação e a executá-lo de modo não linear e não mimético, mas profundamente articulado; a testar e a experimentar a transição e a passagem de um domínio a outro no exercício de produção da prova, a explicar-se o mais rigorosamente possível.”

Jorge Ramos do Ó (2019, p.30)

O encantamento com a obra *Azulejaria de cozinha com caças variadas* (VAREJÃO, 1995) abre este capítulo de cunho reflexivo-metodológico. Nessa pintura, vejo partes de corpos de animais justapostos, formando novos corpos, dependurados como num açougue, nas frias cores brancas e azuis dos azulejos. Com este quadro, é possível ver um armazém de sentido, na expressão de Jorge Ramos do Ó (2019). Podemos pensar que o questionamento de Varejão envolve certo “confronto da carne com as superfícies esfriadas, lisas e isoladas de um açougue” (MORAES, 2013). Na *cozinha de caças variadas*, o criar busca (des)naturalizar o olhar, sua obstinação pelo todo e pelo universal, de modo a apresentar um uno múltiplo em detalhes, superfícies e diferenças, para multiplicar sentidos.

A despeito de se estabelecer um método para se apropriar da realidade acerca da constituição de sujeitos, a presente tese é compreendida como “experiência modificadora de si no jogo da verdade” (FOUCAULT, [1984] 2017, p.14); isto é, como exercício de abertura crítica às próprias verdades. É possível pensar diferente do que se pensa? É possível construir caminhos de investigação diferentes do que se sabe? Como problematizar as próprias certezas? Mais do que um exercício de autocrítica, trata-se de um exercício filosófico, de preocupação ético-estética de “conversão do olhar na escrita acadêmica, como cuidado consigo, como escrita de si, como arte da existência” (FISCHER, 2005, p.125) para buscar constituir uma nova política de verdade.

Este capítulo propõe apresentar caminhos do processo para a elaboração deste estudo no doutorado<sup>30</sup>. Estas são relações que pude estabelecer entre a escrita de alguns textos em interface com leituras, aulas e outras experiências, o que inclui partes dos memoriais lidos. Imagino que, ao realizar tal movimento de escrita, reforço a importância da visibilidade do processo de investigação e dos limites desta experiência. Trata-se de exercício de crítica e de criação. Esta reunião de

---

<sup>30</sup> Diferente de alguns colegas, com os quais tenho convivido em âmbito acadêmico, não fui direcionada por minha orientadora a nenhum tema, pesquisa ou, ainda, qualquer obrigação de leitura. Nosso encontro tinha como ponto de contato, inicialmente, o gosto por Foucault e a vontade de trabalhar com este autor na Enfermagem (afinal, não nos conhecíamos anteriormente). As orientações com sugestões, comentários e café se desdobravam a partir das escritas e assuntos que eu trazia, reflexos do que sentia germinar, no calor do vivido. É preciso reconhecer a possibilidade de viver num certo ócio criativo (“ave onírica que choca os ovos da eternidade” – como diria Walter Benjamin) para desenvolver método de estudo para a construção do objeto, assim como a importância do tempo para tais composições.

textos antigos em um projeto novo, tal como assinalado por Barthes ([1964] 2009, p.8), usa a forma dupla do tempo – o da escrita e o da memória. É narração do naufrágio, de defesa de tese. O tempo, que agora é forma.

Reunir textos antigos num livro novo é querer interrogar o tempo, solicitá-lo a dar resposta aos fragmentos que vêm do passado; mas o tempo é duplo – tempo da escrita e tempo da memória – e esta duplicidade requer, por sua vez, um sentido seguinte: o próprio tempo é uma forma (BARTHES, [1964], 2009, p.8).

Ao longo dos primeiros dois anos de doutorado, persegui uma questão de pesquisa. “*O meu problema é que eu não tenho um problema*” foi uma frase que mencionei inúmeras vezes, quando amigos perguntavam sobre minhas investigações, em conversas da vida<sup>31</sup>. Tantas vezes pronunciada, passei a acreditar que tal expressão poderia se constituir como elemento problematizador na construção de meu objeto de investigação. Mas afinal, por que não ter problema de investigação no doutorado tornara-se um problema? Não seria próprio do processo de pesquisa a construção do objeto, a partir dos desejos da pesquisadora em sua relação com a vida? Quanto tempo e espaço poderiam (ou deveriam) ser dedicados a essa operação de fabricação de investigação? Poderia uma tese ou outra escrita acadêmica ser constituída por tentativas e, inclusive, fracassos? O que consideramos fracasso no escrever na pós-graduação em Enfermagem? A demonstração das várias experimentações, descrição dos processos, reflexão dos aprendizados, das rejeições, modificações, seriam fracassos? Como definimos os limites, as normas e as regras entre o que consideramos intrínseco à escrita acadêmica? O que pode e o que não pode ser considerado uma tese ou um projeto, artigo, parecer, avaliação de trabalhos e, até mesmo, um memorial? Como constituímos nossas éticas de escrita no contexto em que vivemos? Como decidimos o que utilizar para a formação das experiências de escrita e de pensamento em referência àquela voz que ouvimos em nós próprios e em outros, acerca de como se deve ou não construir um objeto de estudo? Essas são algumas das inquietações que surgiram desde a elaboração do projeto, de modo a atravessar a escrita até a finalização deste manuscrito.

Retomo a pergunta de partida da navegação, pela qual foi possível sentir o vento assoprar nas ideias: *Como nos constituímos como sujeitos pela escrita acadêmica?* A pista deixada por Rosa Fischer (2005) traz a questão da herança, apreendida em Jacques Derrida, em seus diálogos com Elizabeth Roudinesco, no livro *De que amanhã... diálogo* (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 12). Nesse livro, os autores apresentam a figura do herdeiro como alguém submetido a uma dupla injunção, contraditória, na qual “é preciso primeiro saber e saber reafirmar o que vem ‘antes de nós’, e que, portanto, recebemos antes mesmo de escolhê-lo, e nos comportar sob esse aspecto como ‘sujeito livre’”. Aqui, reafirmar significa “não apenas aceitar a herança, mas relançá-las de outra

---

31 Quando mencionava tal frase, provocava certo estranhamento ou riso nas pessoas; afinal, quem acha que é um problema não ter problema? Na vida cotidiana, a preferência é pela dissolução de problemas, em vez da invenção deles. Entretanto, para uma almejança a pesquisadora, não há nada mais desconcertante do que querer pesquisar sem saber explicar o que se está a procurar.



maneira e mantê-la viva”. Rosa Fischer entende que a herança, vista por meio da escrita, seria uma *escrita que também assina o que Lê*.

Na condição de investigadoras, a todo tempo somos colocadas diante da imposição da herança, como expõe Derrida (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 12): “o que caracteriza a herança é primeiramente que não é escolhida, sendo ela que nos elege violentamente”. Na leitura de Jorge do Ó (2019, p.399) sobre este mesmo texto:

(...) Tudo em Derrida nos relembra espaçamento, temporização, divisão, atravessamento e transformação. O trabalho filosófico consistiria, assim, na possibilidade de traír as várias heranças linguísticas, territoriais, étnicas, culturais e políticas que nos impõem ou que tomamos para nós como adquiridas. Como se ao herdeiro coubesse a faculdade de escolher a sua herança, de a interpretar, filtrar e relançar a seu modo (...).

No processo de compreensão do paradoxo da herança, do sujeito herdeiro, daquele que reivindica e, ao mesmo tempo, relança de outro modo suas próprias heranças e assim vai constituindo a si e o mundo, passei a refletir sobre as heranças que me atravessam e como relançá-las, do ponto de vista teórico-metodológico. É neste ponto que introduzo razões e desrazões para a utilização de obras de Varejão na composição desta tese.

#### A AZULEJARIA PICTÓRICA DE ADRIANA VAREJÃO



Imagem 8: *Figura de convite I*. Adriana Varejão (1997).

Não lembro ao certo quando soube da existência desta artista, embora já tivesse ouvido falar dela por uma vizinha<sup>32</sup>. Também observei a repercussão de uma exposição que foi censurada em Porto Alegre<sup>33</sup>, na qual havia uma de suas obras. Tenho a sensação de que, às vezes, algo que passava despercebido, em certos momentos, toma forma e conecta-se conosco. Penso nessa conexão como da ordem da experiência, da produção de marcas. É curioso lembrar que precisei atravessar o Oceano Atlântico para achar um livro, ao acaso, que apresentava esta artista brasileira em seu primeiro capítulo, logo na letra A<sup>34</sup>. Assim, encontrei-me com a arte de Varejão quando buscava conexão com outros campos de saber, em lugares outros, de modo que pudesse abrir possibilidades para construir uma investigação sob o *signo da inventividade*, em termo utilizado por Jorge do Ó (2017, 2019). Aliar-me às obras artísticas como quem se junta à discursividade da arte como lugar de produção criativa, ético-estética, de produção a partir de heranças, foi importante para esta tese.

Na imagem da obra *Figura de Convite I*, o indicativo a partir da pintura, das artes, de uma perspectiva inventiva, aposta na apropriação da linguagem construída por outros para o potencial criativo. Nesta pintura, a artista cria uma mediação simbólica, a partir de pesquisas históricas de imagens retratadas há mais de 3 séculos, às quais ela engendra uma nova leitura. Pintada a óleo em tela, se camufla de azulejo em suas típicas cores azul e branco. Há um trabalho de sobreposição de duas figuras: as figuras de convite, figuras de cortesia, e as figuras de mulheres guerreiras, com sua pele tatuada. As primeiras eram comuns na entrada de edifícios portugueses nos séculos XVII e XVIII; já as guerreiras podem ser vistas em gravuras de Theodor de Bry, pintor de retratos do século XVII, que apresenta uma descrição de índios latino-americanos a partir do olhar eurocêntrico. Na ilustração a seguir, apresento imagens justapostas para auxiliar na compreensão do que digo.

---

32 Utilizo o termo vizinha pois ele demonstra uma proximidade física. Em tempos de isolamentos sociais, domiciliares, penso que a vizinhança poderia ganhar novas espessuras, dentre as quais destaco a da amizade. Se a vizinhança facilita trocas úteis, como de alimentos e insumos, “é preciso distinguir a amizade fundada sobre a utilidade ou sobre o prazer da amizade virtuosa” (AGAMBEN, 2009, p.86). No ensaio intitulado “O amigo”, o filósofo Giorgio Agamben (2009) retoma um fragmento de Aristóteles sobre o tema e mostra a ideia de que a amizade tem, além de um estatuto ontológico, também um estatuto político. Para este autor, “a amizade é a instância desse com-sentimento da existência do amigo no sentimento da existência própria” (AGAMBEN, 2009, p.89). Nesse sentido, esta nota pretende ser, ao mesmo tempo, uma referência a um com-sentimento de produção acadêmica junto à vizinha, e também um agradecimento e, em nome dela, a tantas outras e outros que por aqui foram se avizinhandos.

33 Vide nota 1.

34 Em 2018 fui a Lisboa para um congresso e para verificar a possibilidade de intercâmbio no doutorado. Ao andar atenta ao inesperado em livrarias locais, encontrei-me com o livro de David Santos (2018) e seus compilados/resenhas acerca de diversos artistas plásticos. Em seu primeiro capítulo, A de Adriana Varejão.



Imagem 9: Colagem. *Figura de convite I*. Theodor de Bry e Adriana Varejão. Elaborada pela pesquisadora (2021).

Acima: *Figura de Convite* do Palácio de los Arzobispos, em Santo Antão do Tojal (1730); abaixo: Desenho de Theodor de Bry, intitulado *América*. Primeiro Livro (1530-1635); à direita obra *Figura de Convite II* de Adriana Varejão (1998).

A obra *Figura de Convite I* faz uma inversão de sentidos estéticos “ao substituir a tradicional figura masculina (em pose e vestida à europeia do século XVII, que convida a quem olha) por uma índia tatuada com motivos vegetalistas barrocos” (SANTOS, 2018, p.25). Em seu rigor estético subversivo, Varejão abre feridas de choque cultural daqueles que vieram colonizar o Brasil, num “inquietante cruzamento ou confronto simbólico acerca das várias culturas envolvidas nesse doloroso, mas riquíssimo, processo de identidade, na desocultação do outro que em nós vive” (SANTOS, 2018, p.24-25).

Para o crítico David Santos (2018, p.27), as pinturas de Varejão oscilam entre a revisão de um passado histórico e a “própria reinscrição da história da pintura enquanto saldo de uma tarefa difusa, de uma constante reformulação processual e identitária”. Nessa direção, tenho por certo que a escolha das obras *O sedutor* (2004), *Naufração da Nau da Cia. das Índias* (1992), *Varal* (1993), *Varejão acadêmico – Musas* (1997), *Azulejaria de cozinha com caças variadas* (1995), *Figura de Convite I* (1997), *Laparotomia Exploratória I* (1996), *Duplo reflexo do outro (díptico)* (1999), *O iluminado* (1998), *Testemunhas oculares X, Y, Z* (1997), *Tintas polvo* (2013), *Extirpação do mal por overdose* (1994) e *O predileto* (2009), da referida artista, não

foi apenas por sua beleza singular, mas também por diversos sentidos e sensações que operam na desrazão e vibram em minhas marcas.

Vejo cada uma das obras de Adriana Varejão como uma narrativa criada a partir de suas pesquisas históricas, em sobreposição às técnicas tradicionais da pintura, como por exemplo, o uso do óleo sobre tela. Recorro às narrativas de Varejão como aproximação a um campo conhecido por sua possibilidade de criação. A fabricação de Varejão é uma das possibilidades de inspiração para composição da tese, que pretende olhar para a herança escolar e de formação de professores titulares de modo não a apresentar o que foi dito, mas o de explorar e criar composições com o que foi escrito.

Os trabalhos dessa artista, assim como do conjunto de outros autores e autoras incorporados, inspiram e/ou compõem a produção desta tese, que não seguiu um modelo pré-estabelecido retirado de uma tradição ou manual de pesquisa, na melhor das hipóteses, pós-crítico<sup>35</sup>. Aqui, a fabricação do método e do objeto é da ordem da experiência. Da ordem da criação<sup>36</sup>. Da ordem do encontro com o desconhecido<sup>37</sup>. Da ordem da coleção. Da ordem do naufrágio. Da ordem do ensaio. Assim, parto de conhecimentos prévios, que envolvem técnicas, referências, modos realizados por outros, e experiências de conversas em coletivos que, na medida em que se conectam, isto é, fazem sentido, produzem certo objeto, criam-se enquanto experiência, enquanto *intertextualidade*, e passam a compor minha *azulejaria de cozinha*<sup>38</sup>.

Que efeitos vislumbro ao associar a navegação pelos mares, a sobreposição e fissuras de camadas, a atividade de colecionar, ao modo de pesquisar esta tese? A prática de pesquisadora não poderia ser motivada por uma busca de renovação da existência, na qual se criam hábitos que se apresentam como ordem? Colorir páginas com escrita pulsante da criação? Recortar imagens e palavras, e colá-las em lugares anteriormente impensados?

Em momentos de reflexão sobre a área da Enfermagem, na qual propus doutorar-me, vi a necessidade de produzir escritas; mas, ao fazê-las, estas produziram desconfortos, angústias e, até, violência, como as que senti ao ver algumas obras de Varejão. Tal situação parece-me com a que li em Ramos do Ó como:

(...) o aluno que a modernidade universalizou é um sujeito que foi amputado de uma competência processual no que se refere à criação textual. E de um prazer que só

35 Comentário da ordem da crítica à dupla que se encontra a realizar investigação no campo tido como pós-crítico onde, muitas vezes, somos levadas a utilizar manuais para justificar a produção de um método, que passa a ganhar nome próprio. Vale lembrar que manuais, algo típico como ferramenta de normalização de saberes da escola moderna, são bastante criticados pelos estudos pós-críticos. Os manuais são úteis para encerrar discussões sobre método. Neles, a verdade universitária acadêmica se escancara.

36 Michel Serres, apud Jorge do Ó: “Desejam criar? Pensem então no perigo que correm”. “Para criar é preciso saber e, por isso, trabalhar imensamente, mas essa necessária condição por si só não chega. Do passado ou da ciência, o peso esmaga e esteriliza (...). Analisar ou julgar, eis o que é próprio dos impotentes que, em conjunto, gozam de todos os poderes” (RAMOS DO Ó, 2019, p. 37).

37 Expressão que encontrei em Jorge do Ó (2019) sobre a questão da investigação e a necessidade de transpor o texto já escrito.

38 Metáfora em alusão à obra *Azulejaria de cozinha com caças variadas* (1995), a ser apresentada a seguir nesta tese, relacionada à discussão teórico-metodológica.



uma imaginação direcionada para a conexão, a aliança, o encadeamento ou a fusão alcançará (RAMOS DO Ó, 2017, p.106).

Assim, entendo que a escrita ensaio ético-estética que ora se apresenta como tese, constituiu-se como exercício de existência na vida acadêmica. No campo da enfermagem, aproximo esta ideia ao que Dave Holmes e Marilou Gagnon escrevem sobre pesquisas em enfermagem. Para Holmes e Gagnon (2017, p.5), “o pensamento nômade é vital para o desenvolvimento do conhecimento em enfermagem, visto que disciplina e profissão continuam a ser moldadas por um conservadorismo que impede o desenvolvimento do conhecimento marginal<sup>39</sup>”. O ensaio ético-estético se propôs a atravessar fronteiras entre saberes científicos, filosóficos e artísticos. Exercício de transbordamento entre saberes, de *intertextualidade*, como tenho escutado e lido em Jorge do Ó (2017, 2019).

Para refletir, parto da ideia da linguagem como produtora do real e da cultura. Entendo que a linguagem constitui o mundo. Nesse sentido, faz-se necessário dizer que o objeto de estudo não está dado *a priori*, ou seja, ele não existe por si, na natureza, à espera. O modo como delimito, analiso, descrevo, relaciono e componho é que constitui um objeto de estudo. Sujeito e objeto se constituem em simultaneidade. Deste modo, a partir da escrita e da linguagem componho um conjunto de possibilidades para pensar acerca do objeto, na prática de *autorreflexividade* sobre a produção do real como forma do encontro.

Influenciada por leituras de Michel Foucault, Walter Benjamin, além de pesquisadores de suas obras, como Rosa Fischer e Jorge do Ó, entre outros, a escrita da tese buscou ser um exercício, um exercício de explorar certo caminho de pensamento “não linear, não mimético, mas profundamente articulado”, como na epígrafe. Estabelecer relações possíveis entre perspectivas de pesquisa em artes, literatura, ciências humanas e enfermagem, com o intuito de propor um caminho híbrido para a tese de doutorado.

#### A EMERGÊNCIA DO ENSAIO ÉTICO-ESTÉTICO

No exercício de aproximação entre *ensaio* e enfermagem, fui buscar um texto de Georg Luckács ([1911] 2017) sobre a forma e a essência do ensaio. Nele, o autor questiona se o ensaio seria uma forma autônoma, tal qual a poesia, que ele chama de irmã do ensaio, argumentando que o ensaio seria uma obra de arte.

Achei, à época, curioso pensar que a Enfermagem, em sua fundação moderna, também assim foi chamada, como na clássica afirmação de Florence Nightingale ([1871] 1946, p.6): “a enfermagem é uma arte e, para realizá-la como arte, requer uma devoção tão exclusiva,

---

39 Tradução elaborada por mim: “nomadic thinking is vital do knowledge development in nursing, given that the discipline and profession continue to be shaped by a conservatism that thwarts the development of marginal knowledge” (HOLMES, GAGNON, 2017, p.5).

um preparo tão rigoroso, como a obra de qualquer pintor ou escultor”. Ensaio e enfermagem aproximam-se em seus ofícios, nos rigores de suas formas. O ensaio, como escrita, enfrenta “o maior problema estilístico de todos: o equilíbrio na multiplicidade das coisas” (LUKÁCS, [1911] 2017, p.40), e a Enfermagem de Nightingale, o difícil tratamento do corpo vivo, “templo do espírito de Deus”, em busca de suposta unicidade. Ora, dois problemas que exigem diferentes formas (de arte) para sua existência.

Para Lukács ([1911] 2017, p. 40), o ensaio tem a forma da crítica, o que o diferencia da ciência. Segundo ele, os conteúdos é que atuam sobre os sujeitos na ciência, diferentemente da arte, onde as formas atuam. Ao se referir ao trabalho do crítico, do ensaísta, Lukács afirma que “a forma é sua grande vivência, como realidade imediata, é o aspecto pictórico, o que há de realmente vivo em seus escritos”. Paralelamente, cheguei a pensar que a Enfermagem, tal como inventada por Nightingale, também se preocupa com a forma. Não a forma da crítica e de rompimento com o instituído do conhecimento, como a crítica à ciência de Lukács, mas a forma da organização e observação minuciosa, como já nos apontou Valéria Lunardi (1993), ou, ainda, a forma inventada dos mecanismos disciplinares, da vigilância constante sobre os corpos dos indivíduos, como são as rotinas e técnicas de enfermagem, descritas por Maria Henriqueta Luce Kruse (2004). Nesse sentido, posso imaginar que tais questões acerca das formas, de escrita e de cuidado podem constituir modos de ser de sujeitos – sujeitos pesquisadoras, enfermeiras, docentes, estudantes, ensaístas, gestoras, entre outras possibilidades de formas.

Ao constituir um modo de operação acerca de uma realidade, ao eleger o ensaio como forma para a tese proponho um modo de olhar para a questão reflexivo-metodológica. No ensaio, exercita-se a crítica e o olhar para a forma. Isto se diferencia do modo de escrita na qual seguimos, por exemplo, técnicas de análise e de coleta de dados, onde a produção é da ordem da organização racional e da vigilância à sequência dos métodos científicos. Ambos com seus rigores, porém distintos em modo de devir do sujeito que os pratica, e que produzem diferentes realidades.

Chamo para a conversa Theodor Adorno ([1974] 2003), conhecido por criticar a perspectiva de Lukács quanto ao ensaio como arte. Adorno defende que o ensaio não é nem arte e nem ciência. O ensaio tem forma própria. O ensaio ocupa o lugar entre os despropósitos, pois começa sobre o que deseja falar – inicia-se com o desejo de falar, diferentemente de buscar uma origem, já que os conceitos num ensaio não são construídos a partir de algum princípio original. O ensaio implica onde não há nada para explicar, anima-se com o que outras pessoas já fizeram. Sua forma própria não segue as regras da ciência e de teorias organizadas. O ensaio não busca construir algo fechado, indutivo ou dedutivo. Revolta-se contra “a injustiça cometida contra o transitório” na qual os conceitos são aprisionados. Assim, “o ensaio recua, assustado, diante da violência do dogma, que atribui dignidade ontológica ao resultado da abstração, ao

conceito invariável no tempo, por oposição ao individual nele subsumido” (ADORNO, [1974] 2003, p. 25). Convocar o ensaio para escrita de tese é aceitar a difícil tarefa de não ter as respostas, de trabalhar sobre possibilidades e não sobre certezas; é aceitar a possibilidade de naufragar.

Na experiência de produção de textos e direção de teatro, Peter Brook (2012, p.94-95) conta que “o caminho mais simples é sempre o mais difícil de se achar” e que, portanto, “é preciso intervir, mas também manter uma atitude implacavelmente crítica quanto às nossas tentativas de intervenção”. Assim, diz ele, “o principal trabalho consistia em lutar com as palavras e seus significados”, sendo que “o significado emerge lentamente, por tentativa e erro. Um texto só ganha vida através de detalhes e os detalhes são frutos da compreensão”. Vejo no processo deste diretor de teatro, certamente acostumado a inúmeros ensaios de seus textos e em sua direção de arte, o que reivindico como a possibilidade do ensaiar em um texto acadêmico. E, quem sabe, esta tese se aproxime “do mesmo processo de tentativa e erro, pesquisa, elaboração, rejeição, e acaso que faz com que a interpretação do ator tome forma, que o trabalho dos músicos ou do iluminador se integrem” (BROOK, 2012, p.101).

Jorge Larrosa (2004, p.34), ao dialogar com o tema do ensaio, nos diz que uma das características do ensaiar é a relação entre a escrita e o presente. Entretanto, essa relação com o presente não se dá como realidade, mas como experiência. Nesse sentido, afirma que “quando o ensaísta adota a máscara do historiador, o tema de suas histórias não é o passado, mas o presente”. Além desta, refere que outra característica do ensaiar é que este acontece em primeira pessoa. Não no sentido do indivíduo, mas do “sujeito como lugar e fundamento da verdade” (LARROSA, 2004, p.37). No ensaio, sabe-se que, utilizando-se ou não o “eu” ou o “nós”, o que está em jogo é tanto o que somos, o que sabemos e o que pensamos, quanto nós mesmos nos questionamentos que fazemos.

Lendo Larrosa, lembro da tese de Henriqueta (2004), que nos conta em seus escritos sobre mudanças de pensamento ao longo de seu percurso. Confessa-nos, inclusive, “acho que me enganei”, ao se referir às suas pretensões nos estudos de aprendiz de pesquisadora no doutorado ao almejar se tornar uma expert em métodos e técnicas para resolver problemas de pesquisa.

O ensaio, em uma perspectiva ético-estética, é uma prática, não apenas de aquisição de saber, mas também de constituição de si a partir da escrita. O ensaio guarda relação com a perspectiva do pensamento nômade, desenvolvido por Deleuze e já referido como necessária na Enfermagem, na medida em que cria possibilidades, desterritorializa as pesquisadoras de suas bases; na área da Enfermagem, abriga-se, hegemonicamente, no campo do pensamento positivista e preditivo (HOLMES; GAGNON, 2017). Esta perspectiva de pensamento nômade, na medida em que se insurge contra imagens representativas do pensamento, pretende romper com valores morais

estabelecidos. Coloca-se, assim, no terreno das transformações, das mudanças e do intempestivo, para produzir diferentes formas de pensar determinada situação, assunto e palavras.

Ao analisar a experiência da escrita em Foucault, Jorge do Ó e Julio Aquino (2014, p.215) apresentam que, para Foucault, o ofício de pesquisador “correspondia a uma prática perpétua de desdobramento de si mesmo”, uma busca sempre inacabada de interrogação de verdades tidas como atemporais que almejam diferentes formas de olhar. Assim, ao reivindicar a questão ética para esta tese, abrem-se as portas de uma escrita transformadora do sujeito. Sujeito que conhece, que pensa, e que, ao escrever, pensa e se constitui como sujeito, ao mesmo tempo que constitui o universo e os objetos que nomeia.

A escolha estética preocupa-se não tanto com o sentido, mas principalmente com seus efeitos. Efeitos que ultrapassem a razão, esta busca incessante da racionalidade científica moderna. Assim, a partir de uma perspectiva estética pode-se ir para além da análise dos objetos, relacionando-os aos indivíduos e à vida, uma das inquietações de Foucault. Por que circunscrever a experiência estética à arte? “Não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte?” (FOUCAULT, [1983] 2013, p.306). O vetor ético-estético aparece na escrita acadêmica na medida em que o escritor escolhe cada uma das palavras utilizadas, liberando o pensamento, desejando que, ao escrever, “estes modifiquem inteiramente tudo aquilo que pensávamos e que, no final, nos percebamos inteiramente diferentes do que éramos no ponto de partida” (FOUCAULT, [1984] 2004, p.289).

Em impulso por processos de renovação, de criação, acionados por esse éthos nômade (DELEUZE, [1972] 1985), ou de colecionador (BENJAMIN, [1925-1934] 2013), ao ler os diversos materiais que pude estudar no doutorado, entre eles memoriais acadêmicos, livros, artigos, teses, reprodução de obras de arte e literatura, guardei para mim aquilo que fazia sentido, que achei belo, que percebi conectar-se com outros objetos nessa navegação, assim como vejo no trabalho de composição da artista Adriana Varejão.

Em um pequeno ensaio sobre uma experiência em sua biblioteca, Walter Benjamin ([1925-1934] 2013) escreve sobre a atividade de colecionar. Ao narrar um momento em que desempacotava livros, após estarem guardados há dois anos, o autor se questiona: “De fato, o que é esta coleção senão uma desordem na qual o hábito se instalou de tal modo que ela pode apresentar-se como ordem?” (BENJAMIN, [1925-1934] 2013, p.90). O autor apresenta o colecionador como alguém que possui uma relação com sua coleção. Relação diferente da objetividade de sua utilidade, importância ou história. Relação que dá textura às peças, ao olhar cada uma, enfileiradas fora das caixas de papelão, em meio à desordem criada pela “recordação, pensamento e consciência” do colecionador, que se torna parte da moldura.

Para Benjamin, o impulso mais enraizado na vontade do colecionador é renovar o mundo velho, assim como as crianças que:

(...) têm a capacidade de renovar a existência graças a uma prática múltipla e nunca complicada. Nelas, nas crianças, o colecionar é apenas um processo de renovação; outros são o de pintar os objetos, de recortar, de decalcar, e toda a escala dos modos de apropriação das crianças, do tocar até o nomear (BENJAMIN, [1925-1934] 2013, p.91).

Acredito que a atividade de colecionar precisa de sujeitos pesquisadores capazes de criar relações entre coisas que aparentemente não apresentam ligações, criar analogias, montagens que possam atravessar as fronteiras do olhar. Um objeto como algo acabado, com função única - a verdadeira - aquela que representa a ideia de um determinado autor, por exemplo, e que se resiste em modificar-se. Imagino que, na atividade ética de colecionar, a pesquisadora/colecionadora coloca-se no desafio de multiplicar sentidos a partir de um modo de operar sua coleção com forma criativa, curiosa, disposta a atravessar e transgredir fronteiras para criar saberes ao apresentar, em uma escrita acadêmica, certa variabilidade de situações que poderiam ser pensadas com o deslocamento de objetos de seu lugar habitual.

Nesta navegação, na montagem da azulejaria de cozinha, entendo que trabalhar com os memoriais é, de certa forma, colecionar. A escrita da tese, neste caso, é o modo de operar da colecionadora. Uma vez decidida a colecionar memoriais, narrados nessa navegação, como operar/mostrar a coleção? Que partes mostrar? Que trechos selecionar? De que modo olhar para os memoriais e reorganizá-los para propor sentidos para além dos já compostos?

Ao mirar a obra *Azulejaria de Cozinha com Caças Variadas* (1997), e considerando como entendo sua composição, conheci o homem da tesoura em um livro de Antoine Compagnon (1996). Diz o autor que o homem da tesoura, em resposta a uma pesquisa de revista literária, confessou que, em sua biblioteca, seus livros eram diferentes, eram todos incompletos, alguns não possuíam mais do que algumas páginas. Disse ele: “Acho que se deve fazer comodamente o que se faz todos os dias; então leio com a tesoura nas mãos, desculpem-me, e corto tudo o que desagrada” (COMPAGNON, 1996, p.30).

O homem da tesoura ficou marcado em minhas lembranças. Apesar de apresentar uma confissão quase que selvagem de sua prática de leitura, tal radicalidade me fez pensar. No cotidiano de nossas práticas de pesquisa, ao sublinharmos trechos em livros, ao recortarmos citações que nos encantam, sobrepõem e dão rigor aos argumentos, não fazemos algo semelhante? Compagnon (1996, p.32) comenta que seus contemporâneos julgaram à época que “ler com um lápis na mão, recopiar na caderneta de anotações, isso é muito bom. Mas recortar e, sobretudo jogar fora os restos, lançá-los ao lixo, que inconveniência!”

Vejo semelhanças entre a prática de recorte do homem da tesoura e a extração de fragmentos realizados por Foucault, na Bibliothèque Nationale. Aprendi com

Philippe Artières (2004) que Foucault operava nos livros em que trabalhava; isto é, extraía fragmentos, inclusive no sentido físico do termo, de linhas e até páginas de livros. Para Artières (2004, p.29), há nas “ficções históricas” de Foucault uma arte da citação, com destaques e decupagem de enunciados. Dessa forma, “a extração do arquivo é um verdadeiro momento de pensar”.

Em obras de Walter Benjamin, também é possível identificar um processo de escrita e de pensamento a partir da seleção de fragmentos. Para Benjamin, a escrita estaria segura de si quando obriga o leitor a parar em “estações” para refletir. Isso seria próprio da escrita filosófica, parar a cada frase para recomeçar, situação em que o “pensamento volta continuamente ao princípio, regressa com minúcia à própria coisa” (BENJAMIN, [1925] 2016, p.16).

Tanto a radicalidade do homem da tesoura, que só guarda trechos que lhe são agradáveis aos olhos, como as montagens de “ficções históricas” de Foucault, que nos levam a pensar de outro modo, como a escrita filosófica de Benjamin e seleção e coleção de seus fragmentos, podem ser associadas ao modo de trabalho de Adriana Varejão.

Menos ambiciosa do que propor uma metodologia inovadora, esta tese teve como perspectiva teórico-metodológica mostrar certa existência de sujeito investigadora na fabricação de pensamento. Escolhi o ensaio, o nomadismo, a coleção, o uso da tesoura, o naufrágio, a cozinha variada, a laparotomia exploratória. Assim, propus ler os memoriais como o homem da tesoura. Cortei os desagradados. Separei as partes que saltaram aos olhos e nas quais senti a potência de problematização acerca da constituição do sujeito docente titular na Escola de Enfermagem. Os trechos, ou as musas acadêmicas (em termos que parafraseiam a obra de Varejão), devorei-as e misturei-as a alguns dos conceitos.

Pouco a pouco, entendo a produção desta tese como no processo de composição do diretor de teatro Peter Brook (2002, p.102), segundo o qual “é preciso haver muitos esforços, todos eles criando um campo de energia que em dado momento crítico atrai para si a solução”. E, quem sabe, nesse processo de composição e cortes, restem apenas vestígios do que foi utilizado, pois como nos conta Brook, por vezes:

(...) nada nos parecia apropriado. Toda imagem tinha um inconveniente: muito convencional, muito artificial, muito intelectual, muito batida. Um a um, todos os acessórios foram jogados fora: tábuas, cordas, escadas de aço, barquinhos de brinquedo. Mas nada se perde completamente – permanece um vestígio que pode ressurgir inesperadamente semanas depois, numa cena diferente. (BROOK, 2012, p.94-95)

Não busco a verdade, não busco constituir manuais de teorias ou de técnicas, muito menos propor soluções para os problemas que tento mostrar. Busco diferentes respostas e novas perguntas, significando estas uma possibilidade de criação, dentre muitas outras. Assim como Lispector,

(...) nem tudo o que escrevo resulta em uma realização, resulta mais em uma tentativa. O que também é um prazer. Pois nem tudo eu quero pegar. Às vezes quero só tocar. Depois o que toco às vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos. (LISPECTOR, 2018b, p.154)

**CAPÍTULO IV – LAPAROTOMIA EXPLORATÓRIA:  
O QUE PODE UM MEMORIAL NA CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS?**



Imagem 10: *Laparotomia exploratória I.* Adriana Varejão (1996).



“(…) Quero aqui imaginar a figura do criador como o herdeiro que assume, reclama e até elege o legado, mas que se esforça, igualmente, por se livrar do conservadorismo reverencial, do passadismo e do culto da lembrança; exactamente aquele que recebe e, no entanto, faz as suas próprias escolhas, que estabelece alianças estratégicas e delimita problemas específicos, porque o que mais lhe importa é idear e pôr em andamento o processo da diferenciação, compor e encenar novos movimentos, outras articulações, soluções e destinos para as questões e os objetos, os seres, os corpos e as coisas sobre as quais jamais cessa de se debruçar.”

Jorge Ramos do Ó (2019, p. 11)

Abro este capítulo com a imagem da tela *Laparotomia Exploratória I* (1996), de Adriana Varejão, e excerto do livro *Fazer a mão: por uma escrita inventiva na universidade*, de Jorge Ramos do Ó (2019). Gosto deles porque obra e excerto nos fazem olhar para nossas heranças, nossos fragmentos de memórias, nossos processos de criação, nossas construções de saberes, nossas escolhas de vida, que se mostram nos corpos marcados, tatuados, gravados indelevelmente na pele. Reconhecer possíveis heranças e, ao mesmo tempo, ao explorá-las incisivamente, torná-las minhas, incorporá-las.

Do ponto de vista de quem questiona como somos constituídos enquanto sujeitos na prática da escrita acadêmica de memoriais, estas produções, plástica e acadêmica, trazem indicativos acerca do modo de escrita a ser exercitada. Se, na tecnologia da laparotomia exploratória realizamos incisões no abdômen de corpos humanos para buscar respostas para o adoecimento, nesta tese as incisões propõem ampliar limites, abrir a pele, colocar em andamento *novos movimentos, outras articulações, soluções e destinos*, como sugerido por Jorge do Ó, ao corpo da herdeira que expõe vísceras, fragmentos, como na imagem pictórica de Adriana Varejão, na qual as peles tatuadas se mostram em sua espessura.

Na obra *Laparotomia Exploratória I* (1996) vemos incisões nos simulacros de *irezumi*, que cortam tatuagens, ao estilo barroco. Em sua tradução literal do japonês, *irezumi* significa “introduzir tinta”. Essa técnica de preservação da pele após a morte era realizada no Japão antigo. Peles conservadas por seu padrão estético eram vendidas com o intuito de preservar a beleza dos desenhos, ou ainda, evitar apodrecimento e perda do valor decorativo, cuja função era conservar a herança familiar (SCHWARCZ; VAREJÃO, 2014). O *irezumi* constitui uma arte feita em corpo humano vivo que não se perde na morte (HERKENHOFF, 1998). Para Severo Sarduy (2014), o *irezumi* é a pele como suporte de inscrições deixadas para o futuro, inscrições que são também arquivos, nos quais a pele transforma o corpo em linguagem, e que, como toda linguagem, carrega convenções, segredos e jogos de pertencimento.

Entendo que, ao traçar simulacros de *irezumi*, a artista explora elementos das heranças que quer colocar em cena, destas linguagens feitas para durar a eternidade. Mas interessa notar que as reproduções das tatuagens não estão íntegras. Houve

incisões, cortes, aberturas, camadas de vermelho que apontam que *heranças* podem, se abertas, sangrar, mostrar-se vivas. No modo peculiar de referenciar o barroco, a azulejaria portuguesa, a técnica de decorticação japonesa, as imagens cartográficas e renascentistas e os desenhos orientais, a artista apresenta uma (re)visão de elementos que se incorporam nos modos como contamos nossas próprias histórias. Com os cortes, são produzidas novas espessuras<sup>40</sup>.

Compreendo que o excerto de Jorge do Ó (2019), citado na abertura deste capítulo, dialoga com esta perspectiva de crítica ao conservador e abertura à potência de criação. Em seus estudos acerca da possibilidade de escrita criativa na universidade, Jorge do Ó reclama desse gesto que, ao mesmo tempo que traz o que vem antes de nós, que de algum modo nos atravessa, que nos ajuda a constituir certo modo de pensar, de escrever; de outro modo, nos incita a refletir problematicamente sobre quem e o que usamos, a partir de um problema específico, de nossas investigações, onde alianças podem surgir a partir de uma *comunidade de autores* e fazer crescer a espiral da reflexão, da construção do saber.

Nesse sentido, ao colocá-los próximos, faço uma associação com o desejo de me *livrar do conservadorismo reverencial*<sup>41</sup>, ao qual Ó se refere na epígrafe e que visualizo no movimento de composição plástica de Varejão.

Entendo que problematizar práticas acadêmicas, neste caso, o escrever com e sobre memoriais, é meu modo de reivindicar *heranças*, de constituir-me herdeira. Lançá-las de outro modo, recriá-las, é constituir um ensaio ético-estético, é defender uma tese. Diferença e repetição<sup>42</sup>. *Laparotomia exploratória* de Varejão.

Num gesto de aproximação com a obra de Varejão, poderíamos imaginar os memoriais como os *irezumi*, desenhados a partir de histórias de trabalho e vida, feitos em gravações duradouras acerca de si e da relação com outros. O que foi escrito nos memoriais não se apaga, assim como as tatuagens, cujo “único modo de eliminar, de desvirtuar ou inverter sua significação, é acrescentar mais tatuagem, completar o desenho intruso com outro, integrá-lo numa composição mais vasta, que afogue o grafismo e naturalize sua rede” (SCHWARCZ; VAREJÃO, 2014, p.326). Antes de realizar incisões e de produzir camadas, coube perguntar: com que tintas completar os desenhos de

---

40 Em entrevista, a artista afirma que: “O barroco vive de uma interioridade absoluta. De uma cisão entre a fachada e o dentro, entre exterior e interior. Mas como em uma mesma dobra, que repercute dos dois lados. Nesse sentido, as incisões em minhas telas tendem a revelar um interior carnal que transborda a superfície. Através da incisão, eu relanço um lado sobre o outro. Assim se harmonizam em meu trabalho corpo e cultura, figura e geometria, mínimo e acúmulo, transparência e espessura, espiritualidade e visceralidade, razão e sensualidade plástica” (VAREJÃO, 2005, p.s/n).

41 Modo sobre como aprendemos a escrever desde a escola. Exercício de escrita na qual copiamos o que os autores disseram, proveniente de uma tradição escolástica. Em contraposição, o autor defende em seu livro outro modo de escrita, que se abre para pensar a partir do que certo autor disse (RAMOS DO Ó, 2019).

42 Referência à discussão de Deleuze acerca da repetição não como cópia, mas como produção da diferença. “Nossa vida moderna é tal que, quando nos encontramos diante das repetições mais mecânicas, mais estereotipadas, fora de nós e em nós, não cessamos de extrair delas pequenas diferenças, variantes e modificações (...). A tarefa da vida é fazer com que coexistam todas as repetições num espaço em que se distribui a diferença” (DELEUZE, [1968] 2020, p.14).

memoriais? Como trazer o que está escrito nos memoriais em imagens de palavras? Como simular os memoriais em pele a ser laparotomizada?

No livro *O que é a filosofia?*, Gilles Deleuze e Félix Guattari ([1991] 2010, p.11) afirmam que “os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam” (DELEUZE; GUATTARI, [1991] 2010, p.11). A perspectiva de Deleuze mostra que há uma construção do objeto a ser pensado, isto é, que o nosso olhar, nossas assinaturas, nossos modos de delimitação do objeto produzem conceitos, fabricam realidades – eles não nascem prontos. Após desenhar os memoriais como azulejos jurídico-institucionais em cortes ético-institucionais, passei a me questionar quanto à possibilidade de pensar nos memoriais como local onde o sujeito pudesse aparecer em sua própria ação, ou seja: como ler nessa escrita modos pelos quais indivíduos se produzem como sujeitos?

“Qual a resposta para a questão? O problema. Como resolver o problema? Deslocando a questão (...). É preciso antes pensar problematicamente do que interrogar e responder dialeticamente”, já diria Foucault ([1970] 2010, p.246) ao falar sobre a questão do pensar nas obras *Lógica do sentido* (1968) e *Diferença e repetição* (1968) escritas por Gilles Deleuze. Foucault diz que é preciso nos libertar das perguntas nas quais as respostas já estão inteiras escritas, fruto do modelo pedagógico moderno que orienta, ainda hoje, os processos educativos universitários e para qual tal discurso se direciona. Em suas palavras:

Para liberar a diferença é preciso um pensamento sem contradição, sem dialética, sem negação: um pensamento que diga sim à divergência; um pensamento afirmativo cujo instrumento é a disjunção; um pensamento do múltiplo – da multiplicidade dispersa e nômade que não é limitada nem confinada pelas imposições do mesmo; um pensamento que não obedece ao modelo escolar (que truque a resposta pronta), mas que se dedica a insolúveis problemas: ou seja, a uma multiplicidade de pontos notáveis que se desloca à medida que se distinguem as suas condições e que insiste, subsiste em um jogo de repetições. Longe de ser a imagem ainda incompleta e embaralhada de uma ideia, ou melhor, a ideia não tem outro modo de ser senão o problemático (...). (FOUCAULT, [1970] 2010, p.245-246)

A pergunta que fiz por um certo tempo para os memoriais foi: Como caracterizá-los, nomeá-los, delimitá-los, conceituá-los, instituí-los em relação aos modos de operar a constituição de sujeitos? Como desenhá-los múltiplos em possíveis formas? Que aberturas podem ser feitas na prática de escrita de memoriais que ajudem a pensar como docentes titulares se narram, expõem como se tornam o que são? Onde realizar incisões, ver a pele sangrar, produzir espessuras viscerais nos memoriais? Que modos possíveis de sujeitos se constituem nessa prática? Estas foram algumas perguntas que assaltaram meus pensamentos, até mesmo bloqueando, por um tempo, a continuidade desta escrita.

Como os sujeitos operam nos memoriais de modo a tornar-se o que são? Como os memoriais acadêmicos podem operar na constituição de sujeitos? Estas perguntas entraram como vozes que assopravam ao ouvido incitando a romper com a obrigatoriedades de certos modos de escrita acadêmica/científica, que buscam a objetividade. Evitar a armadilha do uso indiscriminado das palavras, sem reflexão

sobre as implicações que a linguagem opera no modo como compreendemos e praticamos a escrita de si. Se, por um lado, vi-me paralisada ao me deparar com a dificuldade de delinear os memoriais sem categorizá-los, por outro, apostei na potência das perguntas para indicar ferramentas para abertura das fendas, nas quais o pensar problemáticamente funciona como lâmina que corta a pele dos textos.

Na perspectiva da multiplicidade e do movimento nômade, retomei o projeto desta tese. Ali já havia indicado alguns modos de nomear/circunscrever os memoriais acadêmicos. Memorial como autobiografia. Memorial como aquilo que pode conferir autoria. Memorial como escrita de si. Memorial como obra. Memorial como documento jurídico-institucional. Memorial como acervo histórico. Memorial como segredo. Diferentes possibilidades lançadas ao longo do manuscrito de projeto e que, anos após terem sido utilizadas, foram reescritas e problematizadas acerca de sua pluralidade, pertinência e modo de permanência nesta tese. Agora, operados como conceitos, como práticas fabricadas na comunidade acadêmica nas quais nos constituímos como sujeitos de saber, como sujeitos de ação sobre os outros e, também, sobre nós próprios.

Com isto, esforcei-me para operar na herança cartesiana aplicada aos métodos de pesquisa acadêmica, na qual se busca definições claras, sintéticas, acerca dos objetos e, quem sabe, esquivar das categorizações e abrir a diferença. Como escreveu Foucault:

O submetimento mais tenaz da diferença é, sem dúvida, o das categorias: pois elas permitem – mostrando de que diferentes maneiras o ser pode se dizer, especificando previamente as formas de atribuição do ser, impondo de qualquer forma seu esquema de distribuição aos entes – preservar no ápice mais alto, seu repouso sem diferença. As categorias regem o jogo de afirmações e negações, estabelecem a legitimidade das semelhanças da representação, garantem a objetividade do conceito e de seu trabalho; elas reprimem a anárquica diferença, a repartem em regiões, delimitam seus direitos e lhe prescrevem a tarefa de especificação que elas têm a cumprir entre os seres. Podem-se ler as categorias, por um lado, como as formas a priori do conhecimento; mas, por outro, elas aparecem como a moral arcaica, como o velho decálogo que o idêntico impôs à diferença. Para ultrapassá-la é preciso inventar um pensamento a-categorico. (FOUCAULT, [1970] 2010, p.246)

Na busca por definições a-categoricas para escrever com os memoriais, fiz o movimento de abri-los, mostrar multiplicidades, reflexões e espessura, e produzir questões sobre a interação entre esta prática de escrita acadêmica e processos de subjetivação de quem escreve e, quiçá, de quem lê. Diferentes cortes para inserir e fazer sangrar produtivas questões ensaísticas, colocar em movimento o pensamento acerca dos memoriais; mas que, assim como Walter Benjamin,

(...) escrevo o dia inteiro e às vezes também à noite. Porém, se você estiver imaginando que daí sairá um longo manuscrito, estará muito enganado. Ele não só é pequeno, como consiste em breves passagens, uma forma a que venho recorrendo ultimamente, imposta em primeiro lugar pela precariedade da minha produção, sempre ameaçada em termos materiais, e também em consideração do seu aproveitamento de acordo com as contingências do mercado. Com a única diferença de que neste caso, me parece que é o próprio objeto a exigir tal forma (BENJAMIN, [1933-1940] 1993, p.32-33).

Nas leituras, fui colecionando fragmentos, pontos de memória, desenhos e imagens de momentos de vida, de possíveis modos de constituição de sujeitos. Considerando que não se trata de pesquisa de análise autobiográfica ou historiográfica, não exponho os fatos narrados nos memoriais para traçar linhas do tempo ou fazer incisões de julgamento acerca das trajetórias de vidas dessas professoras, cujos relatos são ricos em aventuras, desafios, desbravamentos e inovações. Nesses memoriais se apresentam currículos invejáveis a qualquer uma recém-ingressa na carreira docente, como é o meu caso. Ao apresentar seus fragmentos, realizo incisuras que possibilitam refletir acerca de modos de constituição de sujeitos que escrevem memoriais.

Na incisão *Duplo reflexo do outro (díptico)*, produzo ensaio sobre a constituição de sujeitos autobiográficos. Em *O iluminado*, promovo jogo de luz e sombra acerca da produção de sujeitos autores. Em *Testemunhas oculares X, Y, Z*, costuro relações entre sujeito e verdade. Com as *Tintas polvo*, apresento constituição de sujeitos ético-estéticos.

#### INCISÃO I – DUPLO REFLEXO DO OUTRO (DÍPTICO): SUJEITOS AUTOBIOGRÁFICOS



Imagem 10: Duplo Reflexo do Outro (díptico). Adriana Varejão (1999).

As escritas de memoriais podem ser lidas como pertencendo ao gênero autobiográfico. Este foi um dos modos como foram referenciados em manuscritos lidos na composição do capítulo “Musas acadêmicas”. Ao desenhar minhas reflexões sobre a tela do *Duplo Reflexo do Outro (díptico)* (Imagem 10), vejo elementos da autobiografia,

traço que pode ser visto como espécie de autorretrato, para problematizar como nos tornamos o que somos na prática da escrita acadêmica. Tal escrita permite entender os movimentos do *reflexo do outro* na apresentação de si.

A autobiografia, segundo Philippe Lejeune ([1971] 2014, p.16), é “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Como nos conta o memorial de Dora Lúcia Leidens Corrêa de Oliveira (2017, p.16) no *exercício autobiográfico que realizei, me deixei levar pela força dos cenários que me vinham à mente, pela lembrança dos atores que deles fizeram parte*<sup>43</sup>.

Embora os memoriais da Escola de Enfermagem da UFRGS não se afirmem como escrita autobiográfica, é possível fazer esta associação por meio do que refere Lejeune ([1971] 2014); como no fragmento da escrita de Clarice Maria Dall’Agnol (2017, p.2), que escreve, logo de saída:

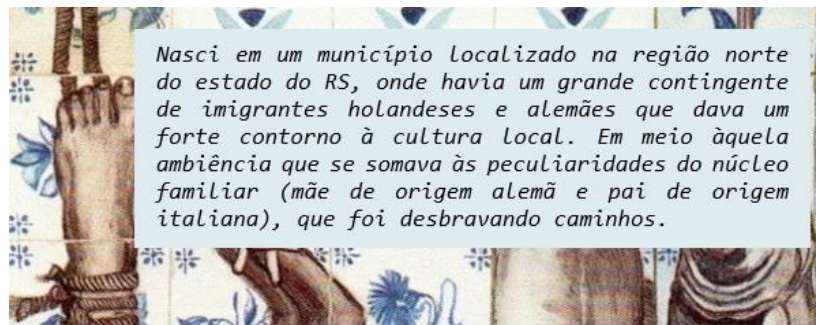


Imagem 12: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Varal* (Adriana Varejão, 1993). Elaborada pela pesquisadora (2021).

Encontrei também no memorial de Eva Neri Rubim Pedro (2016, p.2), ao iniciar seu relato, o desbravar e a origem familiar quando conta que “*minha família era constituída de quatro filhos, pais amorosos, exigentes e muito preocupados com a educação de sua única filha considerada apta a se desenvolver e a crescer como uma criança normal*”. Na sequência desse relato autobiográfico, Eva Pedro nos relata que uma de suas irmãs morreu cedo, com pouco mais de um ano de idade, e que seus dois irmãos nasceram com necessidades especiais.

No conceito formulado por Lejeune ([1971] 2014), a autobiografia apresenta quatro características, sendo elas: a forma da linguagem, podendo ser em narrativa; o assunto tratado, que versa sobre a vida individual ou a história de uma personalidade; a situação do autor, na qual a identidade de quem escreve, além de remeter a uma pessoa real, é a mesma de quem narra; além disso, o narrador é o personagem principal e está posicionado retrospectivamente em relação ao que é narrado. Tais características presentes nos memoriais são apresentadas na página de identificação como autoria, onde consta nome

<sup>43</sup> Neste capítulo, utilizei itálicos no corpo do texto também para sinalizar os excertos provenientes dos memoriais, devidamente referenciados. Os excertos, quando recuados, estão imbrincados em composição com fragmentos de imagens das obras de Varejão.

completo, dados documentais, filiação, estado civil, data de nascimento, endereço, naturalidade; e no modo de escrita, que mostra o “personagem principal” de forma narrativa retrospectiva, acerca de sua vida.

Cada memorial constrói o seu estilo, seja em narrações breves seguidas de listas de atividades relacionadas/passíveis de comprovação, seja por narrações mais extensas com detalhamento de situações, acontecimentos, encontros e imagens fotográficas. Na prática desses sujeitos autobiográficos, isto é, de indivíduos que realizam uma operação de reflexão sobre si, o marco de nascimento ou infância é utilizado para constituição da identidade de professor titular. Assim, são apresentadas heranças familiares e culturais, inclusive em período anterior à entrada na Escola de Enfermagem, como nos memoriais de Eva e Clarisse. Há também práticas narrativas criadas a partir da formação escolar anterior à graduação, como li no memorial de Agnes Olschowsky (2012, p.7) quando esta relembra seus estudos no colégio Pastor Dohms *“onde minha mãe era professora, da seriedade que tinha com meus estudos, queria ser a ‘melhor’, participando de todas as atividades: ginástica, jogava caçador, dançava, declamava, tirava boas notas”*, e no memorial de Maria Alice Dias da Silva Lima (2014, p.7) quando escreve *“Lembro que, embora as aulas tivessem iniciado no mês de março, fui aceita para ingressar no primeiro ano do curso primário no mês de maio, porque já estava alfabetizada”*.

Além das formações escolares anteriores à graduação, os sujeitos autobiográficos apresentam narrativas sobre motivo e momento de escolha do curso de Enfermagem. No memorial de Maria Henriqueta Luce Kruse (2015, p.4) encontro pista quanto aos modos de constituição de sujeitos, quando afirma que *“se Foucault pensava que os sujeitos se constituem nas instituições posso pensar que estas me fizeram ser enfermeira: a família e a escola”*. A reflexão de Henriqueta apresenta duas instituições que se fazem presentes em vários outros memoriais. Penso que outras instituições poderiam ser citadas na experiência de formação, de produção de sujeitos, como igrejas, hospitais, manicômios e serviços de saúde. De outro modo, destaco que não há menção nos memoriais, no período pré-graduação, de instituições como presídios, abrigos, modos de internato ou hospitalizações.

Na linha do tempo, após a escolha da graduação em Enfermagem, experiência que surgiu em todos os memoriais, a escrita destaca aspectos da vida, estudos, produções, obras, trabalhos, docência, pessoas importantes na trajetória, prêmios, militâncias, entre outros elementos, como no trecho de Ana Lucia de Lourenzi Bonilha (2012, p.50), a seguir:

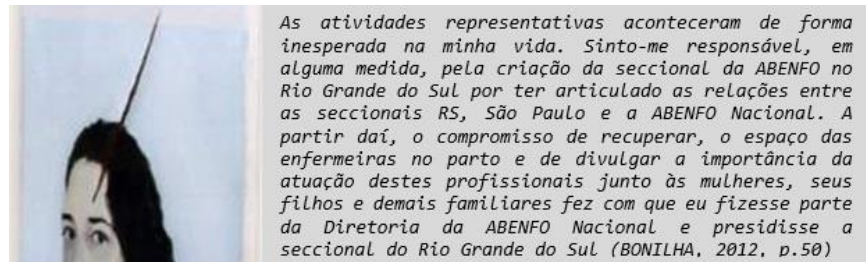


Imagem 13: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Duplo reflexo d'íptico do outro* (Adriana Varejão, 1999). Elaborada pela pesquisadora (2021).

Sinalizo que um recurso linguístico para caracterizar a narrativa retrospectiva sobre a própria vida são as narrações em “primeira pessoa”, aspecto nem tão comum na produção acadêmica mas que, atualmente, tem sido visto como “uma moda e até uma praga na escrita e na produção artística e acadêmica contemporânea” (REGO, 2014, p.784), como já sinalizado por Beatriz Sarlo (2007) ao discutir a condição pós-moderna. A escrita em primeira pessoa ajuda na proposição ao leitor de uma identidade entre quem narra e aquele que tem a vida narrada, nos diz Lejeune ([1971] 2014); todavia, não se trata de uma condição necessária à autobiografia, sendo possível suas escritas ocorrerem em “terceira” ou ainda, de modo raro, em segunda pessoa.

Não posso precisar a partir de quando os memoriais na Enfermagem passaram a ser escritos em primeira pessoa, como no caso do fragmento de Sônia Beatriz Cocaro de Souza (2020, p.6-7), ao nos contar que,

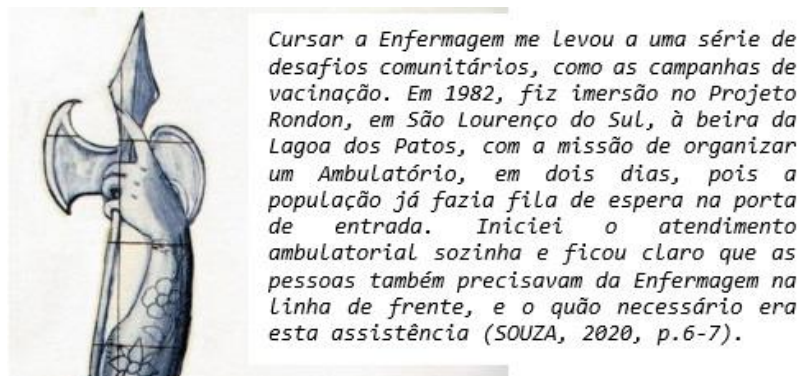


Imagem 14: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Figura de convite I* (Adriana Varejão, 1997). Elaborada pela pesquisadora (2021).

Tenho elementos para dizer que eles nem sempre foram escritos desse modo. Lembro o memorial de Glête de Alcântara (1963, p.1), cuja escrita se dá em terceira pessoa: “*Diplomou-se pela Escola (...)*”; “*Recebeu, em março de 1928, o prêmio (...)*”; e o memorial de Wanda de Aguiar Horta (1973, p.3), no qual são listados títulos e atividades, até de estudos como latim, de modo impessoal: “*ENFERMEIRA de serviço especial de Saúde Pública (...)*”; “*Chefe de Enfermagem do sanatório (...)*”. Nas figuras



destas duas referências acadêmicas da Enfermagem brasileira, professoras titulares pela Universidade de São Paulo, sinalizo que a escrita dos memoriais nem sempre foi elaborada em primeira pessoa, de modo autobiográfico, como vi acontecer em todos os memoriais da Escola de Enfermagem da UFRGS.

Penso que a escolha da “pessoa” para produção dos memoriais da Escola de Enfermagem não possui grande relevância, sendo apresentado aqui a critério de curiosidade pois, como já escrito por Tereza Rego (2014, p.784), “não há mesmo porque banir a subjetividade da escrita, já que a terceira pessoa e sua pretensão à neutralidade e à seriedade não são, em si, garantia de absolutamente nada”.

Também não entendo essa questão como novidade pois, nos estudos de Câmara e Passeggi (2013), estas apontaram tal situação na área da Educação, onde identificaram modificações no modo de escrita de memoriais ao longo da história. Estas autoras relatam que, entre 1930 e meados de 1950, a escrita apresentava aspectos de subjetividade relacionada ao ambiente familiar e formação. Já entre os anos 1950 e 1970, haveria um apagamento do sujeito e as escritas estariam mais próximas do gênero *curriculum vitae*, como vi nos memoriais de Glête e Wanda. Já a partir da década de 1980, os memoriais passam a apresentar uma escrita autobiográfica, chamada por estas de contra memória, na qual avaliam a possibilidade do modo de reescrever a história na área da Educação, e cuja possibilidade me parece aberta para a Enfermagem, como vejo ocorrer na desenvoltura da escrita de Ricardo Burg Ceccim (2015, p.25), que afirma: “*sem nenhum desconforto posso citar isto na primeira pessoa: criei, lancei, inventei... Porque foi isto mesmo o que aconteceu*”; ou como no fragmento de Maria da Graça Oliveira Crossetti (2012, p.6), que indica sua inscrição em mudanças importantes no modo de funcionamento e qualificação da equipe de enfermagem no Hospital de Clínicas de Porto Alegre na década de 1980.

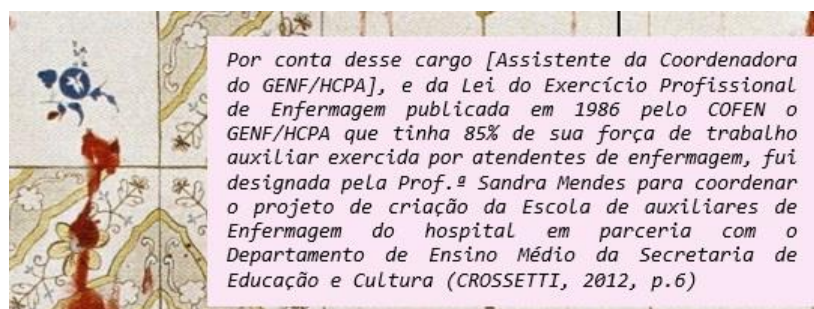


Imagem 15: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Varejão acadêmico – Musas* (Adriana Varejão, 1997). Elaborada pela pesquisadora (2021).

As escritas dos memoriais vão desenhando os irezumi, de modo próprio, auto-referenciado, guardadas por nossa instituição universitária. Além disso, esta pequena incisão autobiográfica abre o tecido para mostrar que o modo como escrevemos sobre nós vai sendo modificado ao longo do tempo e, com isso, há um estreitamento

na relação entre memorial e autobiografia. A referência à formação escolar, prévia à universidade, se desenha como herança de nossa vontade de localizar o ponto de origem como ponto identitário, de formação de valores. Ademais, a antiga prova de títulos e currículo documentado segue incorporada no desenho dos memoriais, adensando comprovações e listagem de produções, seja no corpo do memorial, seja como anexo. Os traços na pele dos memoriais seguem estilos e cores que, a depender da narrativa que cada um faz de si, adquire imagens de vida e trabalho, reatualizadas no presente e que vão constituindo certos modos de tornar-se o que se é ou o que se pode ser.

Os memoriais da UFRGS que tive o prazer de ler foram escritos a partir da década de 2010, elaborados em “primeira pessoa”, com estilo autobiográfico, onde são contados aspectos considerados importantes ao pleito de promoção na carreira, trilhados ao longo de duas a quatro décadas. Vejo aqui uma possibilidade de constituição de sujeitos que escrevem suas histórias de modo pessoal, autobiográfico, desafiando-se a escrever em estilo diferente da escrita acadêmica, praticada no decorrer da carreira, como são as escritas de artigos, de planos de aula, de projetos de extensão, de documentos institucionais-burocráticos, entre outros.

Para a produção das narrativas de si nos são apresentados nos memoriais tópicos (ou currículo) que compõem certo desenho da formação de sujeitos com titularidade universitária. Em diferentes tópicos, lembrados em conjunto e interligados, vemos nos memoriais: 1) Apresentação; 2) Identificação, 3) Formação escolar (pré-universitária) e acadêmica (graduação e pós-graduações), 4) Experiência Profissional/Atuação Profissional, 5) Geração de Conhecimento/Produção intelectual/Produção e divulgação científica/Pesquisa, 6) Liderança e Senioridade/Reconhecimento e liderança acadêmica, 7) Atividades de Ensino; 8) Extensão; 9) Orientações, 10) Atividades administrativas/gestão acadêmica, 11) Bancas examinadoras, processos seletivos; 12) Contribuições para o campo epistemológico/Formulação de conceitos; 13) Homenagens e prêmios; 15) Caminhos trilhados/Considerações Finais/Elaborações acerca do percurso, titularidade e área.

Além destas nomeações, há escritas com diferentes modos de organização que tratam da constituição de sujeito professor titular, como no memorial de Ricardo Ceccim (2015), que apresenta em uma mesma folha, os blocos I) Memória nômade (narrativas de si e de percurso); II) Signo sensorio-motores (conceitos e formulações); III) EducaSaúde: núcleo e grupo de pesquisa & desenvolvimento; IV) Entrecomposições memoriais (fragmentos de leituras poéticas, interesses teóricos, imagens, obras); V) Educação e ensino na saúde: um recorte na área da saúde coletiva (sobre a área e a titularidade); ou ainda, o Memorial de Maria da Graça Crossetti que estrutura por décadas, sendo elas: 1ª Geração iniciando a caminhada; 2ª Geração Um Ser Acontecendo; 3ª Geração Caminho do Ser; 4ª Geração Poder Ser-Sendo.

Como modo de visualização ao que referi, apresento imagens dos tópicos destes memoriais, feitos à moda dos recortes do homem da tesoura, para formar espessuras, como nas obras de Varejão.

Olho para os memoriais a partir da incisura autobiográfica e sigo na conversa sobre essa prática de constituição de sujeitos. Neste ponto, penso na crítica do sociólogo Pierre Bourdieu, embora saiba de sua diferença epistemológica em relação ao corpo de autores com as quais venho trabalhando. Bourdieu ([1986] 2005, p.183) escreveu sobre os modos de uso das histórias de vida, considerada “uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico”. O sociólogo aponta que nas biografias e/ou autobiografias há um esforço de produção de relatos lineares, coerentes, sequências de acontecimentos com significados e direção, nos quais se aceita o postulado do sentido da existência narrada, isto é, uma extração de lógica que é, ao mesmo tempo, retrospectiva e prospectiva, em que se estabelece relações inteligíveis entre efeito e causa, o que, para ele, não passa de uma ilusão retórica.

Um dos elementos importantes na constituição da autobiografia e das narrativas providas de sentido existencial é o uso do “nome próprio”. Para Bourdieu (ibidem, p.183), este passa a ser “o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade de suas sucessivas manifestações e da possibilidade socialmente reconhecida de totalizar essas manifestações”. O sociólogo associa o “nome próprio” à fixação da identidade de um ser responsável, que narra uma história bem construída, dispondo de uma série de instituições totalizantes e unificadoras do eu. O “nome próprio” identifica um sujeito social constante, durável. É o suporte do que ele chama de “estado civil” (nacionalidade, sexo, idade, etc.); “produto do rito de instituição inaugural que marca o acesso à existência social, ele é verdadeiro objeto de todos os sucessivos ritos de instituição ou de nomeação através dos quais é construída a identidade social” (Ibidem, p.188). A crítica aos usos de biografias e autobiografias como fontes históricas são bem conhecidas no campo da historiografia contemporânea. Embora criticadas, elas têm sido incorporadas como fontes históricas.

Nos fragmentos de Tatiana Engel Gerhardt (2018) e Ana Bonilha (2012) são ilustrativos excertos escritos sobre suas construções de identidades a partir do “nome próprio”. Diferentes motivações, como a influência familiar, a vocação para o cuidado com outros, a busca da independência financeira e profissional, foram pontos de alicerce que sustentaram verdades que construíram acerca delas mesmas.

A escolha do curso de Enfermagem como formação universitária foi fruto de uma vocação e de uma sensibilidade em mim existente em ouvir as queixas das pessoas sobre seus 'problemas' de saúde e a vontade de compreendê-las, de penetrar na raiz dos fatores antes de intervir (GERHARDT, 2018, p.6).

O desejo de ser independente financeiramente fez com que eu fosse trabalhar no Hospital Sanatório Partenon, no setor de farmácia (...). Fui convidada a conhecer esta unidade [Internação em Dermatologia Sanitária] pela enfermeira chefe, que ficou sabendo que eu estava em dúvida com relação a minha opção de curso para o vestibular. Foi lá que, na primeira vez, conheci e me encantei pelo trabalho da enfermagem (BONILHA, 2012, p.7).

Imagem 16: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Panorama de Guanabara* (Adriana Varejão, 2012). Elaborada pela pesquisadora (2021).

Segundo Foucault<sup>44</sup>, a origem é “ponto completamente recuado e anterior a qualquer conhecimento positivo, ela tornaria possível um saber que, no entanto, a recobre, e não cessa, em sua falação, de desconhecê-la” (FOUCAULT, [1971] 2000, p.263). Verdade das coisas que está ligada a verdade de discurso. Produção de saberes que, na área da Enfermagem e da Educação, apresentam-se como campo fértil na construção de verdades acerca de possíveis modos de fabricação de identidades.

Vejo surgir nos memoriais a formação de certas identidades profissionais, cujo campo de estudo se mostra consolidado em investigações biográficas na área da Enfermagem, mas pouco explorado em relação aos estudos autobiográficos. Lembro que o material biográfico tem sido o principal objeto de estudo de pesquisadoras, produzidos a partir de técnicas como a história oral. Segundo Pereira et al (2019, p.25), “as biografias têm sido consideradas como um dos aspectos constituintes da identidade profissional da enfermagem, por ressaltarem o papel dos enfermeiros nos diferentes cenários de práticas”, além de mostrarem que a enfermagem atua na organização política. É bem conhecido na História da Enfermagem o uso de biografias como ferramenta para consolidação de identidade profissional.

Sigo na questão da pesquisa de Pereira e colaboradores que analisa “como as produções científicas sobre a biografia de enfermeiros contribuem na construção da identidade profissional” (PEREIRA et al, 2019, p.25). Tal pesquisa se constrói a partir da prerrogativa que as biografias são importantes na construção da identidade da

44 Texto de Foucault sobre a genealogia Nietzscheana e a história.

enfermagem. Isto porque um dos locais de subjetivação de sujeitos são as escolas de enfermagem, onde o ensino de história é alicerçado na identificação com personalidades pioneiras, quando suas histórias são contadas destacando as personalidades da profissão que atuam no ensino, assistência, pesquisa, gerenciamento e organização política.

Nas biografias produzidas a partir do método de História Oral temos, ao menos, uma pesquisadora e uma entrevistada/investigada. Aceitamos o discurso proveniente da inscrição nos gravadores, realizadas a partir de perguntas de quem deseja saber. Já nas autobiografias é a própria pessoa que se coloca no lugar de sujeito, sujeito autobiográfico, sujeito que conta a si mesmo uma história, e que também interessa a outro.

Na rota náufraga, não me recorro de localizar e coletar escritos autobiográficos de enfermeiras, como ocorreu com algumas biografias. A exceção surge na lendária Florence Nightingale, que tem escritos autobiográficos publicados e fragmentos sobre sua escolha profissional. Também observei tais escritos em Trabalhos de Conclusão de Cursos de Enfermagem, em minha prática docente. Tive a felicidade de vê-lo novamente surgir no presente, a partir da epígrafe no Memorial da professora Sônia de Souza (2020, s/p).

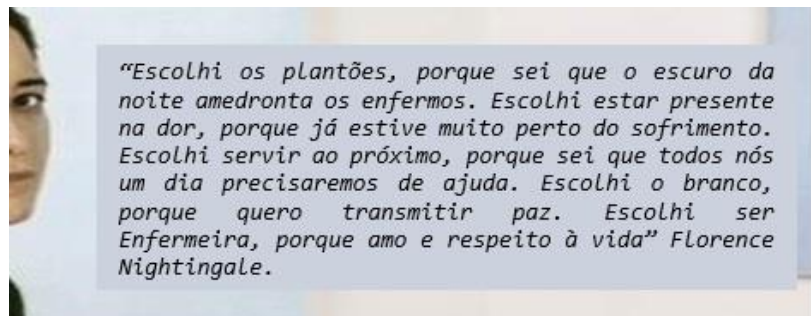


Imagem 17: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Duplo reflexo do outro (díptico)* (Adriana Varejão, 1999). Elaborada pela pesquisadora (2021).

Entendo que a prática social de produção de memoriais vai constituindo uma prática autobiográfica, um sujeito do conhecimento. Produção de história, nessa relação entre sujeito e objeto, isto é, entre indivíduo que produz certa história de como se constituiu como enfermeira, docente, pesquisadora, extensionista, gestora, entre outras identidades, que se carrega e/ou se modifica ao longo da vida e que vão constituindo um sujeito de conhecimento acerca de si. A partir das leituras dos memoriais, vejo “um sujeito que se constitui no interior mesmo da história” (FOUCAULT, [1974] 1996, p.10), uma vez que sujeitos, assim como conhecimentos, não são dados *a priori*, mas a partir de fabricação de verdades, neste caso, acerca de si em relação com o mundo.

Observo que no modo de produção da História Oral e biografias há a afirmação de uma identidade profissional de enfermeira, reafirmada na História de Enfermagem. Do mesmo modo, na prática de escrita de memoriais, vi uma produção múltipla de identidades ligadas à constituição do sujeito professor titular. As experiências e os deslocamentos

profissionais aparecem como exercícios de constituição de si na diferença, em diversos espaços e tempos.

Li em Kathryn Woodmard (2020, p.10) que a construção de identidades é necessariamente marcada pela diferença. A marcação da diferença pode ocorrer por símbolos e socialmente. Entre os símbolos, poderíamos incluir elementos que produzem identificação; dentre as questões sociais apontamos características de nossos tempos como, por exemplo, identidades marcadas pelo gênero, isto é, na qual “os homens tendem a construir posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência”, como vi surgir no memorial de Miriam Almeida (2019, p. 1-2) quando conta que

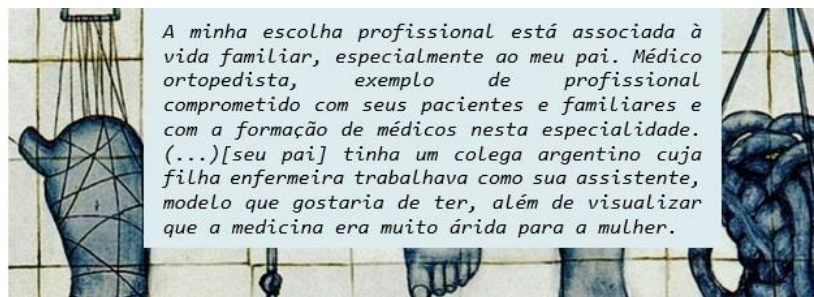


Imagem 18: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Varal* (Adriana Varejão, 2018). Elaborada pela pesquisadora (2021).

A esse respeito, sobre termos os homens como ponto de referência para formação de identidades, seguimos utilizando a linguagem no masculino, como nas Leis que versam sobre a promoção de carreira para a Classe E de Professor Titular, que já foram modificadas no que se refere aos títulos de mestrado e doutorado.

Outra questão apontada por Woodward (2020, p.24) acerca da formação de identidades é que estas são historicamente específicas, isto é, são localizadas em um ponto peculiar do tempo, relacionadas a antecedentes históricos. Segundo a autora, “a redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e possível crise”. Na escrita de Miriam Almeida (2019), ao mesmo tempo em que reivindica para si a herança patriarcal na época de sua escolha profissional, mostra tranquilidade e dissolução de possível crise ao responder a seu pai (“*temeroso pela excessiva influência*”), que se sentia feliz com a escolha da profissão, disposição reforçada por muitos anos.

É interessante pensar que a formação das identidades pode assumir caráter essencialista ou não essencialista (WOODWARD, 2020). Na perspectiva essencialista, temos um lugar-de-sujeito prévio, isto é, há um sujeito que cursa uma graduação e torna-se enfermeiro, por exemplo. No curso de graduação aprendemos sobre a identidade de enfermeiro, sobre a essência da Enfermagem, o que ela é, a partir do estudo de pioneiras desta profissão, além das legislações normativas vigentes, que ora nos

dão autonomia, ora nos impõem limites ao exercício profissional. Estudos nessa perspectiva essencialista seriam chamados por Foucault ([1980] 1993, p. 204) de “filosofia do sujeito”. Ele aponta: “entendo uma filosofia que vê no sujeito de sentido a fundação de todo o conhecimento e o princípio de toda a significação”, onde impera “a transcendência do ego”. Nessa direção, outras identidades vão sendo acopladas, como a de docente e pesquisadora, entre outras, e que vão adensando a posição de sujeito.

Na perspectiva não essencialista “a identidade é uma questão de ‘tornar-se’”; indivíduos que “reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdados de um suposto passado comum” (WOODWARD, 2020, p.29). No memorial de Dora, há menção a esta questão quando a professora escreve “*minha história revela múltiplas Doras. Como no poema de Manoel de Barros, não dou por acabados os processos de produção de identidade revelados no memorial. Sigo incompleta*” (OLIVEIRA, 2017, p.2-3).

Seria interessante pensar que a própria construção de identidades é um modo possível de ser sujeito. Ou seja, se os sujeitos não existem a priori, se são constituídos através da história ao reivindicar heranças que nos constituem e produzem certas identidades estamos nos produzindo como sujeitos. Vale lembrar que, em Foucault ([1980] 1993, p.205),

Todas as práticas pelas quais o sujeito é definido e transformado são acompanhadas pela formação de certos tipos de conhecimento e, no Ocidente, por uma variedade de razões, o conhecimento tende a ser organizado em torno de formas e de normalizações mais ou menos científicas. Há também uma outra razão talvez mais fundamental e mais específica das nossas sociedades. Reside no facto de que uma das mais importantes obrigações morais ser, para qualquer sujeito, o conhecer-se a si próprio. A obrigação dos indivíduos à verdade e uma organização científica do conhecimento são as duas razões pelas quais a história do conhecimento constitui um ponto de vista privilegiado para a genealogia do sujeito. Daqui se infere, por conseguinte, que não estou a esforçar-me por fazer história das ciências em geral, mas tão só daquelas que almejam elaborar um conhecimento científico do sujeito.

A construção de identidades, isto é, de “sujeito, idêntico a si mesmo, com sua historicidade própria, sua gênese, suas continuidades, os efeitos de sua infância prolongados até o último dia de vida, etc.” (FOUCAULT, ([1975] 2006, p.84), é uma das primeiras produções do poder, alicerçadas nas formas jurídico-político-policiais. Como nos lembra Derrida, “a relação entre os dois termos de uma oposição binária envolve um desequilíbrio necessário de poder entre eles”. Nessa direção, trazer a questão da possibilidade de constituição de identidades essencialistas e não essencialistas, que estão presentes nos memoriais, constitui-se como modo de mostrar a diferença agindo em nossas construções de sujeito professor titular. A questão não é a de produzir pensamento único nos modos da constituição de sujeitos, mas perceber, nas oposições binárias, suas formas de produção de poder, nos tratamentos desiguais que existem nessas oposições. Observo tal interface no



memorial de Tatiana (GERHARDT, 2018, p.114) quando ela nos lembra de que devemos “enfrentar a oposição na produção do conhecimento científico que separa (e também hierarquiza) o inteligível do sensível, o cognitivo de emoção, o conhecer e o sentir”.

Vejo nos memoriais autobiográficos a constituição de certo modo de veridicção. Verdade fabricada na prática da escrita de determinados sujeitos que pleiteiam o topo da carreira de professor universitário – professor titular, onde se constrói uma unidade na trajetória de vida que justifica ações passadas e presentes com determinado fim ou objetivo, de modo a produzir saberes. Embora em alguns memoriais sejam convocadas as palavras “acaso” ou “coincidências”, estas são elaboradas de modo a retomar fios de histórias, na busca de algum pertencimento. Na prática da autobiografia, constitui-se um sujeito que diz a verdade sobre si, na afirmação e pactuação de certa lógica racional para sua história de vida. Verdade parcial, nos limites da institucionalidade, cujo lócus universitário possui status para produção de discursos verdadeiros.

Lembro que um dos elementos importantes na constituição das narrativas é o sentido existencial, isto é, quem sou eu e como me constituo, a partir de meu “nome próprio”. Neste tipo de narrativa há um “pacto autobiográfico” que pressupõe caráter verídico e/ou verificável do que é narrado (LEJEUNE, [1971] 2014, p.27), e atribui uma tripla relação entre autor, narrador e personagem.

Os memoriais produzem sujeitos que, ao escrever em primeira pessoa, usando seu “nome próprio”, por meio de narrativa autobiográfica, afirmam identidades, formam saberes verdadeiros acerca de si e que, postos em circulação, como no processo de promoção de carreira à categoria de professor titular, conjugam-se com a institucionalidade jurídica-política-policial-identitária, manifestando-se na rede de poder. Relação saber-poder-sujeito intimamente ligadas ao foco de experiência da escrita de memoriais.

Penso no escrito do professor Ricardo (CECCIM, 2015), sobre o lugar de professor titular. Na distinção entre colegas, numa prova de si aos olhos alheios e interessados, vejo essa articulação entre produção de saberes acerca do modo de se constituir como professor titular ao longo do tempo e em diversificados espaços que atuam na modelagem de seus corpos. Vejo essa tríplice relação e seu lugar de destaque na construção de um modo de sujeito produzido por si na relação com outros: o de professor titular.

Quem seriam os que vivem “*um simples restar no mesmo lugar por longos anos*”, como escreve Ceccim (2015)? Que forma tatuariamos na pele os que simplesmente restam, no espaço e no tempo? Quais as formas da dedicação e do pertencimento nessa comunidade, instituição? Que relações de poder se mostrariam, em carne viva, entre o restar e o pertencer, numa instituição de ensino, em várias décadas da vida? Nos conta Stuart Hall





*A posição de professor titular é uma posição de topo na carreira docente, uma distinção, um reconhecimento, sinal de que se alcançou um patamar no magistério compatível com o domínio de certo campo do conhecimento e certo perfil de exercício do trabalho. A titularidade, como promoção na carreira e não o livre provimento por concurso, deve atestar uma trajetória de vida marcada pela dedicação ao ensino, à pesquisa e à extensão universitária. Penso que a titularidade envolve uma história de dedicação e de pertencimento, não se trata de um simples restar no mesmo lugar por longos anos. Para que se passe a este nível, se deve escrever um memorial demonstrativo do percurso, apresentar um currículo procedente e ainda defender uma produção intelectual condizente (...)* (CECCIM, 2015, p.40).

*A condição de titular em Saúde Coletiva será um reconhecimento da universidade à história e às lutas de uma vida na saúde e educação. Também trará novas responsabilidades, relativas à construção da universidade brasileira e da educação universitária nacional. Tudo começa com o gosto por dar aulas. Diz-se que o professor titular agrega conhecimento e atrai recursos para a universidade, também é importante para orientar colegas mais jovens e apontar caminhos. Sem dúvida, são tarefas por fortalecer, mas acima de tudo, continuar a dar aulas* (CECCIM, 2015, p.69).



Imagem 19: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Big Polvo Color Wheels* (Adriana Varejão, 2018). Elaborada pela pesquisadora (2021).

(2020, p.107) que “é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, por estratégias e iniciativas específicas”.

No *Duplo reflexo do outro* (díptico) (1999) de Adriana Varejão (Imagem 10), vejo no autorretrato da artista, assim como nos fragmentos apresentados, a produção de si de modo belo, modo exemplar, lançado ao olhar de reconhecimento do outro, mas que reconhece também um pouco de si. Tantas vezes lendo os fragmentos de memória de importantes docentes, na destacada instituição pública do Rio Grande do Sul, o primeiro desenho, o esboço da forma memorial é como nesta obra de Varejão. As histórias contadas nas palavras de titulares são de inspirar qualquer aluno de graduação nesta imagem traçada em seus memoriais. Os detalhes que singularizam importam e, no duplo reflexo díptico do outro, se as histórias inspiram, pintam uma tela como bela imagem autobiográfica de si; na outra, no seu duplo, há uma lâmina que corta a tela para nos mostrar que não nos fazemos sós, sem nos diferenciar, sem incluir e excluir possibilidades de constituir modos de ser sujeitos. E, assim, mostra-se uma tela autobiográfica que pode, no corte, expor a carne viva de regimes de verdade e poder que atuam na relação do sujeito consigo mesmo.

Assim como Jorge Ramos do Ó (2019) comenta que certas perguntas talvez deveriam ter a prudência de serem feitas após o meio-dia da vida, quando este se questiona “o que pode um professor?”, entendo que, por hora, não teria condições de responder o que acabo de questionar. Tenho a prudência e paciência de saber que a titularidade me escapa à meia-noite, e assim como Deleuze ([1991] 2016, p.7):

Talvez só possamos colocar a questão O que é filosofia, tardiamente, quando chega a velhice, e a hora de falar concretamente. De fato, a bibliografia é muito magra. Esta é uma questão que enfrentamos numa agitação discreta, à meia-noite, quando nada mais resta a perguntar. Antigamente nós a formulávamos, não deixávamos de formulá-la, mas de maneira muito indireta ou oblíqua, demasiadamente artificial, abstrata demais; expúnhamos a questão, mas dominando-a pela rama, sem deixar-nos engolir por ela. Não estávamos suficientemente sóbrios. Tínhamos muita vontade de fazer filosofia, não nos perguntávamos o que ela era, salvo por exercício de estilo; não tínhamos atingido esse ponto de não-estilo em que se pode finalmente dizer: mas o que é isso que eu fiz toda a vida?

## INCISÃO II – O ILUMINADO: SUJEITO AUTOR

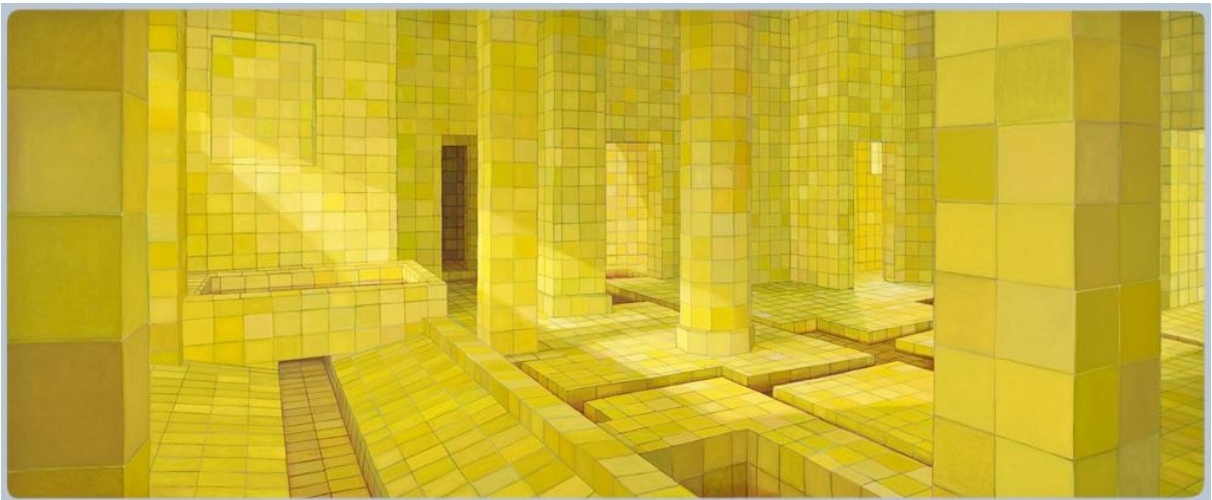


Imagem 20: *O iluminado*. Adriana Varejão (1998).

A questão do “nome próprio”, segundo Lejeune ([1971] 2014, p.27), é um interessante problema associado à ideia de autor. Para ele, é a partir do “nome próprio” que se marca a questão extratextual indubitável, que remete a uma pessoa real, isto é, a uma pessoa cuja existência está registrada em cartório e, com isso, assume-se a responsabilidade de um determinado texto ligado ao seu próprio nome. Para ele, “um autor não é uma pessoa. É uma pessoa que escreve e publica (...). O autor se define como sendo simultaneamente uma pessoa real socialmente responsável e produtor de um discurso”.

Ao pensar na simultaneidade que envolve a existência de autor (ser real e publicar) de Lejeune ([1971] 2014), apresento perspectiva lida em Foucault em seu texto “O que é um autor” (FOUCAULT, [1969] 2009), onde afirma que autor é uma função e não um indivíduo. No texto, Foucault expõe um problema: “se um indivíduo não fosse um autor, será que se poderia dizer que o que ele escreveu, ou disse, o que ele deixou em seus papéis, o que se pode relatar de suas exposições, poderia ser chamado de ‘obra’?” Em seguida, continua: “mas suponhamos que se trate de um autor: será que tudo o que ele escreveu ou disse, tudo o que ele deixou atrás de si faz parte de sua obra?” (FOUCAULT, [1969] 2009, p. 269).

Sobre a função-autor, Foucault, ao questionar o que é um autor e como ele funciona, chega à constatação que o nome de autor não é um “nome próprio” como outros,

e nem simplesmente um elemento de discurso. Isto porque percebe que o nome do autor exerce papel em relação ao discurso assegurando função classificatória, o que permite agrupar, delimitar, excluir textos. Nesse sentido, afirma que “o nome do autor funciona para caracterizar certo modo de ser do discurso” (FOUCAULT, [1969] 2009, p. 274), o que nos conduz a receber o “nome do autor” de diferentes maneiras, uma vez que este não está em locais específicos (estado civil, ficção da obra), mas nas rupturas instauradas em grupos de discursos e seus modos de existência.

Como consequência, nem todos os discursos possuem a função-autor, como nos exemplos de carta particular ou ainda num contrato de fiador, embora neles existam um remetente, inquilino. O filósofo francês chega à ideia de que a função-autor é “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, [1969] 2009, p.274).

Foucault ([1969] 2009) atribui quatro características para a função-autor. A primeira é que são objetos de apropriação, ligados a sistemas jurídicos e institucionais que governam o universo dos discursos. A segunda característica aponta que a função-autor não se exerce da mesma maneira em todos os discursos, ao longo da história, locais e épocas. A terceira característica é definida por complexas operações e não por atribuições espontâneas de um tipo de discurso ao escritor. A quarta característica é a de que a função-autor não remete a indivíduos reais, mas pode comportar pluralidade de egos, isto é, nos diferentes “eus” de um mesmo texto.

Ao associar tais reflexões com os memoriais, interrogando sua função-autor, passo a observar elementos relacionados à pouca circulação desses documentos, que parecem até secretos, e me pergunto se deveria considerar a escrita dos memoriais como “obras”? Ou seriam escritos, protocolares, da vida acadêmica, não citáveis? Haveria diferença se denominássemos como “obra” apenas os memoriais publicados e os não publicados? Ou seria justamente por não serem considerados “obras” que a totalidade desses documentos na Enfermagem não são públicos? E nunca foram publicados?

Penso que a necessidade de protocolar em comitê de ética a solicitação de uso de tais documentos poderia sugerir que os memoriais analisados estão mais próximos de um documento ordinário do que de uma escrita onde é possível perceber a função autoral, tipo obra. Isto porque, se fossem obras, bastaria citar a autoria. Afinal, quantos de nós, ao citarmos alguém em um texto, enviamos esse trecho ao autor (se vivo) para que possa se manifestar acerca da citação? Somado a isto, acrescento que nos encontros com docentes da Escola de Enfermagem para obtenção de seus memoriais, não senti na entrega de seus escritos para leitura, com o sentido “veja minha obra”, como imagino que poderia ocorrer com seus artigos ou livros. A gentileza na cedência dos documentos não me pareceu ter sido acompanhada do orgulho da identificação

autoral relacionada à escrita do memorial, comumente visto quando autores tratam de suas obras e suas produções. Ademais, pesquisei em seus currículos Lattes e notei que os mesmos não são mencionados como produção acadêmica, como ocorre na área da Educação, por professores que publicam seus memoriais em periódicos e revistas acadêmicas. Poderia sugerir que, nos memoriais da Escola de Enfermagem da UFRGS não há função-autoria dos sujeitos no que se refere à sua própria escrita autobiográfica. Na prática de escrita de memoriais na Enfermagem, os indivíduos não se constituem como autores e nem produtores de obra que versam sobre si, na constituição de um sujeito autobiográfico.

Nos memoriais vejo ser construído, ora em narrativa, ora na listagem de publicações, a presença da função-autoria na constituição desses sujeitos. Em frases como *“destaco a participação como autora e coautora de artigos em revistas de circulação nacional e internacional, livros, capítulos de livros”* (MOTTA, 2014, p.20), ou visto na escrita de Ceccim (2015), quando lista em seu capítulo intitulado *“Signos sensório-motores”*, quatorze *“conceitos e/ou prolongamentos de autoria”*, e que, em minha experiência no Mestrado em Saúde Coletiva, utilizei ao menos três dessas ferramentas.

Há ainda nos memoriais a referência ao *“outro”* como autor, nas reivindicações de heranças formativas e constituintes de modos de ser, de pensar, de ensinar. No memorial de Êrica Rosalba Mallman Duarte (2018, p.21) esta escreve que sua autora preferida

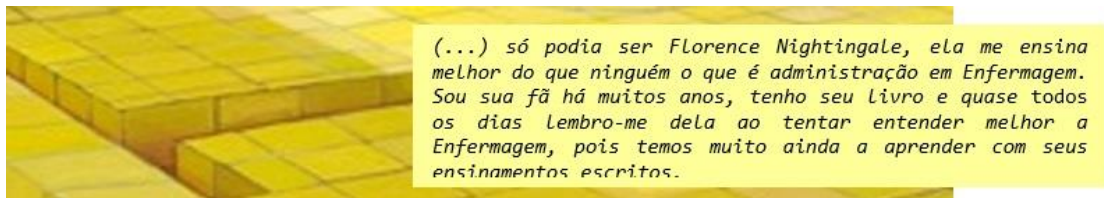


Imagem 21: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *O iluminado* (Adriana Varejão, 1998). Elaborada pela pesquisadora (2021).

De modo semelhante, Crossetti (2012, p.2) lembra-se da utilização de textos de autores como *“Brunner e Sudarth, AbdelAdh, Guyton”*, nas disciplinas de Enfermagem médico-cirúrgica, e cujo apontamento encontra ressonância em minhas próprias lembranças pois, embora tenha estudado em outra instituição, entrei em contato com esses em período de graduação.

Mas se não há constituição de si como autor autobiográfico, seria possível a constituição desse modo sujeito autor por terceiros? Trago para a conversa o memorial de Pierre Rivière, cujo material foi objeto de estudo de Foucault, e o memorial de Maria Henriqueta Kruse (2015), que tomo como analisador da discussão.

Pierre Rivière, camponês francês com cerca de vinte anos, degolou sua mãe, sua irmã e seu irmão, em três de junho de 1835. Um mês após o crime, foi preso e redigiu um memorial onde consta a narrativa de sua vida (e infortúnios), que iniciam antes de seu nascimento com a história do casamento de seu pai e de sua mãe, e segue seu relato até o dia do parricídio. No memorial há um resumo de sua vida particular que inclui pensamentos que culminaram nos motivos para a ação criminosa, segundo o próprio autor. Trata-se de uma autobiografia, mas que “não estava de modo algum, para os contemporâneos, fora do crime e acima dele, o que devia permitir compreender suas razões; era um elemento que fazia parte de sua racionalidade ou de sua desrazão” (FOUCAULT, [1973] 2013, p.286). Seu memorial passou a fazer parte da “peça” do processo jurídico. Para Foucault ([1973] 2013), neste caso, o gesto de matar e o gesto de escrever se entrecruzaram como sendo da mesma natureza.

Maria Henriqueta Luce Kruse, docente brasileira, aos seus 68 anos progrediu para a carreira de professor titular na Escola de Enfermagem da UFRGS em 2015. Para tal, escreveu seu memorial, sua história de vida e de trabalho, como filha, irmã, estudante, enfermeira, esposa, professora, mestranda, chefe de enfermagem, militante, mãe, doutoranda, pesquisadora, orientadora, grata pelas experiências de vitórias e derrotas ali narradas. No documento, esta enfermeira docente apresenta sua versão sobre acontecimentos coletivos e pessoais, quando teve a possibilidade de escrever os motivos pelos quais solicitou promoção de carreira. Memorial como “peça” do processo jurídico/avaliativo, elemento que compõem a razão ou desrazão de quem almeja o cargo de professor titular.

Aproximo os memoriais, com devidas ressalvas no que se refere à distância temporal, diferentes origens e finalidade entre os manuscritos. O primeiro foi elaborado na França, na década de 30 do século XIX, e o outro no Brasil, no início do século XXI, na década de 2010. Reforço ainda a distância entre o grau e tipo de educação obtido pelo camponês francês, que mal sabia escrever, e o da docente universitária, que tem, entre seus ofícios, o da escrita acadêmica. Em comum, ambos compuseram peças institucionais/jurídicas escritas para um “outro”.

Entendo como relevante a finalidade das escritas, que na de Rivière busca narrar sua versão sobre infortúnios nas vidas de pai e mãe, além de sua própria, que contribuíram para se tornar criminoso. Já o memorial da docente de Enfermagem tem como finalidade narrar sua versão sobre atividades de trajetória pessoal e acadêmica que foram importantes para almejar a promoção e tornar-se docente titular. Finalidades diferentes, mas que se colocam no entrecruzamento de momentos importantes de vidas, “*dignas de se colocar em papel impresso*”<sup>45</sup>, em narrativas com teor autobiográfico, com

---

45 Expressão de Foucault sobre o manuscrito de Pierre Rivière e que tomei a liberdade de apresentar aqui.

reivindicação de heranças e presença marcada fortemente por valores morais. Documentos que não apenas versam sobre o acontecimento, mas, o mais importante, que o produzem.

Foucault ([1973] 2013) assinala que a narrativa do crime de Rivière teve serventia a seus contemporâneos que discutiam sobre sua racionalidade ou loucura. Tal discussão se sobrepôs ao questionamento acerca de como foi possível que o parricida pudesse ter escrito um memorial, em 40 páginas, bem narradas. O filósofo assinala que a função desempenhada por tal memorial foi a de se tornar parte do crime, o que culminou em tornar-se também parte do processo na Justiça. Dessa forma, Foucault afirma que a narrativa do crime foi considerada elemento para afirmação ou refutação da racionalidade e loucura de Rivière, assim como os assassinatos estabeleceram o equívoco do legítimo e do ilegal. Vêem ainda, na discussão gerada pelos envolvidos das áreas legais e médicas, a formação de saberes e jogos de poder, quando tentavam enquadrar o camponês nos limites de normalidade ou anormalidade, em cada campo de saber (jurídico e médico).

Nessa perspectiva, poder-se-ia pensar que o memorial de Kruse (2015) se torna “parte do crime”, isto é, parte do processo também institucional, não o jurídico/penitenciário mas o jurídico/educacional. Em jogo, está a refutação, ou não, do que se considera legítimo para estabelecer o acesso à carreira de professor titular. Memorial e Crime; Memorial e Titularidade.

O segundo destaque que apresento das considerações de Foucault sobre o memorial de Rivière é que, naquela época, “o fato de matar e o fato de escrever, os gestos consumados e as coisas contadas entrecruzavam-se como elementos de mesma natureza” (FOUCAULT, [1973] 2013, p. 286). Tornar-se autor de tal narrativa, sob as condições de quem mal sabia escrever, não chamou a atenção, pois o que interessava para as instituições era a determinação de sua sanidade mental e para seus pares (povo), o interesse “no direito de matar e de mandar matar; o direito de falar e de contar”.

A condição de autoria do parricida era o pano de fundo e, assim, “a narrativa do assassinato instala-se nessa região perigosa da qual utiliza a reversibilidade: comunica o proibido com a submissão, o anonimato com o heroísmo; por ela a infâmia toca a eternidade” (FOUCAULT, [1973] 2013, p. 293) No memorial de Henriqueta, esta comunica o permitido com certa insubmissão, ao usar modos de escrita diferentes do convencional de produções acadêmicas, sem preocupação com rigor metodológico. Além disso, ao contrário do anonimato, utiliza seu “nome próprio” sem heroísmo, o qual é lançado ao esquecimento; por fim, é pelos memoriais que a fama morre no alcance da titularidade, sendo esquecida, até escondida nos arquivos da universidade.

A terceira consideração de Foucault é que Pierre Rivière foi sujeito do memorial, em duplo sentido. É o sujeito que se lembra, que conta impiedosamente os horrores e as glórias de seu ato criminoso. Autor do manuscrito e autor do crime.

Dupla autoria, que não é nem justificativa da outra, nem confissão, mas cruzamento entre possibilidades de discursos à época, engajado em um saber popular<sup>46</sup>. Ao ter que responder sobre seus crimes na instituição penal, o sujeito que fala (no momento em que é julgado) não possui mais as mesmas condições de fala, pois esta foi submetida aos crivos jurídico e médico. No caso dos memoriais acadêmicos, vejo essa dupla autoria, a de docente que escreve seus atos honrosos e a de quem viveu as cenas narradas. Ao colocar a promoção em julgamento por uma banca, as ações e produções desenvolvidas, assim como em Rivière, já não possuem a mesma condição de fala, uma vez que serão desenhadas sob os azulejos objetivos, milimétricos e organizados da instituição.

Como possibilidade de função-autoria nos memoriais, sinto a produção destes como na obra *O iluminado* (1998), na qual a saturação de descrição em tópicos, de listas enormes de orientações, participação em bancas, disciplinas ofertadas, artigos publicados, foram elaborados de forma minuciosa, excessiva (em média de 100 páginas), onde “o reticulado, marca da limpeza e da clareza visual modernas, acaba quase que se convertendo em ornamento” (MORAES, 2013, p.46). Na profundidade perdida de *O iluminado*, os sujeitos se mostram como autores de inúmeras produções escritas acadêmicas. A luz que ilumina suas produções autorais faz a sombra sobre a escrita de seus memoriais.

---

46 Foucault, em entrevista com F. Châtelet, sobre o filme de R. Allio sobre Piérre Rivière, refere que Pierre, para chegar aos assassinatos, foi necessária a decisão de escrever. Para Foucault ([1976] 2016a, p.86), “tratava-se primeiro de escrever o assassinato futuro e, uma vez feito o relato, ir assassinar. Temos aqui uma espécie de nó entre a escrita e o assassinato, o que é formidável”.



INCISÃO III – TESTEMUNHAS OCULARES: SUJEITOS QUE DIZEM A VERDADE



Imagem 22: *Testemunhas Oculares X, Y, Z (1-3)*. Adriana Varejão (1997).

Foucault ([1983-1984] 2011), em suas investigações sobre velhas questões filosóficas ocidentais acerca da relação entre sujeito e verdade, interrogou-se sobre práticas, sobre modos de discursos em que buscamos dizer a verdade. Para ilustrar de modo breve, refiro os estudos desse autor quando tentamos dizer a verdade sobre sujeitos loucos e sujeitos delinquentes em obras como *História da Loucura* e *Vigiar e punir*, respectivamente. Além destas, na obra *As palavras e as coisas* ele analisa práticas discursivas na qual o sujeito falante, sujeito trabalhador e sujeito vivente se constituem como objeto de saber. Foucault investigou posteriormente o exame de consciência e a confissão, importantes dispositivos penais nas experiências de sexualidade, nos três volumes de *História da Sexualidade*. Nestas últimas, ele analisou questões entre sujeito e verdade de outro modo: não mais discursos que produzem a verdade sobre outros, mas discursos que produzem a verdade sobre si. Na esteira de pesquisas sobre discursos que constituem sujeitos como sujeitos de veridicção, Foucault constatou a importância do princípio “é preciso dizer a verdade sobre si mesmo”, proveniente da moral Antiga ocidental, mas que, ao longo dos tempos sofreu modificações e permanece em nossas heranças contemporâneas, com características da nossa época.



De modo breve, comento que Foucault ([1981-1982] 2010) afirma que na tradição filosófica platônica e da filosofia antiga (à exceção de Aristóteles), a questão sobre a que preço é possível ter acesso à verdade era respondida pelo próprio sujeito que referia-se a qual trabalho deve ser operado sobre si, qual a modificação seria necessária para se ter acesso à verdade. Foucault chamou de espiritualidade “o conjunto de buscas, práticas, e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade” (FOUCAULT, [1981-1982] 2010, p.14). Isto é, o preço para um sujeito ter acesso à verdade faz referência à prática que visava a modificação de seu modo de ser, a partir de certos exercícios dirigidos a si, de práticas espirituais. Na leitura foucaultiana, esta prática segue o preceito geral do cuidado de si. O cuidado de si era uma prática difundida entre os gregos, uma verdadeira rede de obrigações e serviços para a alma. E a escrita era uma das características desse cuidado, sendo tomadas notas de si que podiam ser relidas para reativar as verdades necessárias para esse cuidado, como modo de exercício da famosa prescrição délfica “conhece-te a ti mesmo”. Esta prescrição fundaria, para o Ocidente, a relação entre sujeito e verdade.

Já a partir de Descartes, e posteriormente com Kant, há uma requalificação filosófica do princípio “conhece-te a ti mesmo”, na qual é instaurada a evidência como origem para esse pensamento filosófico. Deste modo, o sujeito tornou-se capaz de verdade sem precisar modificar-se, a existência do sujeito dava acesso ao seu ser. A prática científica, com o raciocínio lógico, correto, da evidência, eliminava a necessidade de uma condição de trabalho espiritual para que o sujeito fosse capaz de conhecer a verdade. Herdaríamos então, em nossa prática científica contemporânea, por meio do método científico, a capacidade de conhecer e chegar à verdade; isto é: tornarmo-nos sujeitos que dizem a verdade<sup>47</sup>. Como sinaliza Foucault ([1981-1982] 2010, p.19):

O conhecimento se abrirá simplesmente para a dimensão indefinida de um progresso cujo fim não se conhece e cujo benefício só será convertido, no curso da história, em acúmulo instituído de conhecimentos ou em benefícios psicológicos ou sociais que, no fim das contas, é tudo o que se consegue da verdade, quando foi tão difícil buscá-la. Tal como doravante ela é, a verdade não será capaz de salvar o sujeito. Se definirmos a espiritualidade como o gênero de práticas que postulam que o sujeito, tal como ele é, não é capaz de verdade, mas que a verdade, tal como é, é capaz de transfigurar e salvar o sujeito, diremos então que a idade moderna das relações entre sujeito e verdade começa no dia em que postulamos que o sujeito, tal como ele é, é capaz de verdade, mas que a verdade, tal como ela é, não é capaz de salvar o sujeito.

Nesse contexto exploratório entre verdade e sujeito, apresento a obra *Testemunhas oculares X, Y, Z* (1997) (Imagem 12), de Adriana Varejão. Nessa

---

47 Entendo que, apesar de trazer uma questão filosófica antiga, esta é possível de se ver atualizada em situações cotidianas, como nas discussões acerca da influência do discurso científico, no quanto a ciência é creditada como verdadeira para a população mundial. Esta é uma situação que ganha evidência com a atual pandemia de Covid-19, no que se refere às definições sobre modos de agir para a sobrevivência humana.

instalação, podemos ver três quadros, autorretratados, sendo que em cada um deles é possível reconhecer a artista, todavia de modos diferentes. Vejo no rosto das mulheres chinesa, negra e indígena a perspectiva crítica da artista que, ao pintar a si deste modo, reflete sobre constituições, não como indivíduo, pessoa, mas como possibilidades de tornar-se sujeito. Varejão, por sua vez, exerce um trabalho sobre si, na qual se constrói como testemunha (ocular) das próprias heranças que a atravessam.

A artista pinta a relação entre sujeitos e apresenta a si mesma de forma modificada, na qual passamos a acreditar por ver em sua obra elementos de reflexão sobre si, referidos à nossa história colonial-capitalística<sup>48</sup>. Olhamos para o quadro e reconhecemos a artista. A partir do trabalho de hibridismo, esta realiza uma crítica de si (que pode se estender a nós) em forma de instalação, com três autorretratos modificados e olhos em formato de pérolas dispostos em uma mesa de vidro à frente dos quadros, juntos a lupas de aumento. Segundo a própria Varejão (2021, p.1), o “conteúdo se forma em termos de subjetividades descolonizantes porque lida com inúmeras referências culturais – não apenas da história oficial, mas também de muitas outras histórias escondidas ou obscurecidas que ficam nas margens”. Nas histórias descolonizantes de Varejão poderíamos imaginar uma prática espiritual, que produz sujeitos que conhecem a verdade sobre si mesmos.

Entre as histórias obscurecidas que Varejão faz referência na obra *Testemunhas oculares X, Y, Z* (1997) aparece a frenologia, que consistia em um método determinista do século XIX através do qual se buscava descobrir e mensurar aspectos do crânio, suas medidas, o nariz, tatuagens e expressões para avaliar a loucura, a criminalidade ou a inteligência de um indivíduo. No caso da obra, há uma referência a tal técnica com a incisão e retirada de um dos olhos das mulheres, para estudo da íris como elemento possível de uma alteração de aptidões mentais de uma pessoa, entendendo que seria possível saber a última cena vista pela pessoa morta (SCHWARCZ; VAREJÃO, 2014). Nesta referência à frenologia podemos ver outro modo de se constituir uma verdade. Verdade do conhecimento biológico, do uso de uma técnica racional científica para produzir conhecimentos verdadeiros. Verdade sobre a última cena desses sujeitos que Adriana nos apresenta em cópias das telas de Theodor de Bry que mostram invenção do canibalismo ritual.

---

48 Rolnik (2018) utiliza o termo opressão colonial-capitalística para designar o regime político-econômico no qual vivemos onde há, além da exploração da força de trabalho, da extração de mais-valia e de recursos naturais, também a apropriação de forças culturais e subjetivas. A autora acopla o termo colonial ao termo capitalismo para dimensionar que há nesse regime uma colonização epistemológica, assim como do inconsciente (subjetividade). Rolnik busca integrar questões macropolíticas (governos, modos de produção, políticas) e micropolíticas (relação entre sujeitos, formação de subjetividades) nesse conceito. Segundo ela, “é da própria vida que o capital se apropria; mais precisamente, de sua potência de criação (ROLNIK, 2018, p.18).



Imagem 23: *Testemunhas oculares X, Y, Z (2-3 e 3-3)*. Adriana Varejão (1997).

O fora e o dentro desses olhos arrancados ficam justapostos às pinturas de si, às verdades sobre si. Nas pinturas, autorretratos ético-estéticos, nas quais a artista produz um olhar que interroga possibilidades de si, inclusive a de ter um olho extirpado por uma técnica moderna de investigação de indivíduos, e que nos remete ao sangue, violência e paixão. Entendo como um exercício espiritual de conhecer-se a si mesmo. A partir da obra *Testemunhas oculares X, Y, Z* (1997) poderíamos olhar a nós próprias, com este olho que foi cirurgicamente retirado, agora externo a nós, que nos instiga a interrogar sobre como nos vemos, de que modo constituímos nossos olhares e as últimas imagens que veremos.

No reaparecimento da autobiografia por volta do século XVI, haverá uma modificação no que se refere à descrição de si. Foucault investigou tal fato em escritas de correspondências (cartas) da época da antiguidade clássica grega dos séculos I e II, ao estudar práticas de exercícios de si e de escritas de si. Lembro que, no longo período da Antiguidade clássica grega ao período atual, sobreveio o cristianismo e, com ele, Santo Agostinho. Foucault escreve que a mudança ocorre justamente porque “a relação do sujeito com a verdade não será apenas comandada pelo objetivo: ‘como tornar-se um sujeito de veridicção’, mas terá se transformado em: ‘como poder dizer a verdade sobre si mesmo’” (FOUCAULT, [1981-82] 2010, p.323).

Vale lembrar que, para Foucault ([1970] 2004), a produção da verdade, isto é, a vontade de verdade, é da ordem do discurso. Nesse sentido, a questão a se fazer, nesta tese, não estaria direcionada avaliar se o que se diz nos memoriais é verdadeiro ou falso, isto é, em verificar se o que foi escrito “realmente aconteceu”, mas em interrogar a vontade de verdade que atravessa as autoras e autores dos memoriais e seus efeitos regulados de poder. Para Foucault ([1970] 2004), a vontade de verdade é um sistema de exclusão no qual residem os perigos do discurso. Esta

apoiar-se em práticas pedagógicas, em sistemas de edição, de bibliotecas, de classificação.

A partir da leitura dos memoriais vejo, na promoção de carreira docente, discursos possíveis de serem ditos e outros que são excluídos. Por meio da narrativa das trajetórias profissionais e acadêmicas são descritos fatos, histórias, lembranças e reflexões de modo autobiográfico. As autoras e autores dos memoriais elaboram discursos produtores de verdades sobre si, na relação com instituições e pessoas, que lhes parecem dignos de nota. Mesmo sabendo que “*nem tudo está no memorial, mas o que está vem marcado pelo valor que cada momento resgatado da memória teve na minha vida*”, como nos conta Dora (OLIVEIRA, 2017, p.16), podemos pensar que o que está ali aspira à vontade de verdade como nos trechos a seguir:

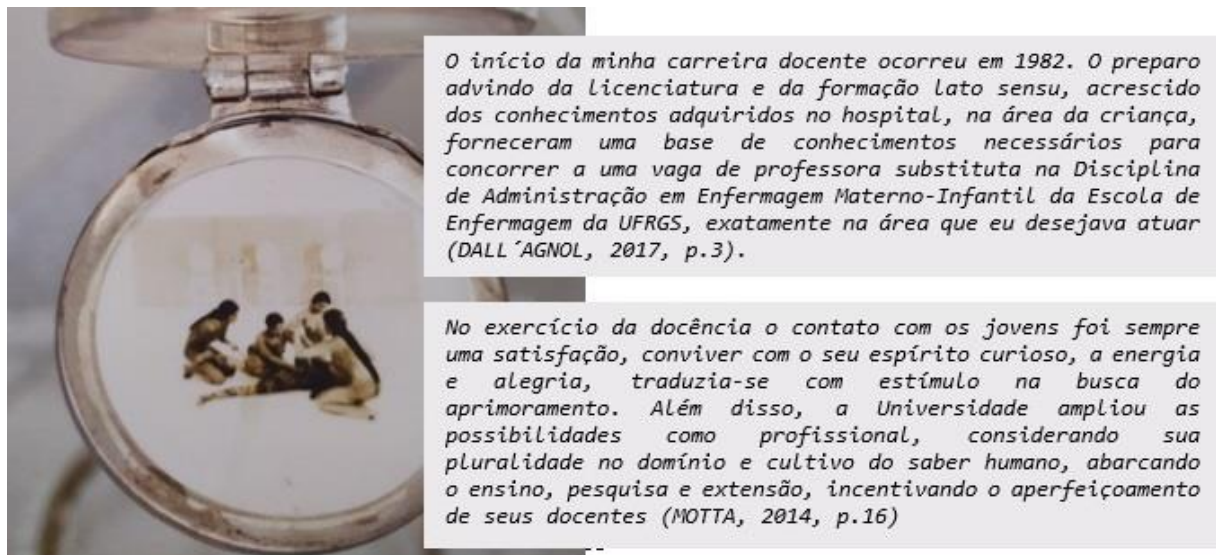


Imagem 24: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Testemunhas oculares X, Y, Z* (Adriana Varejão, 1997). Elaborada pela pesquisadora (2021).

Talvez possa parecer uma obviedade que o que foi escrito nos memoriais seja verdade, ou que os sujeitos que o dizem não o fariam diferente e, com isso, não caberia aqui realizar o exercício da desconfiança. Entretanto, compreendo que os modos pelos quais a produção de verdade acontece tem uma história, ou seja: os modos de produção de verdade em nossas sociedades são modificados conforme certas regras, certos regimes e a pergunta sobre de que modo produzimos a verdade sobre nós mesmos tem a sua pertinência. Nas palavras de Foucault ([1976] 2016, p.216-217):

O importante, penso eu, é que a verdade não está fora do poder nem sem poder (ela não é, apesar de um mito cuja história e funções se deveria retomar, a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam libertar-se). A verdade é deste mundo: ela é produzida graças a múltiplas imposições. E ela aqui detém efeitos regulados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” da verdade, ou seja, os tipos de discurso acolhidos por ela os quais ela faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para obter a verdade; o status dos que têm a tarefa de dizer o que funciona como verdade.

Grosso modo, entendo que, no período da Antiguidade grega, ao ler ou ouvir certo relato poderíamos perguntar a quem interpelamos: como sei que o que estás a dizer é verdade? A resposta seria algo da ordem: realizo um trabalho, um exercício espiritual que me constitui como alguém que busca a verdade, que reflete sobre minhas próprias ações. Tanto esta prática comigo mesma, quanto o pertencimento a certo grupo que possui direito à fala, em certo lugar, certa relação com alguém que me orienta nesta busca é o que pode assegurar que o que te digo é verdade.

Fazer uma reflexão acerca dos modos pelos quais certas questões são ditas e aceitas por nós como verdadeiras é colocar em evidência a relação não apenas entre sujeito e verdade, mas sobre quem sou eu que estou aqui a escrever este memorial e como me constituo como sendo deste modo. É também perceber que os modos como digo o que sou, ou os caminhos que trilhei para ser quem sou, fazem parte de uma trama do que é possível ser dito neste regime de verdade e, ainda, que produz efeitos de poder. Tais efeitos de poder produzem, regulam, indicam o discurso sobre certo modo de ser professor titular em determinada época e lugar.



*O dito me fortalece. Evocando o passado ora presente desvelam-se em minha memória conquistas e enfrentamentos num turbilhão de acontecimentos em que alegrias, desejos certezas e incertezas juntam-se num movimento único resultando em vivências e experiências do todo e das partes. Condições que conferem possibilidades de descrever minhas memórias com autenticidade e igualmente defender ideias e exercitar a autocrítica, com o cuidado de manter com convicção o que me é próprio, a condição de “ser enfermeira”. Assim os pensamentos se articulam e se mostram por meio de palavras que brotam sem esforço dando concretude a uma trajetória estruturada em sentimentos, emoções, crenças e princípios que têm orientado meu ser, saber e fazer enfermagem. (...) considerando a natureza deste memorial descreverei-o com base em minha história profissional que constato estar alicerçada nos pilares preconizados para a trajetória do profissional enfermeiro docente universitário, quais sejam: assistência, ensino, pesquisa, extensão e social. Condição que me fez estruturá-lo em dezesseis capítulos. Embora os apresentem de forma estática, se articulam e exercem uma interdependência que fundamento no exercício crítico reflexivo de modo a desvelar sua justificação seja no dito ou no não dito (CROSSETTI, 2012, p.1).*

Imagem 25: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Testemunhas oculares X, Y, Z* (Adriana Varejão, 1997). Elaborada pela pesquisadora (2021).

Entendo que a escrita de memorial acadêmico é uma prática de constituição de sujeitos que dizem a verdade sobre si mesmos. Vejo nestas escritas saberes e poderes que operam na produção de regimes de verdade e poder sobre nós mesmas e que produzem modos de subjetivação, isto é, nos modos de nos constituirmos de certa forma não de outra. No excerto retirado do memorial de Crossetti (2012), que reivindica suas “memórias com autenticidade”, esta professora titular escreve sobre sua trajetória de 40 anos de enfermeira e 37 de docência na UFRGS, organizados em capítulos de encher os olhos de tamanha dedicação e produção que *estruturou* em sua vida profissional. Seu memorial, em conjunto com outros que compuseram esta tese, chamaram



a atenção sobre algo que talvez seja por demais óbvio entre nós, que é a afirmação da condição, da identidade de “ser enfermeira” como algo próprio nesse lugar de titularidade, isto é, referente a esta condição que a docente se refere como um modo de existência.

Nem todos os memoriais apresentam reflexões ou afirmações sobre possíveis identidades que constituem os sujeitos nesse lugar de titularidade, embora seja premente que uma das identificações ocorram nesse lugar de “docente-assistencial”, “enfermeira-assistencial”, “enfermeira e docente”, “professora e enfermeira”.

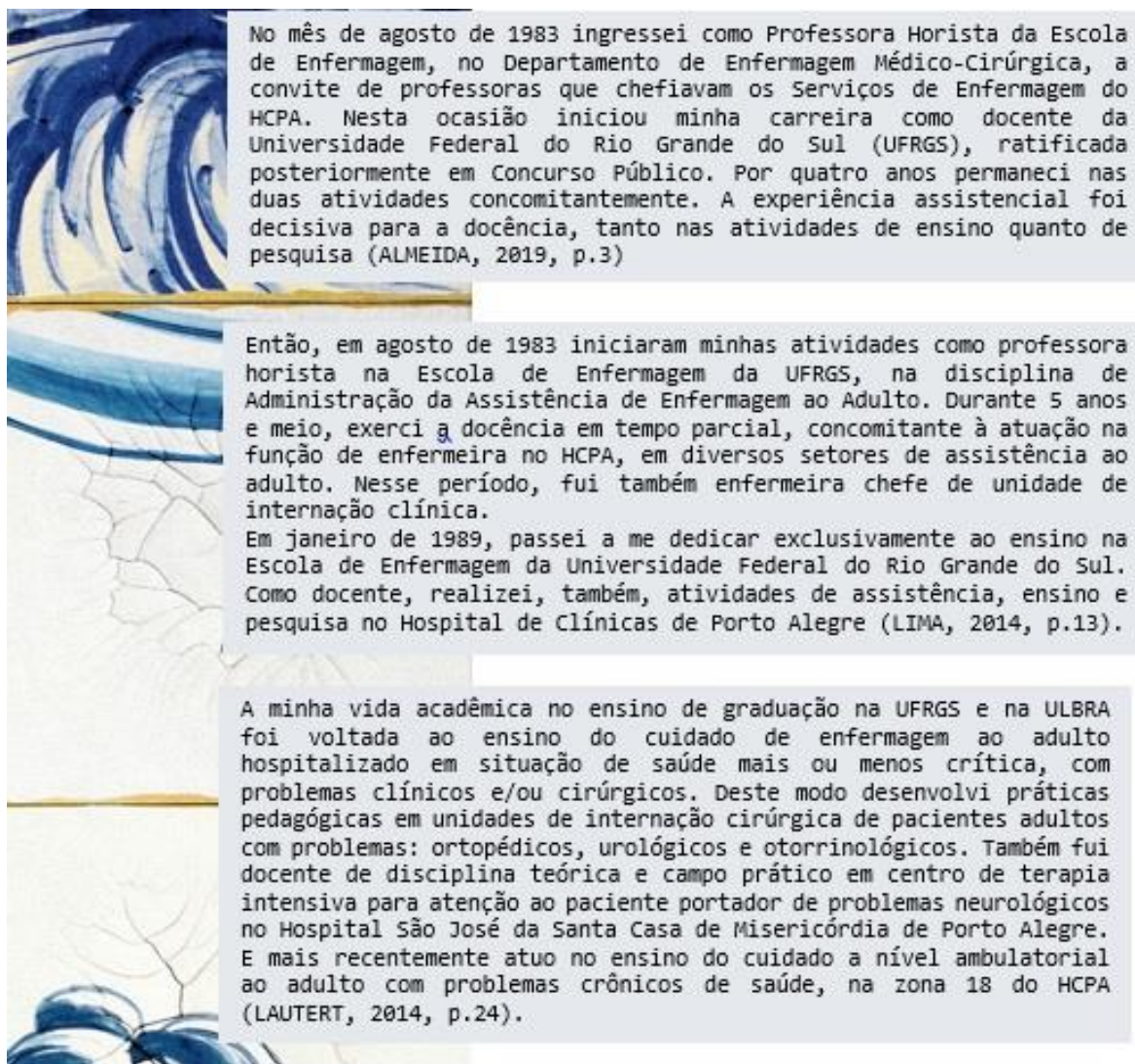


Imagem 26: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Celacanto provoca maremoto* (Adriana Varejão, 2004). Elaborada pela pesquisadora (2021).

Judith Butler (2017, p.35), ao escrever sobre a constituição de si no sujeito foucaultiano, refere que os termos que um regime de verdade fabrica é que possibilitam o reconhecimento de si. Isto é, o modo pelo qual alguém pode “ser” é circunscrito às formas reconhecíveis e não reconhecíveis por certas normas e regras,

e nas quais o sujeito que busca dizer “quem é” responderá respeitando as normas do regime de verdade. Segundo esta autora:

No entanto, Foucault não defende apenas que exista uma relação com essas normas, mas também que qualquer relação com o regime de verdade será ao mesmo tempo uma relação consigo mesma. Uma operação crítica não pode acontecer sem essa dimensão reflexiva. Pôr em questão um regime de verdade, quando é o regime que governa a subjetivação, é pôr em questão a verdade de mim mesma e, com efeito, minha capacidade de dizer a verdade sobre mim mesma, de fazer um relato de mim mesma.

Nessa linha de argumentação, Butler dirá que é na capacidade de questionamento sobre si, na capacidade de dizer a verdade sobre si, que reside o que Foucault chamou de ética da crítica. Tal situação resultaria na possibilidade de colocar em perigo a própria possibilidade de reconhecimento do outro, isto porque “uma vez que questionar as normas de reconhecimento que governam o que eu poderia ser, perguntar o que elas deixam de fora e o que poderiam ser forçadas a abrigar, é o mesmo que, em relação ao regime atual, correr o risco de não ser reconhecido como sujeito” (BUTLER, 2017, p.36).

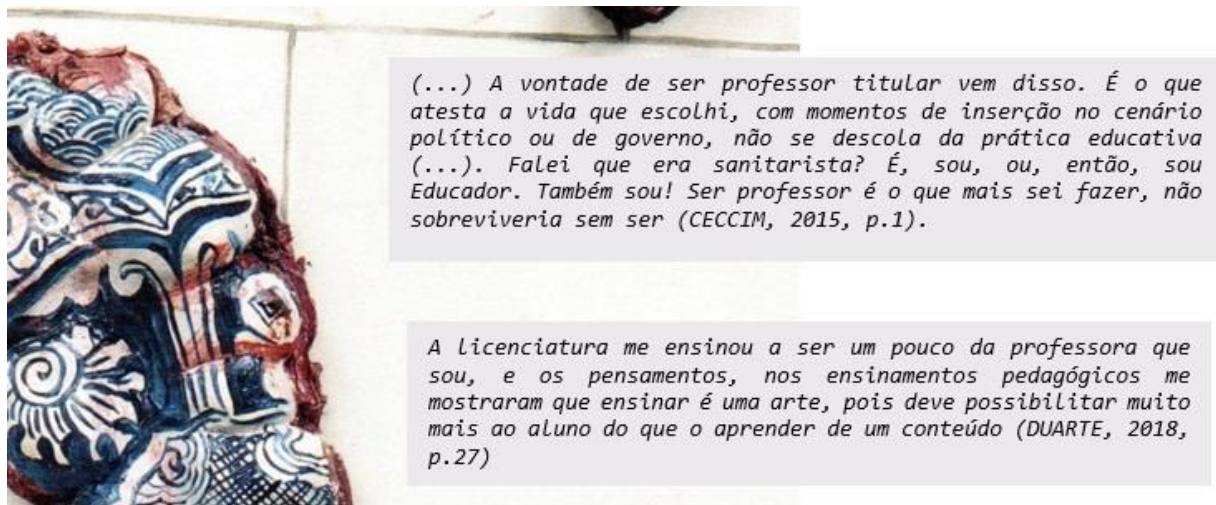


Imagem 27: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Laparotomia exploratória 1* (Adriana Varejão, 1996). Elaborada pela pesquisadora (2021).

Retomo aqui a lembrança da solicitação dos professores Ricardo Ceccim (2015) e Tatiana Gerhardt (2018) para não serem nomeados como enfermeiros quando fui apresentar-lhes minha pesquisa e solicitar seus memoriais. Suas titularidades na Escola de Enfermagem da UFRGS foram reconhecidas em lugar diferente do apresentado como “enfermeira-assistencial”, embora ambos tenham realizado suas graduações nesta profissão. Ricardo designa a si mesmo como “Sanitarista” e “Professor”, já Tatiana como “Antropóloga na e da Saúde” o que, inclusive, mostra-se na capa de seu memorial.

Nas pistas acerca dos regimes de verdade que produzimos na constituição de si como professores titulares na Escola de Enfermagem, entendo que olhar para o que é excluído, até mesmo por nossos próprios reconhecimentos, pode nos permitir refletir sobre o que podemos nos tornar. Apresento trecho do memorial de Tatiana Gerhardt



(2018) para compartilhar um incômodo em relação às heranças que esta profissão pode proporcionar.

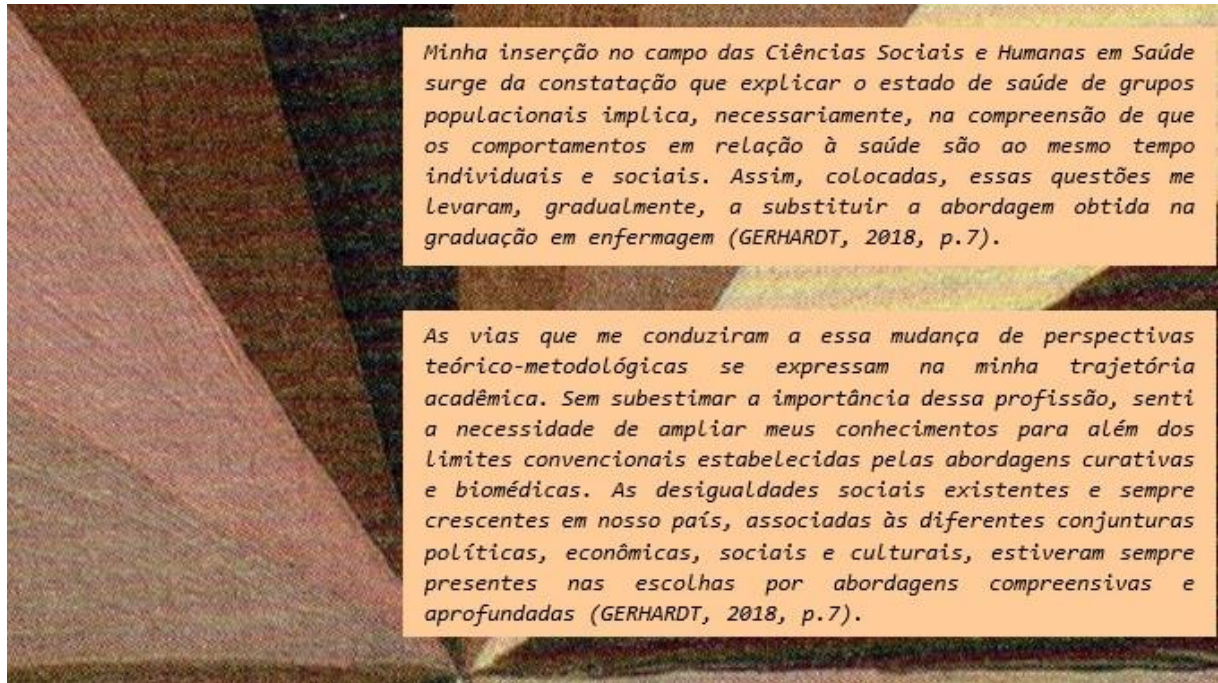


Imagem 28: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Tintas polvo. Polvo Portraits* (Adriana Varejão, 1993). Elaborada pela pesquisadora (2021).

Por ora, reivindico a necessidade de olhar para os modos de produção de verdade sobre nós mesmas a fim de estabelecer a possibilidade do ensaio ético que propus como tese. Se nos constituímos como sujeitos que dizem a verdade sobre nós mesmas, de que modo essas verdades operam produtivamente nos sistemas de manutenção dos regimes de verdade e de poder que nos produzem? Se o que digo sobre mim mesma é condicionado por regras de reconhecimento do outro, o que digo que sou e o que quero afirmar como podendo ser, no momento que considero o auge da carreira universitária?

Foucault ([1976] 2016, p.218), ao refletir sobre a função política do intelectual diz que deveríamos pensar as questões políticas não em termos de ciência/ideologia, mas sim em termos de verdade/poder. Nesse sentido, o filósofo diz que por verdade não quer dizer “o conjunto de coisas verdadeiras que há para descobrir e aceitar”, mas “o conjunto de regras segundo as quais se separa o verdadeiro do falso e se atam ao verdadeiro efeitos específicos de poder”. Deste modo, enfatiza que “não se trata de um combate ‘a favor’ da verdade, mas em torno do status da verdade e do papel econômico-político desempenhado por ela”.

Em minha condição de doutoranda em Enfermagem e considerando o que me proponho nesta tese, não cabe aqui dizer qual o significado ou o valor que cada um destes sujeitos atribui sobre seus ofícios ou sobre si mesmas. Tenho o interesse de tentar



mostrar, nos cortes vivos, que tais sentidos, na ausência de uma reflexão crítica, promovem a manutenção de certos modos de ser e, também, de desejar ser.

Nas trilhas de Butler (2017, p.154), retomo a pergunta de Foucault ao estudar a relação entre sujeito e verdade: “a que preço o sujeito pode dizer a verdade sobre si mesmo?”. A filósofa entende que Foucault deixa claro que os sujeitos não são “apenas efeitos de discursos, mas que qualquer discurso, qualquer regime de inteligibilidade, constitui-nos *a um preço*”. Poderíamos nos perguntar, a essa altura, qual o preço para se constituir como professor titular na Escola de Enfermagem? Qual o preço para se afirmar como educadores de determinados modos, ou enfermeiras-docente, sanitaristas ou antropóloga, dentro da instituição Escola de Enfermagem? Butler (2017, p.155) nos ajuda nesta reflexão ao referir que:

Em Foucault, parece, há um preço por se dizer a verdade sobre si mesmo, precisamente porque o que constitui a verdade será enquadrado por normas e modos específicos de racionalidade que surgem historicamente e são, em certo sentido, contingentes. Na medida em que dizemos a verdade, obedecemos a um critério de verdade e aceitamos esse critério como obrigatório. Aceitá-lo como obrigatório é assumir que a forma de racionalidade na qual se vive é primária ou inquestionável; portanto, dizer a verdade sobre si tem um preço, e o preço desse dizer é a suspensão de uma relação crítica com o regime de verdade em que se vive.

Para além da inquietante reflexão sobre o preço do dizer a verdade sobre si em memoriais de professores titulares, os quais, segundo Foucault e Butler, nos levam à perspectiva da suspensão da relação crítica com os regimes de verdade que nos subjetivam, reforço que as práticas de reconhecimento, como é o caso da promoção na carreira docente, são formas de poder.

Foucault ([1984] 2017), ao estudar as relações dos sujeitos consigo, em *História da Sexualidade: o uso dos prazeres* trará à cena a relação do reconhecimento de si com as práticas discursivas e com as normas subjetivadoras. Ao examinar tais práticas que levaram os sujeitos a prestar atenção a si próprios e a se interrogar sobre seus desejos, o sujeito descobriria a verdade sobre si.

No caso dos memoriais, penso que a interrogação seja mais da ordem do: O que me constitui como professor?; ou: Isto pode me tornar apto para promoção de professor titular? O que devo/posso/quero dizer para ser reconhecido como alguém que merece esse cargo? Quais as verdades que, na racionalidade aceita inclusive por mim, devo proferir sobre o que me torna vir-a-ser o que sou?

Foucault ([1977] 2010), em uma entrevista, refere que “se ‘digo a verdade’ sobre mim mesmo como eu o faço, é porque, em parte, me constituo como sujeito através de um certo número de relações de poder que são exercidas sobre mim e que exerço sobre os outros”. No entendimento de Butler (2017, p.159), tal afirmação seria o mesmo que dizer: “se as relações de poder pesam sobre mim enquanto digo a verdade, e se, ao dizê-la, exerço o peso do poder sobre os outros, então não estou apenas comunicando a verdade quando digo a verdade”.

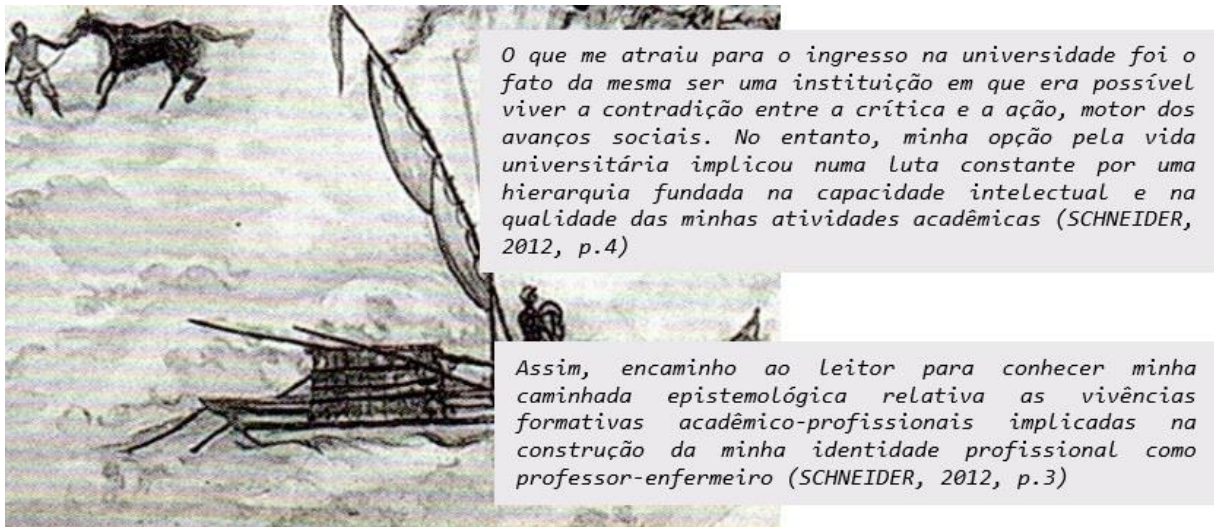


Imagem 29: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Panorama da Guanabara* (Adriana Varejão, 2012). Elaborada pela pesquisadora (2021).

Penso que as escritas dos professores titulares nos memoriais não se mostram apenas como comunicação de uma verdade sobre si; eles também exercem “o poder no discurso, usando-o, distribuindo-o, tornando-me o lugar de transmissão e replicação”, e assim seria como dizer: “estou falando, e minha fala transmite o que tomo como verdadeiro. Mas minha fala também é um tipo de fazer, uma ação que acontece no campo de poder e que também constitui um ato de poder” (BUTLER, 2017, p. 159).

Penso que nos memoriais os sujeitos produzem a si, e mostram aos outros, possíveis modos de ser professor na Escola de Enfermagem que garantiriam o acesso, o reconhecimento ao cargo de professor titular. Os memoriais dos já titulares passam a servir de modelos às outras professoras que almejam esse cargo. É interessante notar que professores costumam ler os memoriais uns dos outros para saber como escrevem, o que destacam, o que fazem num entendimento de que esses memoriais constituem modelos de ser professor. Os memoriais produzidos por esses sujeitos são lidos em ritual público, assim como nos lembra o ritual público dos julgamentos na época de Pierre Rivière. Aos que foram assistir, a produção própria e o processo de constituição de si como titular ganham os ouvidos da comunidade, servindo de exemplo.

“Há que se tratar as coisas filosoficamente. A filosofia é também uma prática muito amigável”<sup>49</sup> são frases que volta e meia reverberam em meus pensamentos, tantas vezes ditas pela professora Rosa Fisher. Estas frases fazem referência a um episódio em que Foucault pronunciou essas duas frases a um amigo encarregado de cuidar de sua casa quando, ao retornar de viagem, encontrou sua bananeira morta por falta de água. Arrisco-me a escrever que o pensar sobre o escrever e os saberes e poderes na

49 Rosa Fischer, ao longo de seus seminários (*Poéticas de processos criativos: nas artes, na educação* - mar./jun. 2017 e *Seminário avançado Michel Foucault - textos escolhidos* - ago./nov. 2018), por muitas vezes lembrou um episódio relatado no livro *Ce qu'aimeur veut dire*, de Mathieu Lindon. A tradução foi realizada por mim das frases: “*Il faut prendre les choses avec philosophie. La philosophie est aussi une pratique très amicale*” (LINDON, 2011, p.122). Vejo nessa situação relação entre vida e filosofia e entre o que posteriormente apresentarei como estética da existência.

constituição de sujeitos me possibilitou perceber certa identidade híbrida entre dois ofícios, a de docente e a de enfermeira. Foucault aponta para uma ordem amigável do pensar filosófico que poderia ser pensado tanto como corpo de conhecimentos quanto domínio discursivo, ou uma prova ou atitude (GRÓS, 2011).

Ao evitar classificar o que Foucault escreveu nas conhecidas “fases”, procuro articular seu pensamento em suas três dimensões – sobre os modos de produção e circulação de saberes e verdades, sobre as relações de poder e governamentalidade e sobre as formas de sujeição e subjetivação. A afirmação da inseparabilidade dos temas poder, saber e sujeito, o qual, nas palavras de Foucault seria a de “articulação entre os modos de verificação, as técnicas de governamentalidade e as práticas de si é, no fundo, o que sempre procurei fazer” (FOUCAULT, [1983-1984] 2011, p. 9).

No curso *A Coragem da Verdade*, Foucault serviu-me como inspiração para refletir sobre “a produção da verdade, o ato pelo qual a verdade se manifesta” (FOUCAULT, [1983-1984] 2011, p. 4). Fiz a leitura dos memoriais atentando-me não apenas à produção de saberes que operam na constituição do sujeito como também como uma prática, uma atitude de alguém num certo dizer-a-verdade, na relação que estabelece com outros.

Identifico na prática da escrita de memoriais a dimensão “das transformações éticas do sujeito, na medida em que faz depender sua relação consigo e com os outros de certo dizer-a-verdade” (GRÓS, 2011, p. 304). Com isto, atentei-me para um duplo sentido ético que vi nos memoriais: como os sujeitos podem se constituir ao manifestarem certas formas de dizer-a-verdade e, também, a atitude de transformação do sujeito que escreve e busca transformar não apenas o que sabe, mas a si próprio.

No momento, interessa-me ainda explicitar um outro aspecto da relação entre sujeito e verdade que se refere à prática desse dizer-a-verdade. Entendo que pensar sobre como as verdades se manifestam pode nos ajudar a compreender os limites da prática da escrita de memorial, assim como possíveis implicações em nos constituirmos como sujeitos.

No último curso de Foucault ([1983-1984] 2011), o filósofo apresenta quatro modalidades do dizer-a-verdade: o dizer-a-verdade da profecia, o da sabedoria, o da técnica, e o da *parresía*. Em sua análise, o autor examinou a forma como os sujeitos dizem a verdade e como são reconhecidos como alguém que diz a verdade, o que se apresenta diferente de analisar o que se diz como verdade. Para este filósofo, “muito mais do que personagens, a profecia, a sabedoria, o ensino, a técnica e a *parresía* devem ser considerados modos fundamentais do dizer-a-verdade”, e que, como tal, são “absolutamente fundamentais para análise do discurso, na medida em que, no discurso, se constitui, para si e para os outros, o sujeito que diz a verdade” (FOUCAULT, [1983-1984] 2011, p.27).

No dizer-a-verdade da profecia, o autor de *A Coragem da Verdade* apresentou algumas características: o profeta não fala em seu nome, ele transmite uma mensagem que vem de outro lugar (em geral, de Deus); na profecia, fala-se sobre o futuro, sobre o que está velado, sendo que a mensagem não é dita com total clareza, mas por enigmas que exigem interpretação de quem escuta. Quanto ao dizer-a-verdade da sabedoria, Foucault aponta que o sábio manifesta o que sabe quando é questionado ou quando há uma urgência na cidade; do contrário, permanece em silêncio. Quando se pronuncia, fala sobre o presente, sobre o mundo e sobre as coisas, sobre o que é e não sobre o que será, como o profeta, “ele é um sábio *per se*, e é seu modo de ser sábio como modo de ser pessoal que o qualifica como sábio, e o qualifica para falar o discurso da sabedoria” (FOUCAULT, [1983-1984] 2011, p. 17). Na modalidade do dizer-a-verdade do técnico, do professor, encontra-se o princípio da obrigação de falar. Foucault refere a diferença entre a forma de transmissão do saber por quem ensina e por quem exerce a *parresía*. Quem ensina não precisa ser corajoso, pelo contrário, é esperado que se estabeleça um vínculo (saber comum, herança, tradição, reconhecimento pessoal, amizade); já quem exerce a *parresía* “assume os riscos da hostilidade, da guerra, do ódio e da morte” (FOUCAULT, [1983-1984] 2011, p.24).

Compreendi a *parresía* como “a coragem da verdade naquele que fala e assume o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que pensa” e em simultaneidade, “a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve” (FOUCAULT, [1983-1984] 2011, p.13). Nessa direção, entendi que as bases da *parresía* se sustentam como uma pragmática do discurso que se coloca, a um só tempo, como uma virtude, um dever e uma técnica (MARCELLO; FISCHER, 2014). Uma segunda compreensão foi a de que nem todo dizer-a-verdade é parresiástico. A prática da *parresía* opõe-se à arte da retórica. Esta última, tal como praticada na Antiguidade, não implicava em corresponder a verdade de quem fala, diz-se algo para convencer o outro e não por crer na verdade do que se diz. Assim, a retórica não constitui uma forma do dizer-a-verdade.

Refleti sobre possibilidades dos modos de dizer-a-verdade em memoriais acadêmicos. Se, em meu projeto de tese cheguei a me questionar sobre a possibilidade de um dizer-a-verdade parresiástico em memoriais, isto é, de elementos escritos sob o signo da possibilidade de ruptura, da reprovação, do vexame, como identifico nas práticas de pintura de Adriana Varejão. Após ler os memoriais, vejo que estes se aproximam da prática do dizer-a-verdade do saber, da técnica, a partir da construção de escrita que narra seus currículos de vida acadêmicos, como se se tratasse de uma pintura de si aos moldes clássicos, semelhante ao traço da artista na obra *Testemunhas oculares X, Y, Z* (1997) na qual ela utiliza o fundo escuro para traçar retratos.



Imagem 30: *Testemunhas oculares*.  
Portrait. Adriana Varejão (1993).

Os currículos são pintados por evidências, por comprovações de carteira de trabalho, certificados, publicações, títulos, prêmios, que servem como ornamentação, como traje com que se apresentam os sujeitos da pintura, em suas características próprias, como área de trabalho, departamento. A descrição das atividades funciona como as vestimentas que trajam estes sujeitos, em sua melhor costura. A prática de escrita dos memoriais busca reforçar o lugar de saber. Saber sobre si, sobre como se tornou professora titular, de modo a não romper o quadro ou de operar cirurgicamente em seu modo de vista, olhos, corpo, de modo a proclamar alguma “verdade ferina”, alguma experiência trágica, conflitos que surgiram em suas subjetivações. Pinturas de si sem extirpação ocular como ocorre no autorretrato de Varejão na obra *Testemunhas oculares X, Y, Z* (1997).

INCISÃO IV – TINTAS POLVO: CONSTITUIÇÃO DE SUJEITOS ÉTICO-ESTÉTICOS



Imagem 31: *Tintas polvo. Polvo portraits, I, II, III (Classic Series)*. Adriana Varejão (1993).

“Mais do que tudo, e aí reside a poesia deste estudo – na estetização da existência pela via do trabalho, em colocar em primeiro plano a obra de si mesmo implicada na obra social e na crítica de si e da sociedade, portanto nem demasiadamente ingênua ou subjetivista, convencer-se desta possibilidade é uma questão de sobrevivência.”

Flávia Ramos (1995, p. 126).

“Qual a estética do trabalho em saúde? Que sujeito se revela no trabalho ou qual o espaço de expressão estética do trabalhador na saúde?” (RAMOS, 1997, p. 324). Estas foram as questões norteadoras de Flávia Regina Souza Ramos em seu doutorado em Filosofia da Enfermagem na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 1997. Longe de querer sintetizar a perspectiva desta autora, interesse-me pela potência da proposição, a “possibilidade do trabalhador se manifestar como sujeito de sua obra” (RAMOS, 2004, p. 413). Vejo nesse fragmento uma aproximação do sujeito trabalhador, objeto de reflexão de Ramos, ao modo de viver em que este esculpe sua própria existência, na relação que se estabelece consigo e com outros.

A perspectiva da estética da existência tem relação com o que Rolnik (1993) nos apresenta quando refere que o rigor estético não é um valor em si, é relacional e produz-se a partir das marcas subjetivas. No movimento de uma *escultura de si*, Michel Onfray (1995, p.57) lembra que “a ética-estética supõe essa arte de pintar-

se e de conhecer seus traços, suas formas, seus aspectos”. Nessa obra, a *escultura de si*, o olhar não é o narcísico, que “fica cego de si mesmo após o encontro com o seu próprio olhar”, mas o olhar genealógico, onde “visa menos o amor de si, a satisfação obtida com sua própria imagem, do que um apanhado global da situação” (ONFRAY, 1995, p.57-58), onde

(...) o olho deve então funcionar como o do estrategista no campo de batalha: procurará por pontos de passagem, fraturas, pontes, abismos, pântanos, vedadas, áreas, atalhos, espaços, toda uma geografia a partir da qual ele elabora os roteiros potenciais antes de efetuar um deles. (ONFRAY, 1995, p.58)

Entendo que é esse o olhar produzido por Adriana Varejão em *Tintas polvo* (Imagem 15), onde os autorretratos não servem para exaltar a beleza narcísica da artista, em vários tons de pele, mas tem postura ético-estética relacionada à reflexão genealógica acerca dos modos como nos constituímos como sujeitos que diferenciam a cor da pele e, com isto, atribuem-se valores e moralidades.

Em *Tintas polvo* (2013), a artista produziu a seleção de 33 cores de tinta, as quais foram utilizadas nas paletas dos autorretratos, como na imagem que abre esta incisão. A produção das tintas partiu de uma pesquisa de Varejão, que localizou uma lista de 126 termos relativos à cor da pele na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, em meados da década de 1970. Desta lista, Varejão selecionou 33 termos exóticos de auto-definições de cor, em suas variações de cores brancas, marrom e pretas. As cores fogoió, branca-suja, morena-bem chegada, amarelada, branca-melada, parda-morena, bugrezinha-escuro, café com leite, azul-marinho, branquinha, agalegada, chocolate, burro quando foge, morena-jambo, turva, queimada de praia, escurinha, mulatinha, encerada, sapecada, puxa para branca, bahiana, cabocla, cabo verde, cor de cuia, cor firme, mestiça, pálida, polaca, parda-clara, retinta, pouco clara e meia preta, que apresentam “essa mania nacional de negociar com a raça” e com que Adriana Varejão brinca ao dizer que não temos sangue nas veias, mas tinta (SCHWARTCZ, VAREJÃO, 2009, p.33-34).

Segundo Lilian Schwartcz, com frequência vê-se que, quando brasileiros são perguntados acerca de sua cor, estes fazem um arco-íris e introduzem termos de auto-definição (SCHWARTCZ, VAREJÃO, 2009). Esta antropóloga ainda comenta que:

Todos entendem que cor varia de acordo com a situação social, com a comparação, ou com o ambiente: não seria, portanto, um substantivo, mas uma relação. Além do mais, vários termos rodeiam a cor branca (branca suja, branca queimada, branca pálida, branca pura) e revelam como no Brasil, até os dias de hoje, branco é um valor simbólico, lembra pureza e ascensão social (...). Ao que tudo indica, brasileiros preferem descrever sua cor a ter que se submeter à origem ou à biologia. (SCHWARTCZ, VAREJÃO, 2009, p.34)

Na *escultura do eu*, em trilhas da estética da existência, Varejão produz autorretratos que mostram como nos tornamos o que somos, em relações que estabelecemos com outros, implicadas em uma *obra social e na crítica de si e da sociedade*, como nos aponta Ramos (1995). No exercício de aprender com estas e outros



autores, interrogo sobre modos possíveis de tornamo-nos sujeitos ético-estéticos, no foco da experiência da escrita dos memoriais. Como sugere Lispector (1998, p.21), “vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade”.

Associar-me nessa incisão, exercitando uma *ontologia do presente*<sup>50</sup>, esse trabalho filosófico de análise da constituição histórica de nossa subjetividade. Da crítica de nós próprias que “é, ao mesmo tempo, análise histórica de nossos limites e sinal da possibilidade de que eles podem – e devem – ser ultrapassados” (CALOMENI, 2011). Na interrogação filosófica da atualidade, cabe lembrar que saber o que acontece não é descrever o que ocorre, mas saber que se sabe como as coisas ocorrem e ver a *criação* diante dos olhos. É abrir incisões para recortes poéticos nômades. Produzir as próprias *tintas polvo*. Navegar sobre como nos tornamos o que somos, a partir da produção de sujeitos ético-estéticos nas escritas de si de docentes titulares.

Vou perder o resto do medo do mau-gosto, vou começar meu exercício de coragem, viver não é coragem, saber que se vive é coragem (LISPECTOR, [1964] 1998, p.24).

#### Tintas Polvo: Paleta para constituição de sujeitos ético-estéticos



Imagem 32: *Tintas polvo*. Adriana Varejão (1993).

50 Foucault trabalha com este conceito de ontologia do presente no livro *Coragem da Verdade* (FOUCAULT, [1983-1984] 2011). Em seu último curso no Collège de France, Foucault parte do clássico texto de Kant, “O que é esclarecimento” (*Aufklärung*) para apresentar uma interpretação própria sobre a função da filosofia. O autor constrói com Kant que a filosofia tem como propósito interrogar-se sobre sua própria atualidade.





*Os pacientes então denominados em fase final recebiam atenção apenas em suas necessidades básicas de higiene e conforto, alimentação e alívio da dor (...). Atentava para as maneiras de cuidar, tudo era mecânico, a conversa com os pacientes superficial, por vezes mediava a execução dos procedimentos realizados rigidamente dentro de princípios científicos aplicados à Enfermagem. Num sinergismo este fazer somavam-se aos gestos, posturas e uniforme impecável dos profissionais, assim como ao ambiente cuidadosamente organizado, as rotinas técnico-administrativas para o controle de material, medicamentos e equipamentos, realizados de tal modo que não se permitiam improvisos fora da rotina (CROSSETTI, 2012, p.3).*

Imagem 33: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Extirpação do mal por incisura* (Adriana Varejão, 1997). Elaborada pela pesquisadora (1994).

Na fabricação de tintas polvo, com intuito de pintar a possibilidade de constituição de sujeitos ético-estéticos a partir dos memoriais, destaco o incômodo de Crossetti (2012) face ao modo “mecânico” da experiência de cuidar que vivenciou em seu início de carreira. A partir desse trecho, imaginei aproximações com o campo sensível, em seu modo de constituição de sujeitos, ao firmar a tinta, suas questões, perguntando acerca dos limites do cuidado baseado em princípios científicos positivos que, como já nos mostrou Maria Henriqueta Luce Kruse, tratam-se de tecnologias que produzem “um certo jeito de olhar para o corpo que vai conformando o olhar da enfermeira, de modo que, ao final de sua formação, ela começa a ver os corpos dos pacientes hospitalizados como corpos frios” (KRUSE, 2004, p.90).

No modo descrito por Crossetti (2012) identifico os “corpos frios” de Henriqueta (2015, p.142) como aqueles “despojados de uma determinada identidade, sem história, vistos como iguais, pensados a partir de uma classificação, confinados em sua doença”, que são “produzidos na história e na cultura, portanto inventados discursivamente, a partir de determinados processos de controle, seleção, distribuição e organização desses discursos” (KRUSE, 2004, p.142) e que chamamos de realidade.

Embora leia diferentes caminhos nas elaborações sobre a realidade acerca do cuidado em saúde, vejo nas atitudes críticas das professoras Crossetti (2012) e Kruse (2014) indicativo do incômodo, proveniente de suas *marcas*, em relação ao modo mecânico, positivista, tecnicista e acrítico da prática da Enfermagem e que necessitam ser refletidos e modificados, como vi também menção no escrito de Eva Pedro (2016, p.10) quando referiu que teve um “*trabalho além de desafiador, muito angustiante e que mobilizava muitos sentimentos, como impotência, compaixão, tristeza, insegurança*” ao ter que puncionar crianças de tenra idade, e quando, posteriormente, passou a acompanhar alunos e ensina-los a cuidar “*nos momentos mais delicados e muitas vezes complexos do desenvolvimento humano, que é o processo de adoecimento, que fragiliza, impacta*” (PEDRO, 2016, p. 13).

No memorial de Crossetti (2012) é possível acompanhar que a ético-estética do cuidado é uma questão de vida para esta professora, quando apresenta sua tese de livre docência intitulada “Análise da estrutura das prescrições de enfermagem implicações assistenciais e educacionais”, defendida na década de 1990, na qual conclui que:



*(...) o foco de atenção das prescrições não eram os problemas de saúde dos pacientes e sim procedimentos de enfermagem e aspectos biológicos em que o raciocínio diagnóstico e julgamento clínico não se processavam diante do que evidenciava a condição clínica do paciente. Por isso prescreviam para o que estava na aparência, ou seja, para aquele sintoma manifesto pelo paciente ou para aquele sinal observado na avaliação física. A investigação era sistemática, contudo, sem um exercício crítico reflexivo de análise, comparação e síntese destes problemas de saúde dos pacientes, deixando de lado aspectos para mim essenciais, como os provavelmente eram sentidos pelos pacientes e seus familiares diante do convívio com doenças graves (...) (CROSSETTI, 2012, p.7).*

Imagem 34: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Extirpação do mal por revulsão* (Adriana Varejão, 1994). Elaborada pela pesquisadora (2021).

Neste último trecho é interessante notar que, na composição ético-estética de Crossetti (2012), é apontada a questão dos sentimentos dos pacientes e familiares como reflexão necessária pelas enfermeiras e, certamente, deve ser incorporada para a qualidade do cuidado. Em Motta (2014, p.22) li que o olhar para o outro com o intuito de “mitigar o sofrimento humano” é algo que considera a base de sua caminhada, quando nos conta a experiência da implantação do Serviço de Pediatria no Hospital de Clínicas, que previa o modelo de alojamento conjunto, possibilitando a permanência da mãe e/ou familiar junto às crianças em situação de vulnerabilidade.



*Ressalto que o comprometimento da equipe de saúde da pediatria com o modelo de Permanência Conjunta em Pediatria, prática de cuidado sensível, associando a intuição ao conhecimento técnico-científico, além da dimensão ética e estética, e trabalho em equipe, propiciou a consolidação dos referenciais de cuidado à saúde da criança, adolescente e família, suscitando visibilidade à Pediatria do HCPA e constituindo-se referência na área (MOTTA, 2014, p.14).*

Imagem 35: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Carnívoras* (Adriana Varejão, 2012). Elaborada pela pesquisadora (2021).

Nos memoriais de Crossetti (2012), Motta (2014) e Eva Pedro (2016) encontro a preocupação com o cuidado sensível que é fruto da reflexão, não apenas do espaço, mas na relação que estabelece com o outro, na qual “lidar com os questionamentos do outro é também uma maneira de nos encontrarmos” (PEDRO, 2016, p.15). Nestes fragmentos vi semelhança com as reflexões provocadas por Flávia Ramos, quando diz que:

O custo de voltar-se para si e “olhar para o que se é” (e portanto, para o que se foi e o que desejaria que se fosse) não é insignificante. Na introspecção o trabalhador descobre algo novo, que aprendeu/tornou-se o que julga sempre ter existido de modo latente. Revela-se, assim, não apenas como “ser essencial”, que se expressa em essência nas relações, mas também como “ser ético”, que escolhe conscientemente outros caminhos e outras possibilidades de ser. (RAMOS, 1995, p.77)

É curioso notar que ambas as professoras Crossetti (2012) e Motta (2014) adotam em suas escritas referencial fenomenológico, onde há reivindicação de estudos e modos de ver desses pensamentos teórico-filosóficos *“que agregados aos conhecimentos empírico, ético, estético e pessoal, reafirmaram minhas convicções e contribuíram para repensar e reorientar condições de meu ser docente-assistencial”* (CROSSETTI, 2012, p.10), onde *“as concepções de cuidado humano foram ampliando-se com a inclusão de outras dimensões a partir dos estudos de Vera Waldow, e o enfoque filosófico de Heidegger”* (MOTTA, 2014, p.24).

Interessante lembrar que a apropriação de saberes e a implantação destes na alma será operada e construída nas práticas de produções escritas, como orientações de pesquisa, artigos científicos, em modificações de protocolos de assistência e prescrições de enfermagem, além da produção de si nos memoriais. Com isto, quero dizer que vejo uma postura ético-estética nesse modo de constituição de sujeitos, na medida em que os indivíduos são interpelados pelas marcas, incômodos que vibram em si, a partir da relação com o outro, na prática da escuta, na sensibilidade ao sofrimento humano nos espaços hospitalares, que vão as constituindo como sujeitos ético-estéticos.

O detalhe do fragmento de Crossetti (2012), quando comenta sobre quatro modos de conhecimentos na Enfermagem, remeteu-me à perspectiva estética que vi surgir, em minhas leituras, em Barbara Carper (1978), referência clássica na Enfermagem na temática do cuidado sensível. Em sua formulação de doutorado, a estética passa a ser um padrão e uma forma de conhecimento legítimo e autônomo da Enfermagem, que se produz conjuntamente com os outros tipos de conhecimentos, como o empírico, o pessoal e o ético.

Para Baixinho et al (2014), que estudou a utilização do conhecimento estético entre estudantes de Enfermagem, este é sinônimo de arte da Enfermagem, que se expressa através de ações, comportamentos, atitudes, condutas e interações com pessoas, tendo como elementos centrais a intuição, interpretação, compreensão e valor possíveis de serem vistos na prática da Enfermagem, em suas formas de expressividade, subjetividade e sensibilidade. Na escrita de Andressa de Oliveira, Ana Paula Garcia e Vanessa Toledo (2017), que investigaram o cuidado em saúde mental, tal conceito é referido como empatia, escuta qualificada e alteridade, como indicadores de parâmetros para um conhecimento estético na Enfermagem. Tais compreensões sobre conhecimento estético e cuidado em Enfermagem como expressão de sensibilidade, de intuição e criatividade foram produzidos também em estudo de revisão de Karina Hammerschmidt, Ângela Borghi e Maria

Helena Lenardt (2006), no qual as autoras atribuíram esses sentidos aos termos “ética” e “estética” relacionados ao “cuidado em enfermagem” e/ou “cuidado gerontológico”.

Fico a pensar que a proposta do conhecimento estético parte de que “o saber científico supõe que existe a verdade por toda a parte, a todo instante, que qualquer pessoa, dotada dos instrumentos necessários, pode descobri-la, e a ela aceder” (CASTRO, 2016, p. 421-423). Nesse parâmetro, restaria ao sujeito estético encontrar modos de produzir verdade sobre o cuidado, por meio do conhecimento estético, tanto afirmando-se como científico, como trazendo à cena aspectos que são desconsiderados pela ciência racionalista, como o cuidado sensível, presentes nos relatos dos memoriais.

Vejo em Carper (1978) que há certa crítica ao pensamento cartesiano que, “quando aplicado a algumas dimensões do cuidado em enfermagem (como na área de saúde mental), revela-se como descontextualizado, simplista e redutor” (MONTEIRO; CURADO; QUEIRÓS, 2017, p. 140). Mas de outro modo, entendo que ao tentar proporcionar o reconhecimento da/na Enfermagem do conhecimento estético como um de seus conhecimentos constituintes, seria importante rediscutir o cuidado humano, isto é, a relação que é estabelecida no campo do sensível, na reflexão e modo de se conduzir no contato com o outro, para lidar com situações como as relatadas por Crossetti (2012), Motta (2014) e Eva Pedro (2016).

Penso nos perigos que a proposição do conhecimento estético no cuidado de enfermagem mostra na vontade de saber da profissão, inclusive pouco modesta (vide excerto a seguir) que, ao produzir conhecimento em ambiente acadêmico e institucional hospitalar, amparado no status de ciência, pretende produzir uma verdade que propõe a estética como ciência. Tal escolha se mostra como uma estratégia de saber-poder na área da Enfermagem. Isto porque caberia ao sujeito produzir determinados conhecimentos - o conhecimento estético - para ver, resgatar e aplicar um cuidado sensível. E com isto, buscar um cuidado que:

(...) exige do profissional a compreensão, presença de espírito, habilidade, responsabilidade, capacidade, definição dos limites de atuação, e limites/atuações da profissão; promove a liberdade e a emancipação; desenvolve-se na pluralidade de situações; permite a expressão, subjetividade, a sensibilidade, o desejo de quem é cuidado; está pautado pelo respeito mútuo, igualdade, prazer; busca o bem-estar e a felicidade do ser cuidado e do cuidador; é um cuidado personalizado, resolutivo, participativo, integrado e digno. (HAMMERSCHMIDT; BORGE; LENARDT, 2006, p. 123)

Que vontade de saber e de poder se manifesta na reivindicação de que o cuidado é mais do que uma técnica, procedimentos ou empiria, sendo também produção/aplicação do conhecimento estético? Entendo que é no respaldo do conhecimento estético da Enfermagem que seria possível organizar os corpos doentes de modo a produzir aspectos subjetivos. No exame dos corpos sob cuidado estético, produzimos saberes. Tais saberes constituem nosso olhar quando produzimos o outro e a nós mesmos.

Outra possibilidade de produção do conhecimento estético é quando o sujeito chega à verdade a partir de um resgate de seu conhecimento enquanto ser, ao afirmar,

por exemplo, que o “resgate de aspectos humanos tais como a estética, os sentimentos, a cidadania, que foram alijados pela racionalidade científica moderna dessubjetivada” (TEIXEIRA, 2005, p. 91); ou ainda que “o conhecimento estético em enfermagem permite criar esta possibilidade de a pessoa alvo dos cuidados dizer dos seus vários modos de existir – no adoecimento, na cura, no *recovery*, ou nos processos de morrer” (MONTEIRO; CURADO; QUEIRÓS, 2017, p. 142), o que coloca-nos diante da situação, que na expressão de Foucault, “essa gente [referência a Heidegger] – a partir do momento em que faz com que o esquecimento do conhecimento desempenhe o papel de categoria fundamental da história da verdade – situa-se desde o começo nos privilégios do conhecimento” (CASTRO, 2016, p. 421-423). Essa possibilidade de esquecimento do ser enquanto ser também subjetivo força o sujeito moderno a buscar uma origem esquecida que, de certo modo, dialoga com questões debatidas na área da saúde conhecidas como humanização.

Longe de querer refutar a importância e efetividade do conhecimento estético para o trabalho na Enfermagem, chamo à atenção que esse saber atravessa nossa formação e nos produz enquanto sujeitos. Entendo que refletir sobre questões estéticas e ético-estéticas permite discutir a “lembrança de nossa humanidade” e de nossos sofrimentos, como também propor outros modos possíveis de sermos sujeitos, outros modos de nos conduzirmos na relação com o horizonte normativo. Assim,

(...) se questiono o regime de verdade, questiono também o regime pelo qual se atribuem o ser e minha própria condição ontológica. A crítica não diz respeito apenas a prática social determinada ou a certo horizonte de inteligibilidade em que surgem as práticas e instituições; ela também significa que sou questionada por mim mesma. (BUTLER, 2017, p. 36)

Volto ao estudo de Ramos (1995) na conversão do olhar para si, onde colocar “*em primeiro plano a obra de si mesmo implicada na obra social e na crítica de si e da sociedade não se situa na ingenuidade ou subjetividade, mas em uma questão de sobrevivência*”. Sobrevivência esta que relaciono com o desejo de que “haja poesia para alcançar o fim do dia”<sup>51</sup>.

Para Ramos (1997), a estética, ao se manifestar no cotidiano, em sua microestética, seria o modo de acontecer do sujeito na prática. Esse modo teria como manifestação a possibilidade de expressão de si em seu fazer e o de construir uma vida mais bela, a partir de seu desejo de criação, de realização em seu trabalho. Tal conformação estética estaria ligada a outro conceito, o de *éthos* (modo de ser). No deslocamento do conhecimento estético para uma prática ético-estética, a qualidade da palavra estética passa a ser concebida como uma atitude, como ação de expressar um modo de ser, diante do desafio das regras, limites, valores que sujeitam os profissionais de saúde em seu trabalho, como nos aponta Ramos, ou ainda, na escrita de memoriais acadêmicos.

---

51 Fotografei este escrito em um dos becos de Lisboa (Portugal), quando estava participando de um congresso, em outubro de 2018.



Nas palavras das docentes, encontrei-me com modo de ser sujeito *como estética da existência*, na escrita de memoriais, em certas “maneiras de viver em que o valor moral (...) provém de certos princípios formais gerais no uso dos prazeres, na distribuição que se faz deles, nos limites que se observa, na hierarquia que se respeita” (CASTRO, 2016, p.150-151).

Nessa relação entre escrita e subjetivação, a atitude de escrever acerca de si é um modo de produção de um *éthos*, no sentido grego, que Foucault apresenta como “um modo de ser do sujeito que se traduz em seus costumes, seu aspecto, sua maneira de caminhar, a calma com que se enfrenta os acontecimentos da vida” (CASTRO, 2016, p. 154-155), e que vi no relato de si das professoras Motta e Érica Duarte, quando dizem que:



*Ao revisitar o mundo vivido, com novos matizes, permitiu refletir, com certo distanciamento, os momentos vividos, as motivações, as fragilidades, fortalezas, as alegrias e conquistas que marcaram esta trajetória. A história de vida foi um elemento definidor no meu modo de ser no mundo, e sem dúvida, está imbricado no ser profissional (MOTTA, 2014, p.22)*

*Espero que os alunos tenham aprendido comigo, pois eu deixei que eles aprendessem a caminhar e depois correr sem medos. Mas e eu que já caminhava e não queria correr, o que será que aprendi? Posso dizer que aprendi muito. Eles me proporcionaram a possibilidade de abrir minha alma para as situações difíceis, minha mente para novas ideias e meu coração para gostar mais de pessoas. Esses aprendizados eu levo para o supermercado, para a livraria, ao estágio e para as avaliações, vão ao cinema sempre junto a mim, pois as mudanças que ocorrem se entranham em minhas células e não saem mais. Sem essas experiências eu não seria essa outra pessoa (DUARTE, 2018, p.14)*



Imagem 36: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Extirpação do mal por revulsão* (Adriana Varejão, 1994). Elaborada pela pesquisadora (2021).

Todas as vezes que leio estas palavras, no distanciamento dos *momentos vividos* de Motta (2014), e da pergunta *o que será que aprendi?* de Érica Duarte (2018) imagino duas mulheres no alto de uma grande montanha, como as da Cordilheira dos Andes. Em sua escalada íngreme, sob o vento frio, vejo uma história de vida, uma trajetória que leva à difícil tarefa de contá-la ao elaborar seu memorial. A imagem da subida da montanha coloca o corpo na experiência-limite de olhar para cada trecho do trajeto, sentir os passos que se deu, mostrar-se como sujeito de sua própria obra, inclusive de si, refletindo sobre os caminhos que possibilitaram subir a montanha, a própria carreira profissional e acadêmica.

Em momento seguinte, já consigo vê-la sentada, cabelos ao vento, mirando para baixo, vendo elementos da paisagem, pequenos no olhar, mas grandes em suas reflexões. Como num *exercício espiritual*, estas mulheres voltam para si diante do infinito e do que as cerca, de modo a elaborar suas práticas neste universo em que se encontram imersas. Refletindo sobre suas atividades acadêmicas, com o olhar direcionado para questões cotidianas do ofício de professoras universitárias, ligadas a temas clássicos da universidade moderna brasileira como ensino, pesquisa, extensão e gestão administrativa, entendo que se estabelece um olhar do alto sobre histórias vividas e caminhos percorridos.

Vejo nessa “prática voluntária, pessoal, destinada a operar uma transformação do indivíduo, uma transformação de si”, que Pierre Hadot (2016, p.116) nomeia como exercício espiritual, a atitude de refletir a partir da escrita de memoriais, aspectos significativos da trajetória profissional, assim como fatos considerados memoráveis, sem referência às pequenezas cotidianas que, certamente, ocorrem no dia-a-dia da vida universitária, e que não estão nos memoriais. Isto é, trata-se de um exercício que, ao expor certo discurso para outros, provoca uma transformação interior mudando a disposição que este indivíduo passa a ter de si.

Gosto de olhar para as escritas de memoriais como *exercícios espirituais*, que carregariam uma potência prática de formar, mais do que a de informar. Prática de estética da existência na qual sujeitos tornam-se o que são quando se manifestam como objetos de sua própria obra.

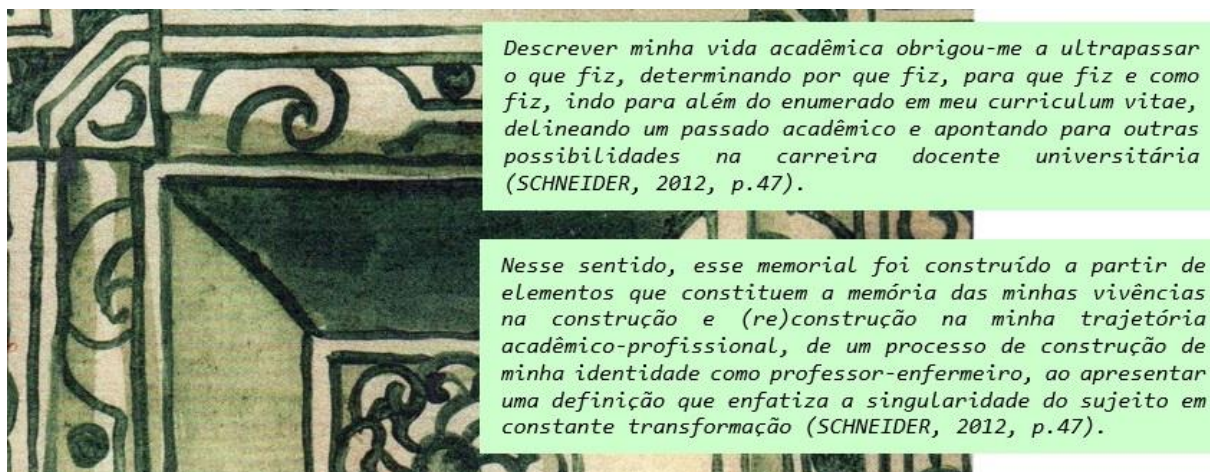


Imagem 37: Composição. Trecho de memorial e fragmento da obra *Irezumi em ponta de diamante* (Adriana Varejão, 1994). Elaborada pela pesquisadora (2021).

A ideia de exercícios espirituais foi também trabalhada em Foucault, embora este tenha a nomeado de outro modo, com outros nomes, como práticas de si, cultura de si, escrita de si.

A escrita é, assim, um elemento de exercício, e um elemento de exercício que traz a vantagem de ter dois usos possíveis e simultâneos. Uso, em certo sentido, para nós mesmos. É escrevendo, precisamente, que assimilamos a própria coisa na qual se pensa. Nós a ajudamos a implantar-se na alma, a implantar-se no corpo, a tornar-se como que uma espécie de hábito, ou em todo caso de virtualidade física (...).

De sorte que o exercício de ler, escrever, reler o que se tinha escrito e as anotações feitas, constituía um exercício quase físico de assimilação da verdade e do *Logos* a se reter (FOUCAULT, [1981-1982] 2010, p. 321).

No Curso *A hermenêutica do sujeito*, Michel Foucault ([1981-1982] 2010) tece uma genealogia do sujeito na civilização ocidental a partir de leituras de textos gregos, provenientes da Antiguidade clássica. Na obra, Foucault traça breves considerações acerca do lugar relevante que se estabelece entre leitura e escrita e desta como prática constituidora de sujeitos.

A escrita de si constitui-se como exercício, um modo de assimilarmos, de implantarmos no corpo aquilo que se lê e pensa e, deste modo, tatuarmos em nossa pele proposições de discursos verdadeiros que guiam nossos modos de ser. Estas noções, provenientes do período anterior ao Cristianismo, são permeadas por continuidades e rupturas e não pretendem investigar a origem de certas práticas (como, por exemplo, a da escrita de si), ou de propor soluções para os problemas da atualidade, mas sim buscar no recorte de práticas históricas e culturais outros modos de nos constituir como sujeitos.

Olhar para práticas ético-estéticas de escrita de si é elaborar sobre nossas paletas de cores *Tinta polvo*. Ver nomes, cores, formas de reconhecimento e de produção de nós mesmas que estamos a pintar enquanto professores titulares, enfermeiras, docentes, pesquisadoras, extensionistas, autoras. É laparotomizar nossos corpos e abrir regimes de verdades.



**CAPÍTULO V – EXTIRPAÇÃO DO MAL POR OVERDOSE:  
CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Imagem 38: *Extirpação do mal por overdose*. Adriana Varejão (1994).

“Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias. Mas preparado estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos. Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e o seu desespero. E agora só quereria ter o que eu tivesse sido e não fui.”

Clarice Lispector ([1977] 1992, p.25).

Como escreve Clarice Lispector ([1977] 1992, p.25), “tudo no mundo começou com um sim”. Ao início desta tese, apresentei o convite ao naufrágio; o convite ao risco do naufragar na dimensão que só a experiência pode produzir; o convite à leitura de uma escrita que vibra na extremidade do próprio saber. Agora, ao final, desponto *discretamente pela saída da porta dos fundos*, com lembranças que adulteram imagens, apagam inscrições na pele, que vejo oferecer na obra *Extirpação do mal por overdose* (1994). A escolha desta obra (Imagem 17) veio primeiro como afeto, como sentimento, como desejo de finalização de processo de experiência intenso como é o da produção de tese, de produção de escrita que transforma, que subjetiva, que produz a quem escreve. *Extirpar o mal por overdose* é o que busquei como fim para o “sim” que venho dizendo há quase cinco anos.

Como na epígrafe, sinto que escrevi *por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens*. Com a escrita da tese, veio a abertura ao mundo acadêmico, às experiências e perspectivas docentes, o lugar de sobra que permite, inclusive, a possibilidade de ser mãe de uma criança pequena, cujo trabalho assistencial como enfermeira, em lugares considerados insalubres, com longas jornadas, limita. Nesse lugar onde vi *sobrar* bolsas de estudo para doutorandos, e o *sobreviver* com pouco recursos é lugar também de *sobrar* intensidades. E se nada tinha a fazer no mundo, além de sobrar, junto àqueles e aquelas que buscam emprego, amor, moradia e atividades lúdicas para ocupar os dias, busquei encontrar algo que me estava além. Não queria só viver, queria *saber que se vive*, como se vive, como nos encoraja Lispector ([1964] 1998).

Na *terra dos homens* vivi, em intensas e prolongadas doses, leituras imersivas de “clássicos”. Selecionei meus prediletos e os expus no corpo do texto e nas referências. Iniciei pela curiosidade com os escritos de Foucault, que havia deixado seus rastros no final de minha dissertação de mestrado na Saúde Coletiva, em meados de 2014. Com Foucault, vieram muitos outros, como comentei no capítulo de abertura dessa navegação. Todavia, após qualificação de tese, em 2019, comecei a notar que a imersão em literaturas “clássicas”, datadas de séculos anteriores, nas áreas das Humanas (ao menos, as que fui encontrando pelo caminho), eram compostas, em sua grande maioria, por homens. Quando me percebi, estava falando essa língua que se fala no mundo dos homens, sem nem se perceber que língua está a se falar. Em tempos

de revisão de heranças, de passado colonial, de constituição de si como sujeito, acredito que foi aí que tenha experimentando minha primeira overdose.

Como na epígrafe, *experimentei quase tudo*, inclusive a paixão e o seu desespero. Após a overdose, passei a mapear a língua das mulheres. Talvez por isso tenha ganhado cada vez mais corpo e tentado imbricar o gesto *coleccionadora*, trechos de autoras no campo das artes, como foi o caso de Varejão e Lispector, no campo da Enfermagem, com os memoriais, artigos, teses e, ainda, com a lembrança dos escritos de Fischer e Butler. Tomei as doses que consegui, desejando outros excessos, em perspectiva que hoje tem sido nomeada como decolonial, e que, assim como a obra de Varejão (Imagem 17),

(...) amplia seus domínios territoriais. Projeta-se pelos fios e tubos dos equipamentos hospitalares que participam desta representação e, de forma terapêutica e ambígua, processa sua atuação sobre o próprio corpo. Salva-o, pela overdose, do mal que o consumia.

A viagem náufraga trouxe com ela a *rotina de me ser e a novidade que é escrever*. Como aprendiz de pesquisadora, o escrever se constituiu numa operação avessa ao que se pensa e, também, ao que se é; ou seja, “operação avessa, ademais, a qualquer apelo comunicativo ou normativo; em última instância, apenas superfície de irrupção de uma vida, somado aí seus revezes, suas circunvoluções e seu inacabamento compulsório” (RAMOS DO Ó; AQUINO, 2014, p.203). Neste ensaio que buscou entender, conhecer, modificar-se a partir da pergunta “*Como nos constituímos como sujeitos na prática da escrita acadêmica?*”, as incisuras funcionaram como modos de navegação, de cortes que, sem buscar linearidades, coerências entre si, foram passeando em linhas de devir e constituindo a experiência de reflexão desta investigação. Se, como nos mostra Jorge do Ó, a escrita é um trabalho sobre o sujeito que age como uma força agonística, cujo efeito sobre o universal é necessário e obrigatório; singularizar, contingenciar e mostrar o arbítrio; o encontro com o desconhecido força o descarte da previsibilidade e homogeneidade disciplinar que se apresentam em identidades e modos de vida contemporâneos, e, então, escreve-se “para aceder ao multiforme da existência” (RAMOS DO Ó, 2019, p.82).

Rabiscar com lápis, cortar com tesoura, expor vísceras e imagens sanguinolentas, selecionar fragmentos, foram formas de trabalhar com os memoriais produzindo barcos piratas que naufragam na experiência de questionar as regras e, ao mesmo tempo, propor novos diálogos com *heranças* das experiências de navegação. Trabalhar com mosaicos foi o modo sofrido e, simultaneamente, prazeroso, de implantar em corpo e alma trechos que ficarão na memória e em minha constituição de sujeito pesquisadora, que como em Lispector ([1977] 1992, p.30) “bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou intelectual, escrevo com o corpo”. Foi a partir de meu corpo, de minhas vísceras, dos incômodos do “retorno para a Enfermagem” que vi e escrevi os capítulos.

Tentei, no capítulo das *Musas acadêmicas*, fazer aparecer a espaço-temporalidade que transborda. Ali, nos fragmentos de memoriais precedentes, de materiais bibliográficos analíticos sobre estes e de normas jurídicas-institucionais, as *malhas do poder* atuam, paradoxais para a prática da liberdade e modos de existência. Na espessura desse capítulo, o território brasileiro, especialmente Rio Grande do Sul e São Paulo, são apresentados, assim como outros espaços mais concretos, como universidades com seus departamentos, reitoria, biblioteca, comitê de ética. Espaços de produção de saberes e poderes que estão na cena do processo de individualização dos sujeitos e que produzem essa prática da escrita de memoriais. Nas *Musas acadêmicas* vê-se que memoriais podem ser tecnologias políticas através das quais indivíduos tornam-se sujeitos e, nesse processo, criam saberes sobre si produzindo matrizes normativas de comportamento para outros. O lugar de formação desse modo de ser sujeito é a universidade que, a depender do interesse de seus interlocutores, poderia transbordar em histórias épicas, em historicismo ou, ainda, em produção de pensamento.

Foi na composição das musas que questionei nossas éticas institucionais que pressupõem o anonimato como norma, o sigilo como cuidado. Preferimos uniformizar os corpos, despi-los de humanidade, trata-los como iguais. Mas, ao fazermos isto, como nos mostrou Kruse (2004, p.16), também produzimos

(...) determinados saberes e poderes que, quando ensinados às enfermeiras, produzem um determinado jeito de cuidar dos pacientes hospitalizados [leia-se aqui pesquisar], que apesar de tantas vezes criticado, tem-se revelado produtivo e perdurado ao longo do tempo.

Mas se, como pesquisadora, questionei-me sobre a normatização da ética, a instituição respondeu-me prontamente à questão em forma de solicitação de vista aos fragmentos utilizados nos memoriais. Nada mais justo vindo de corpos vivos que respiram, produzem vida e seguem circulando nas *malhas do poder*. Assim, como na imagem da *Extirpação do mal por overdose* (1994), mostro os peitos nus aos que contribuíram com esta pesquisa, como um gesto de quem oferta o líquido azul-escuro para mais uma dose, mais uma rodada de leituras, escritas, extravasamentos.

No capítulo da *Azulejaria de cozinha com caças variadas*, passei a indagar questões relacionadas aos modos como construímos nossas formulações e delimitações teórico-metodológicas, como vamos nos tornando o que somos, nas relações que estabelecemos com os azulejos frios, de nossa racionalidade acadêmica, científica, moderna. É no confronto que há da carne com essa superfície lisa e fria que aparece a figura do sujeito herdeiro. Gosto de pensar que, a todo o tempo, incorporei a indagação acerca das heranças que gostaria de trazer para esta tese. Heranças que, por vezes, trouxeram-me risos, surpresas, indignação e admiração. A sensação de aceitar as heranças que atravessam e, ao mesmo tempo, colocá-las em um lugar, ora suportável, ora produtivo, ora inspirador, é a sensação de certa maturidade de quem

aprendeu a trabalhar com as próprias vísceras, aprendeu a calcular sua própria dose, embora sempre no limiar do risco de sobreposição, de superdose, de overdose.

A construção de um caminho para articular as ideias, sensações, desconfortos e efervescências encontrou passagem no modo ensaio, no pensamento nômade, na perspectiva de que também é “útil” perder tempo com insolúveis problemas. Se nos constituímos como sujeitos de saber, as categorias são formas que aparecem como moral arcaica e se alimentam de nossas heranças cartesianas. O ensaio ético-estético foi a forma de me colocar como investigadora do insolúvel problema que é a constituição do sujeito, em modo de ser reflexivo que apresentasse sua multiplicidade, no encontro com o desconhecido. Como lembro em Jorge do Ó (2019, p.81):

(...) o grande problema face à investigação, e que tentamos transpor para a realidade do texto, é e será sempre o de forçar o presente a sair dos processos de significação existentes e seus correlatos interditos, a disponibilizar-se a todo o tipo de encontro com o desconhecido.

Mas forçar o presente não é fácil. “É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados” (LISPECTOR, [1977] 1992, p.33). Talvez a dificuldade para elaborar ideias sobre os memoriais, a partir dos descaminhos propostos, é que tenha me feito sentir a dureza das peles *irezumi*, aquelas peles secas guardadas por longo tempo e que só se abrem com incisões de lâmina afiada. Na tese, as funções sugeridas do sujeito autobiográfico, sujeito autor, sujeito que produz verdade e sujeito que se esculpe ética-esteticamente foram algumas das possibilidades na qual encontrei modos de driblar as exigências teórico-metodológicas que tracei para a investigação e, assim, pude apostar num devir colecionador, no trabalho do pensamento sobre os memoriais.

Busco, com a imagem da *Extirpação do mal por overdose* (1994), além das várias outras de Adriana Varejão, abrir espaço para a tragédia ao lembrar que, embora ergamos a bandeira do bem, no topo da montanha da titularidade, ao nos tornamos o que somos, a partir das boas lembranças, das conquistas, das façanhas, dos aprendizados – ao nos tornarmos o que somos, devemos refletir sobre o preço da fabricação de nossas verdades, isto é, da escrita que constitui sujeitos professores titulares, em seus autorretratos.

Pensar na extirpação do mal é, em seu modo avesso, pensar também que há uma extirpação do bem, ou ainda, lembrar que podemos pensar para além do bem e do mal. Como nos lembra Rolnik (1993) há que se olhar para a tela não como um sistema de verdade com valor em si, mal ou bem, mas encarar o rigor ético-estético-político de abrir as marcas, as tatuagens, de modo a escutar a diferença que as leituras fazem em nós e operar nas forças que obstruem modos de se ver como sujeitos.

Sujeitos modernos que acreditam no progresso, que acreditam que o passado ficou enterrado, que o passado é história. Acreditar no progresso é estar com olhos

no futuro, é deixar de ver que é no presente que tudo acontece. É ver que o perigo se esconde em acharmos que o que aconteceu não voltará a acontecer, que não há nada a fazer sobre o que já foi.

Por fim, cabe dizer que, em minha rota das escritas, veio o naufrágio. Embora tenha buscado elaborar minha própria espaço-temporalidade não consegui na escrita da tese expor as diversas leituras e escritas acerca dessa prática. Os ventos levaram-me para outros rumos, embora tenha ficado com esta rota, a todo o tempo, vibrando em meu estômago.

Quem sabe, tenha aí substrato para mais uma dose.

## PREDILETAS: REFERÊNCIAS



Imagem 39: *O predileto*. Adriana Varejão (2005).

- ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: **Notas de literatura**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Oliveira. [1974]. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 15-45.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó-SC: Argos, 2009.
- ALCANTARA, Glete. **Memorial**. Ribeirão Preto, 1963.
- ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de. **Memorial**. Ribeirão Preto, 1992.
- ARTIÈRES, Philippe. Dizer a atualidade: o trabalho de diagnóstico em Michel Foucault. In: GROS, Frédéric (org.). **Foucault: Coragem da verdade**. São Paulo: Parábola editorial, 2004.
- BAlXINHO, Cristina Lavareda; PEREIRA, Isabel Carvalho Beato Ferraz; FERREIRA, Óscar Manuel Ramos; RAFAEL, Helga Marília da Silva. A arte e a aprendizagem dos padrões de conhecimento em enfermagem. **Rev. Esc. Enfermagem USP**, v.48, n.esp.2, p.172-178.
- BARROS, Mariana Luz Pessoa de. O discurso do prazer: uma análise semiótica dos memoriais acadêmicos. **Estudos linguísticos**, v.43, n.3, p.1469-1482, 2014. Acesso em 01 de Junho de 2021. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/537>
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. [1964]. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. [1925-1940]. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **Correspondência: Walter Benjamin, Gershom Scholem**. [1933-1940]. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- BENJAMIN, Walter. **Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas**. [1925-1934]. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. [1925]. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.
- BEZERRA, Bernadete L. R.; LAVERGNE, Rêmi Fernand. Os limites da expansão da excelência na ritualística de um concurso para professor titular. In: RODRIGUES, Lea Carvalho; SILVA, Isabelle Braz Peixoto (Orgs.). **Saberes locais, experiências transnacionais: interface do fazer antropológico**. Brasília/Florianópolis: ABA publicações, 2014, p.153-171. Acesso em 01 de Junho de 2021. Disponível em: [https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/37184560/Os\\_limites\\_da\\_expansao\\_da\\_excelencia\\_na\\_ritualistica\\_de\\_um\\_concurso\\_para\\_professor\\_titular.pdf](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/37184560/Os_limites_da_expansao_da_excelencia_na_ritualistica_de_um_concurso_para_professor_titular.pdf)
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. [1986]. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína P. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 7ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 183-191.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei 12.772, de 28 de Dezembro de 2012**. Dispõe sobre estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12772.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12772.htm). Acesso em: 02 de março de 2019.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei 12.863, de 24 de Setembro de 2013**. Altera a Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012, que dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos do Magistério



Federal. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/Lei/L12863.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/Lei/L12863.htm). Acesso em: 15 de agosto de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 510, de 07 de Abril de 2016**. Dispõe sobre normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html). Acesso em: 15 de agosto de 2020.

BROOK, Peter. **A porta aberta**: reflexões sobre a interpretação e o teatro. Tradução Antonio Mercado. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BUARQUE, Cristovam. Universidade e democracia. **Revista USP**, v.78, n.1, p.68-77, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i78p68-77>. Acesso em 18 de agosto de 2021.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CALOMENI, Tereza Cristina B.. A intempestividade da filosofia: a tarefa filosófica de pensar o presente. In: RESENDE, Haroldo de. **Michel Foucault**: transversais entre educação, filosofia e história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CÂMARA, Sandra Cristine Xavier. **O memorial autobiográfico**: uma tradição acadêmica do ensino superior no Brasil. TESE. Programa de Pós-graduação em Educação. Centro de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012, 167f.

CÂMARA, Sandra Cristine Xavier; PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no Brasil. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa (auto)biográfica**: narrativas de si e formação. Curitiba: CRV, 2013.

CANDIOTTO, Cesar. Sujeito, agonística e seus desdobramentos políticos no pensamento de Michel Foucault. In: NALLI, Marcos; MANSANO, Sonia Regina Vargas (Org.). **Michel Foucault**: desdobramentos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 29-40.

CARPER, Barbara. Fundamental patterns of knowing in nursing. **Adv Nurs Sci**, Gaithersburg (CO), n.1, v.1, p.13-24, 1978.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. **Foucault e a função-educador**. 2ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

CASTRO, Edgardo. Verbete Subjetivação. In: CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p.110.

CASTRO, Edgardo. Verbete Estética da Existência. In: CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p.150-151.

CASTRO, Edgardo. Verbete Verdade, jogo de verdade, vontade de verdade. In: CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p.421-425.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DELEUZE, Gilles. **O Pensamento Nômade**. [1972]. In: MARTON, Scarlett (Org.). Nietzsche Hoje? Colóquio de Cerisy. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. [1968]. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

DERRIDA, Jacques, ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã: diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

EGRY, Emiko Yoshikawa. **Memorial**. São Paulo, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: a arte de assinar o que se lê. In: Costa, M.V.; Bujes, M.I.E. (Org.). **Caminhos investigativos III: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras (Vol.1)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.117-140.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Poéticas de processos criativos: nas artes, na educação. **Seminário Avançado**. Programa de Pós-graduação em educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017, 4p.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: curso no Collège de France [1983-1984]**. 3ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. [1983]. In: MOTTA, Manoel B (Org.). **Ética, sexualidade, política**. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.144-162.

FOUCAULT, Michel. A filosofia analítica da política. [1978]. In: MOTTA, Manoel B (Org.). **Ética, sexualidade, política**. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.37-55.

FOUCAULT, Michel. A função política do intelectual. [1976]. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina**. Ditos e Escritos VII. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016b, p. 213-219.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. [1970]. 10ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. Apêndice da Segunda Edição. [1983]. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p.296-342.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas** [1974]. Rio de Janeiro: Nau, 1996, p. 7-160.

FOUCAULT, Michel. As malhas do poder. [1981]. **Barbarie**, v.3, n.5, p.34-27, 1982. Acesso em 28 de Julho de 2021. Disponível em <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstream/handle/10/26785/barbarie-1982-0005.pdf?sequence=4&isAllowed=y>

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. [1980]. In: MOTTA, Manoel B (Org.). **Repensar a política**. Ditos e Escritos VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 289-347.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros [1967]. **Estud. Avançados** [online], v.27, n.79, 113-122, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142013000300008&lng=en&nrm=iso. Doi10.1590/S0103-40142013000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300008&lng=en&nrm=iso. Doi10.1590/S0103-40142013000300008).

FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão...**[1973]. Rio de Janeiro: Graal Ltda, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Governo de si e dos outros**: curso no Collège de France [1982-1983]. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do sujeito**: curso no Collège de France [1981-1982]. 3ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. [1984]. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. [1971]. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Ditos e Escritos II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 260-281.

FOUCAULT, Michel. **O belo perigo**. [1968]. Conversa entre Michel Foucault e Claude Bonnefoy. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, Michel. O olho do poder. [1977]. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Repensar a política**. Ditos e Escritos VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.107-125.

FOUCAULT, Michel. O retorno de Pierre Rivière. [1976]. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina**. Ditos e Escritos VII. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016a, p.79-88.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? [1969]. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 2ª ed. Ditos e Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p.265-298.

FOUCAULT, Michel. O que são as Luzes? [1984]. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. 2ª ed. Ditos e Escritos II, 2005, p.335-351.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. [1982]. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, p.273-295.

FOUCAULT, Michel. Sobre as maneiras de escrever a história. [1967]. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Ditos e Escritos II. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 62-77.

FOUCAULT, Michel. Sou um pirotécnico. [1975]. In: POL-DROIT, Roger (Org.). **Michel Foucault: entrevistas**. Rio de Janeiro: Graal, 2006, p.67-102.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de si. **Verve**, São Paulo, v.6, p.321-360, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017/3559>. Acesso em 25 de agosto de 2021.

FOUCAULT, Michel. Theatrum Philosophicum. [1970]. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Repensar a política**. Ditos e Escritos VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 230-254.

FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. [1984]. In: MOTTA, Manoel B (Org.). **Ética, sexualidade, política**. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p.288-293.

FOUCAULT, Michel. Verdade e subjectividade (Howison Lectures). [1980] **Revista de comunicação e linguagem**, n.19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993, p.203-223.

GRÓS, Frédéric. Situação do curso. In: FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: curso no Collège de France [1983-1984]. 3ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

HADOT, Pierre. **A filosofia como maneira de viver**: entrevistas de Jeanne Carlier e Arnold I. Davidson. São Paulo: É Realizações, 2016.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 6ª reimpressão, 2020, p.103-133.

HAMMERSCHMIDT, Karina Silveira de Almeida; BORGHI, Ângela Cristina da Silva; LENARDT, Maria Helena. Ética e estética: envolvimento na promoção do cuidado gerontológico de enfermagem. **Texto e contexto**, v.15, n.esp., p.114-124, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000500013>

HERKENHOFF, Paulo. Pintura/Sutura. In: **Adriana Varejão**. Imagens de Troca, Lisboa: Instituto de Arte Contemporânea, 1998. Disponível em: <http://www.adriana varejao.net/br/textos/detalhe/3/herkenhoff-paulo-pinturasutura-in-adriana-varejao-sao-paulo-galeria-camargo-vilaca-1996-reeditado-em-imagens-de-troca-lisboa-instituto-de-arte-contemporanea-1998>. Acesso em: 02 de março de 2020.

HERKENHOFF, Paulo. Glória! O grande caldo. In: **Adriana Varejão**. São Paulo: Takano editora gráfica, 2001. Disponível em: <http://www.adriana varejao.net/br/textos/detalhe/2/herkenhoff-paulo-gloria-o-grande-caldo-in-adriana-varejao-sao-paulo-takano-editora-grafica-2001>. Acesso em: 02 de março de 2019.

HERKENHOFF, Paulo. Saunas, 2005. In: **Adriana Varejão**. Chambre d'échos/Câmara de Ecos. FondationCartierpour l'art contemporain/ActesSud, 2005. Disponível em: <http://www.adriana varejao.net/br/textos/detalhe/1/herkenhoff-paulo-saunas-2005-in-adriana-varejao-chambre-dechoscamara-de-ecos-fondation-cartier-pour-lart-contemporainactes-sud-2005>. Acesso em: 02 mar. 2019.

HOLMES, Dave; GAGNON, Marilou. Power, discourse, and resistance: poststructuralist influences in nursing. **Nursing Philosophy**, v.19, n.1, 2017, p.e12200.

HORTA, Wanda. **Memorial**. 1975.

HORTA, Wanda. **Memorial**. 1977.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777>. Acesso em: 14 de abril de 2020.

INGOLD, Tim. Las certezas engendran conflictos incontrolables. In: YANES, Berta Ares. **Revista de Letras**. 2016. [Internet]. Disponível em: <https://revistadeletras.net/tim-ingold-las-certezas-engendran-conflictos-incontrolables/>. Acesso em: 14 de abril de 2020.

KATO, Karina; LIMA, Socorro; SCARPELINE, Biancca (Org.). **Memórias e trajetórias acadêmicas: o rural como objeto de reflexão e vida: volume 1**: memoriais de Luiz Flávio de Carvalho Costa, Maria José Teixeira Carneiro, Renato Sérgio Jamil Maluf [recurso eletrônico]. Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ, 2018a.

KATO, Karina; LIMA, Socorro; SCARPELINE, Biancca (Org.). **Memórias e trajetórias acadêmicas: o rural como objeto de reflexão e vida: volume 2**: memoriais de Héctor

Alimonda, Nelson Giordano Delgado, Peter May [recurso eletrônico]. Seropédica, RJ: Ed. da UFRRJ, 2018b.

KLEE, Paul. **Diários**. [1879-1940]. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KRUSE, Maria Henriqueta Luce. **Os poderes dos corpos frios: das coisas que se ensinam às enfermeiras**. Brasília: ABEn, 2004.

LARROSA, Jorge. Operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação e realidade**, v.29, n.1, p.27-43, 2004.

LEJEUNE, Philippe. [1971]. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** [1964]. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. Escrever. [1968]. In: LISPECTOR, Clarice. **Todas as crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018, p.143-144.

LISPECTOR, Clarice. Como é que se escreve. [1968]. In: LISPECTOR, Clarice. **Todas as crônicas**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2018b, p.172.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. [1977]. 19ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

LUKÁCS, Georg. **A alma e as formas: ensaios**. [1911]. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

LUNARDI, Valéria Lerch. Relacionando enfermagem, gênero e formação disciplinar. **Rev.Bras.Enferm.**, v.46, n.3/4, p.286-295, jul./dez., 1993. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71671993000300012>

MARCELLO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Cuidar de si, dizer a verdade: arte, pensamento e ética do sujeito. **Pro-posições**, v.25, n.2 (74), p.157-175, 2014.

MENDONÇA, Heloísa. Queermuseu: O dia em que a tolerância pegou uma exposição para cristo. **El país** [online]. 13 set 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425\\_555164.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html). Acesso em 15 de março, 2021.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. Experiência e narrativa: artefatos políticos de pesquisa. **ECOS**, v.5, n.2, 2015, p.201-208. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1352/1206>. Acesso em 15 de março de 2021.

MONTAIGNE, Michel. **Os ensaios: uma seleção**. [1595]. Org. SCREECH. Trad. D'AGUIAR, Rosa Freire. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras. 2000.

MONTEIRO, Ana Paula Teixeira Vieira; CURADO, Manuel; QUEIRÓS, Paulo. Biotecnologia: revolução digital e conhecimento estético em enfermagem. **Revista de Enfermagem Referência**, v.iv, n.13, p.139-146, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12707/RIV17020>

MORAES, Marcos. **Adriana Varejão**. São Paulo: Folha de São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2013. (Coleção Folha Grandes Pintores Brasileiros, v.5)

NERI, Louise. Admirável mundo novo: os territórios barrocos de Adriana Varejão, 2001. In: **Adriana Varejão**. Takano Editora Gráfica, São Paulo, 2001. Disponível em:

<http://www.adriavarejao.net/br/textos/detalhe/4/neri-louise-admiravel-mundo-novos-territorios-barrocos-de-adriana-varejao-2001-in-adriana-varejao-takano-editora-grafica-sao-paulo-2001>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

NIGHTINGALE, Florence. **A arte da enfermagem**. [1871]. *Annaes de Enfermagem*, v. 18, n. 1, p. 6, 1946.

OGUISSO, Taka. **Memorial**. São Paulo, 1976.

OLIVEIRA, Andressa; GARCIA, Ana Paula Rigon Francischetti; TOLEDO, Vanessa Pellegrino. Padrões de conhecimento utilizado por enfermeiros no cuidado ao paciente em primeiro surto psicótico. *Esc. Anna Nery*, v.21, n.3, p. :e20170001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2017-0001> . Acesso em 18 de agosto de 2021.

ONFRAY, Michel. **A escultura de si: a moral estética**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PADILHA, Maria Itayra; BORENSTEIN, Miriam Süsskind; SANTOS, Iraci dos (Orgs.). **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul: Difusão editora, 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. *Educação*, v.34, n.2, p.147-156, 2011. Acesso em 28 de Julho de 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: escritas de si como arte de (re)conhecimento. In: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; SOUZA, Elizeu Clementino (Orgs.). **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: UFBA, 2010, p.19-44. Acesso em 01 de Junho de 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19048/1/Memoriais,%20literatura.pdf#page=20>

PASSEGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. **Memorial acadêmico: gênero, docência, geração**. Natal: EDUFRRN, 2011a, v.1.

PASSEGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. **Memorial acadêmico: gênero, injunção institucional, sedução autobiográfica**. Natal: EDUFRRN, 2011b, v.2.

PEREIRA, Fabiano Danilo Oliveira; DANTAS, Raul Brener; OLIVEIRA, Déborah Raquel Carvalho de.; PADILHA, Maria Itayra; TEODÓSIO, Sheila Saint-Clair. **Biografias de enfermeiras brasileiras: constructos da identidade da profissão**. *Hist. enferm. Rev. Eletrônica [Internet]*, v.10, n.2, p.23-34, 2019. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/v10/n2/a2.pdf>. Acesso em 18 de agosto de 2021.

RAMOS, Flávia Regina Souza. As várias formas de amar e o nosso trabalho. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.57, n.4, p.412-416, 2004.

RAMOS, Flávia Regina Souza. **Obra e manifesto: o desafio estético do trabalhador da saúde**. TESE. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. 1995. 171p.

RAMOS DO Ó, Jorge Manuel Nunes. **Fazer a mão: por uma escrita inventiva na universidade**. Lisboa: Edições do saguão, 2019.

RAMOS DO Ó, Jorge Manuel. **Seminário Avançado**. Programa de Pós-graduação em educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017, 4p.

RAMOS DO Ó, Jorge, AQUINO, Julio Groppa. Em direção a uma nova ética do existir: Foucault e a experiência da escrita. **Educação e Filosofia Uberlândia**, v. 28, n. 55, p. 199-231, 2014.

REGO, Tereza Cristina. Trajetória intelectual de pesquisadores da educação: a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos. *Rev. Bras. Educ.*, v. 19, n. 58, p. 779-800, 2014. doi: 10.1590/S1413-24782014000800013

ROLNIK, Sueli. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018, 208 p.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de subjetividade*, v.1, n.2, p.241-251, 1993. Acesso em 27 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>

SANTOS, David. **A palavra imperfeita**: escritos sobre artistas contemporâneos. Coimbra: Documenta, 2018.

SARDUY, Severo. Irezumi. In: SCHWARCZ, Lilia; VAREJÃO, Adriana. **Pérola imperfeita: a história e as histórias na obra de Adriana Varejão**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Gabriela Belo da; CASTRO NETTO, Mônica Inês de. A construção do ethos em memoriais acadêmicos de docentes. *Revista Anápolis Digital*, v.2, n.3, 2020. Acesso em 01 de Junho de 2021. Disponível em: <https://portaleducacao.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wp-content/uploads/vol12/6.pdf>

SILVA, Wilton Carlos Lima da Silva. Escrita de si com e sem reservas: memoriais acadêmicos femininos de titularidade (USP - UNICAMP, 2000-2015). *Patrimônio e memória*, v.16, n. 2, p.192-220, 2020. Acesso em 01 de junho de 2020. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1228>

SILVA, Wilton Carlos Lima da Silva. Saber se inventar: o memorial acadêmico na encruzilhada da autobiografia e do egodocumento. *Métis: história & cultura*, v.15, n.30, p.44-67, 2016. Acesso em 01 de junho de 2020. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/4934>

SILVA, Wilton Carlos Lima da Silva; VIEIRA, Rafaela Duarte. De lá para cá: classe, raça e gênero em narrativas autobiográficas de antropólogas em memoriais acadêmicos (USP/UNICAMP, 2004-2014). *Amazonica - Revista de Antropologia*, v. 11, n.1, p.59-81, 2019. Doi: <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v11i1.6695>

SCHWARCZ, Lilia Moritz; VAREJÃO, Adriana. **Pérola imperfeita**: a história e as histórias na obra de Adriana Varejão. Rio de Janeiro: Cabogó, 2014.

TEIXEIRA, Enéas Rangel. O ético e o estético nas relações de cuidado em enfermagem. *Texto e Contexto Enfermagem*, v.14, n.1, p.89-95, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 6ª reimpressão, 2020, p.7-72.

VAREJÃO, Adriana. **Adriana Varejão**: entre carnes e mares. Rio de Janeiro: Cobogó, 2009.

VAREJÃO, Adriana. Adriana Varejão abre mostra 'Talavera' com obras inéditas em NY. **GPS Lifetime**. 04.05.2021. Atualizado 18.08.2021. [Internet]. Disponível em:



<https://gpslifetime.com.br/conteudo/entretenimento/arte/80/adriana-varejao-abre-mostrata-lavera-com-obras-ineditas-em-ny>. Acesso em 18 de agosto de 2021.

VAREJÃO, Adriana. *Chambre d'échos/Câmara de Ecos*. Entrevista com Hélène Kelmachter, 2004. In: **Adriana Varejão**. *Chambre d'échos. Câmara de Ecos*. Fondation Cartier pour l'art contemporain: Actes Sud, 2005.

VAREJÃO, Adriana. **O Sedutor**. Óleo sobre tela, 230 x 530 cm, 2005.

VAREJÃO, Adriana. **Panorama da Guanabara**. Óleo sobre tela, 120 x 550 cm, 2012.

VAREJÃO, Adriana. **Varal**. Óleo sobre tela, 165 x 195 cm, 1993.

VAREJÃO, Adriana. **Naufrágio da Nau da Cia. das Índias**. Óleo sobre tela, 230 x 530, 2005.

VAREJÃO, Adriana. **Varejão acadêmico - Musas**. Óleo sobre tela, 140 x 160 cm, 1997.

VAREJÃO, Adriana. **Azulejaria de cozinha com caças variadas**. Óleo sobre tela, 230 x 530 cm, 1995.

VAREJÃO, Adriana. **Figura de convite I**. Óleo sobre tela, 200 x 200 cm, 1997.

VAREJÃO, Adriana. **Laparotomia exploratória I**. Óleo sobre tela e massa epoxi, 190 x 220 cm, 1996.

VAREJÃO, Adriana. **Duplo reflexo do outro (díptico)**. Óleo sobre tela, 80 x 64 cm, 45 x 27 cm, 1999.

VAREJÃO, Adriana. **Big polvo color wheels**. Óleo sobre tela, 230, 2018.

VAREJÃO, Adriana. **O iluminado**. Óleo sobre tela, 230 x 560 cm, 2009.

VAREJÃO, Adriana. **Testemunhas oculares X,Y,Z**. Óleo sobre tela, porcelana, fotografia, prata, vidro e ferro, 200 x 250 x 35 cm, 85 x 70 cm cada tela, 16 x 88 x 25 cm cada objeto, 1997.

VAREJÃO, Adriana. **Celacanto provoca maremoto**. Óleo e gesso sobre tela, 440 x 1320 cm, 4 x 12 telas 110 x 110 cm, 2004.

VAREJÃO, Adriana. **Tintas polvo**. Óleo sobre tela, 230, 1993.

VAREJÃO, Adriana. **Extirpação do mal por incisura**. Óleo sobre tela e objetos, 265 x 320 x 180 cm, 220 x 190 cm tela, 100 x 185 x 50 cm maca, 1994.

VAREJÃO, Adriana. **Extirpação do mal por revulsão**. Técnica mista, 180 x 150 x 15 cm, 1994.

VAREJÃO, Adriana. **Carnívoras**. Óleo e gesso sobre tela, 54 telas de 98,5 x 98,5 cm, 3 telas 98,5 x 50 cm, 2012.

VAREJÃO, Adriana. **Irezumi em ponta de diamante**. Óleo sobre tela e pele animal, 200 x 200 cm, 1997.

VAREJÃO, Adriana. **Extirpação do mal por overdose**. Óleo sobre tela e objetos, 270 x 220 x 50 cm, 220 x 150 cm tela, 220 x 40 x 40 cm suportes, 1994.

VAREJÃO, Adriana. **O predileto**. Óleo sobre tela, 200 x 250 cm, 2005.

**APÊNDICE A - LISTA DE MEMORIAIS DE PROFESSORES TITULARES DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (2000 A 2020)**

<b>APROVADOS EM CONCURSO PARA PROFESSOR TITULAR NA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL</b>	
<b>NOME</b>	<b>ANO</b>
AGNES OLSCHOWSKY	2012
JACÓ FERNANDO SCHNEIDER	2012
ANA LUCIA DE LORENZI BONILHA	2012
MARIA DA GRAÇA OLIVEIRA CROSSETTI	2012

<b>PROMOVIDOS A CLASSE “E” (PROFESSOR TITULAR) NA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL</b>	
<b>NOME</b>	<b>ANO</b>
LIANA LAUTERT	2014
MARIA ALICE DIAS DA SILVA LIMA	2014
MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA	2014
MARIA HENRIQUETA LUCE KRUSE	2015
RICARDO BURG CECCIM	2015
EVA NERI RUBIM PEDRO (In memorian)	2016
CLARICE MARIA DALL’AGNOL	2017
DORA LÚCIA LEIDENS CORRÊA DE OLIVEIRA	2017
ÊRICA ROSALBA MALLMANN DUARTE	2018
TATIANA ENGEL GERHARDT	2018
MIRIAM DE ABREU ALMEIDA	2019
SÔNIA BEATRIZ COCARO DE SOUZA	2020

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a contribuir com minha pesquisa de doutorado intitulada *O ofício de escrever memoriais na Enfermagem: ensaio ético-estético sobre escrita de si*. A pesquisa tem como objetivos: constituir o ofício de escrever como uma prática acadêmica na Enfermagem, isto é, conferir visibilidade para questões sobre escrita na universidade a partir da análise de memoriais produzidos por ~~enfermeiras docentes~~ docentes titulares da Escola de Enfermagem<sup>52</sup>, e a de problematizar a constituição dos sujeitos, em processos de subjetivação e resistências, em escritas de memoriais, a partir da análise do *foco de experiência*. A análise documental utilizará o conceito foucaultiano de *foco de experiência*, articulando as noções de saber, poder e sujeito com as escritas dos memoriais de professores da Enfermagem da UFRGS.

Caso tenha interesse em contribuir com este estudo, a sua participação será no sentido de autorizar o fornecimento do seu memorial elaborado para promoção na carreira docente no Concurso de Professor Titular. O mesmo encontra-se na Secretaria da Escola de Enfermagem da UFRGS, responsável pelo arquivamento da documentação.

O estudo tem riscos mínimos relacionados ao constrangimento frente à divulgação de partes dos memoriais. Como benefício direto destaco a visibilidade da trajetória do professor titular em documentos históricos, da Escola de Enfermagem da UFRGS. Como benefício indireto, a organização e divulgação dos documentos históricos da instituição.

Sua participação é voluntária, e a não participação ou desistência após ingressar no estudo não implicará em prejuízo para o participante. Não está previsto pagamento pela participação no estudo, assim como não haverá custo para os sujeitos da pesquisa.

Como contrapartida ou devolução da investigação à comunidade acadêmica, para além da produção de tese (em defesa pública) e dos agradecimentos aos professores que contribuírem para o estudo, fico à disposição para organização de material, na direção da conservação da memória da instituição Escola de Enfermagem, que fará 70 anos em 2020.

---

52 Optei pela marcação sobretaxada para mostrar a alteração que foi realizada, após aprovação em CEP (CAEE nº 19396619.9.0000.5347), mas eticamente acatada após solicitação de ampliação do termo por professores titulares, conforme mencionado na p.36 desta tese.

Nesse projeto não está previsto o uso de anonimato por se tratar de material público. Entretanto, caso você prefira esta condição, peço que informe no momento de assinatura deste Termo, assinalando a opção.

Após a análise dos dados, entrarei em contato com os sujeitos da pesquisa para validação dos excertos utilizados. Tal procedimento segue a Resolução 510/2016 CNS Capítulo III Art. 9o, que trata dos direitos dos participantes, que versa: V - decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública).

Informo que as dúvidas poderão ser esclarecidas antes e durante o curso da pesquisa, através de contato com o pesquisador responsável Thaís Maranhão, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da professora Dra. Maria Henriqueta Luce Kruse, através do email maranhao.thais@gmail.com. Caso desejes, poderás entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS.

Este documento possui duas vias, sendo uma delas entregue a você e a outra mantida pelas pesquisadoras.

(    ) Autorizo que o memorial e/ou partes dele seja identificado com minha autoria.

(    ) Não autorizo que o memorial e/ou partes dele seja identificado com minha autoria.

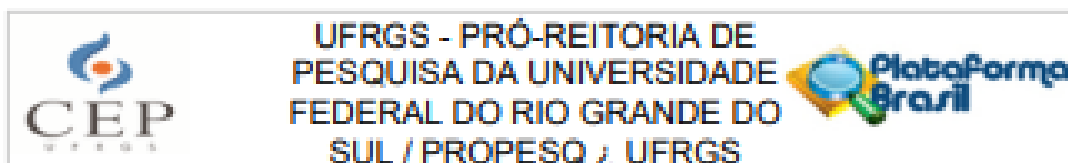
Porto Alegre, \_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Professor(a) participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura Doutoranda Pesquisadora PPGENF/UFRGS

Thaís Maranhão de Sá e Carvalho

## ANEXO A – PARECER DE APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** O OFÍCIO DE ESCREVER MEMORIAIS NA ENFERMAGEM: ENSAIO ÉTICO-ESTÉTICO SOBRE ESCRITA DE SI

**Pesquisador:** Maria Henriqueta Luce Kruse

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 19396619.9.0000.5347

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.593.318

## Apresentação do Projeto:

Segunda versão do Projeto de doutorado de Thais Maranhão, orientada pela Profa. Dra. Maria Henriqueta Luce Kruse (PPGENF/UFRGS).

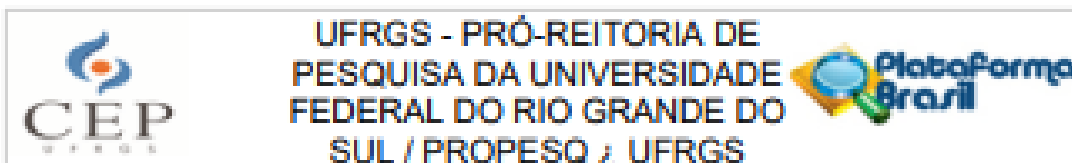
Trata-se de uma pesquisa documental, sob a perspectiva teórica-metodológica dos estudos foucaultianos. O corpus de pesquisa serão os 14 memoriais dos docentes titulares da Escola de Enfermagem da UFRGS. A análise documental utilizará o conceito foucaultiano de foco de experiência, articulando as noções de saber, poder e sujeito com as escritas dos memoriais de Enfermagem da UFRGS.

## Segundo descrito:

"Este projeto de tese se propõe a ensaiar ética-esteticamente sobre processos de subjetivação e constituição do sujeito, a partir da análise do foco de experiência da prática da escrita acadêmica de enfermeiras docentes, na especificidade de documentos conhecidos por memoriais.

Tem como objetivos constituir visibilidade para o ofício da escrita de memoriais, como uma das práticas acadêmicas na Enfermagem e problematizar a constituição dos sujeitos (enfermeiras docentes), em processos de subjetivação e resistências, em tais escritas, a partir da análise do foco de experiência. Trata-se de uma pesquisa documental, sob a perspectiva teórica-metodológica

**Endereço:** Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro  
**Bairro:** Farroupilha **CEP:** 91.040-000  
**UF:** RS **Município:** PORTO ALEGRE  
**Telefone:** (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 3.589.318

dos estudos foucaultianos.

O corpus de pesquisa serão 14 memoriais dos docentes que ingressaram na carreira de professor titular da Escola de Enfermagem da UFRGS, a partir dos anos 2000, tendo em vista as alterações na carreira ocorridas no período. Destas, 10 foram promovidas (a partir da Lei 12.863, de 2013), entre os anos 2004 e 2018. As demais realizaram concurso para o cargo, a partir do ano de 2012. Em função de tais documentos não estarem públicos, o projeto será submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS, e os professores serão convidados a participar da pesquisa disponibilizando seus memoriais. Serão respeitados os princípios éticos quanto aos direitos autorais, respeito a ideia e autoria, apresentação dos dados respeitando suas fontes, assim como a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510/16, de 07 de abril de 2017, que regula atividades de pesquisa em ciências humanas e sociais.

A análise documental utilizará o conceito foucaultiano de foco de experiência, articulando as noções de saber, poder e sujeito com as escritas dos memoriais de Enfermagem da UFRGS.

O período previsto para a conclusão desta investigação será o mês de novembro de 2020, e a divulgação dos resultados, prevista para o mês de fevereiro de 2021. Os custos da pesquisa serão cobertos com financiamento próprio. Todavia, vale ressaltar que a pesquisadora recebe bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.\*

**Critério de Inclusão:**

- Memoriais de docentes titulares da Escola de Enfermagem da UFRGS, a partir dos anos 2000.

**Critério de Exclusão:**

- Impossibilidade de contato com docente titular da Enfermagem, por falecimento.

**Objetivo da Pesquisa:**

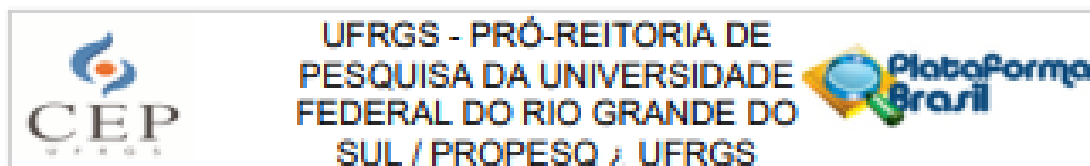
Analisar e problematizar a constituição dos sujeitos, em processos de subjetivação e resistências, em escritas de memoriais, a partir da análise do foco da experiência.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Pesquisa com riscos mínimos relacionados à constrangimento frente à divulgação de partes dos memoriais.

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro  
 Bairro: Farroupilha CEP: 91.040-000  
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
 Telefone: (51) 3308-3738 Fax: (51) 3308-4685 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 3.083.318

**Benefícios:**

**Diretos:** visibilidade da trajetória do professor titular em documentos históricos, da Escola de Enfermagem da UFRGS;

**Indiretos:** Organização e divulgação dos documentos históricos da instituição.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Ver apresentação

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Documentos apresentados na segunda versão:

- projeto completo alterado;
- TCLE (com solicitação explícita de autorização de identificação do nome/memorial) alterado;
- informações básicas da PE.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Em relação ao quanto solicitado no parecer anterior:

"Solicita-se que após a análise dos dados, antes de publicar a tese, os dados sejam repassados aos participantes para validação dos mesmos (conforme Resolução 510/2016 CNS Capítulo III Art. 9º São direitos dos participantes: V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública). Esta situação deve estar expressa no TCLE e no projeto."

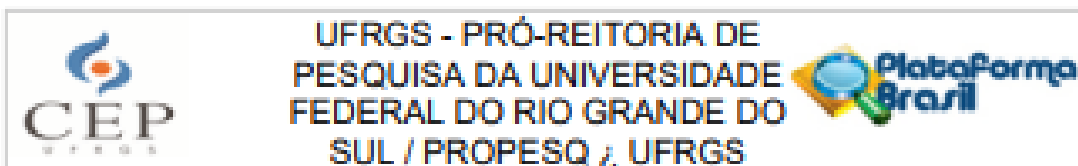
A autora refere no projeto:

"As questões éticas estarão em diálogo e rigor conforme a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1988, sobre os direitos autorais, respeito a ideia e autoria, a apresentação dos dados com fonte nitidamente apresentada, assim como a resolução Nº 510, de 07 de abril de 2017, que trata de pesquisa na área das ciências humanas e sociais, com destaque ao Art 9º da qual versa sobre os direitos dos participantes, no inciso V, onde refere o direito de decidir acerca de divulgação de identidade, assim como, em decidir sobre quais informações, dentre as que forneceu, podem ser usadas de forma pública."

E no TCLE:

"Após a análise dos dados, entrarei em contato com os sujeitos da pesquisa para validação dos excertos utilizados. Tal procedimento segue a Resolução 510/2016 CNS Capítulo III Art. 9º, que

**Endereço:** Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro  
**Bairro:** Farrowpilha **CEP:** 90.040-060  
**UF:** RS **Município:** PORTO ALEGRE  
**Telefone:** (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 3.583.318

trata dos direitos dos participantes, que versa: V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública).”

Sendo assim, o projeto encontra-se em condições de aprovação.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Aprovado.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1389791.pdf	17/09/2019 18:52:50		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCORRIGIDO.pdf	17/09/2019 18:51:38	Maria Henriqueta Luce Kruse	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLECORRIGIDO.pdf	17/09/2019 18:50:20	Maria Henriqueta Luce Kruse	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoProjetoThaisMaranhao.pdf	20/08/2019 18:40:40	Maria Henriqueta Luce Kruse	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PORTO ALEGRE, 23 de Setembro de 2019

Assinado por:  
**MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA**  
 (Coordenador(a))

Endereço: Av. Paulo Gama, 113 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro  
 Bairro: Farsópolis CEP: 96.040-000  
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE  
 Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4685 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br